



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Josiane Maria Tiago de Almeida

**ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A FENOMENOLOGIA E A
GESTALT-TERAPIA: CONTEXTO, APARIÇÕES TERMINOLÓGICAS
E SENTIDOS ENTRELAÇADOS**

UBERLÂNDIA

2022



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Josiane Maria Tiago de Almeida

**ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A FENOMENOLOGIA E A
GESTALT-TERAPIA: CONTEXTO, APARIÇÕES TERMINOLÓGICAS
E SENTIDOS ENTRELAÇADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Processos Psicossociais em Saúde e Educação.

Orientador(a): Prof. Dr. Tommy Akira Goto

UBERLÂNDIA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A447e
2022 Almeida, Josiane Maria Tiago de, 1969-
Estudo sobre as relações entre a fenomenologia e a gestalt-terapia [recurso eletrônico] : contexto, aparições terminológicas e sentidos entrelaçados / Josiane Maria Tiago de Almeida. - 2022.

Orientador: Tommy Akira Goto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.5041>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Psicologia. I. Goto, Tommy Akira, 1975-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

André Carlos Francisco
Bibliotecário - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 397, PGPSI				
Data:	Doze de maio de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	9:00	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	11912PSI009				
Nome do Discente:	Josiane Maria Tiago de Almeida				
Título do Trabalho:	<i>"A Gestalt-terapia e Fenomenologia: Influências, possibilidades e limitações"</i>				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Contribuições da Fenomenologia à Psicologia: investigação dos fenômenos psicossociais				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Adriano Furtado de Holanda - UFPR; Paulo Coelho Castelo Branco - UFC; Tommy Akira Goto, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Adriano Furtado de Holanda participou a cidade de Curitiba - PR, o Prof. Dr. Paulo Coelho Castelo Branco participou desde a cidade de Fortaleza - CE, o Prof. Dr. Tommy Akira Goto e a discente participaram da cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Tommy Akira Goto apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[Aprovada].

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Tommy Akira Goto, Presidente**, em 12/05/2022, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Coelho Castelo Branco, Usuário Externo**, em 12/05/2022, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Furtado Holanda, Usuário Externo**, em 12/05/2022, às 15:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3562871** e o código CRC **004D1BA3**.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



AGRADECIMENTOS

Eu tenho muitas pessoas a agradecer. Elas foram surgindo no meu caminho na hora certa, trazendo sementes e distribuindo generosamente no solo da minha vida. Algumas dessas sementes germinaram nesse trabalho de forma muito direta. Agradeço ao professor Tommy Akira Goto pelas preciosas sementes, adubos e podas! Obrigada por aceitar trilhar comigo esse percurso, a subida a uma montanha tão cheia de acidentes geográficos! A sua presença firme não me deixou ficar pelo caminho e nem desistir da jornada! Ao mesmo tempo, me ensinou sobre a complexidade da subida e as responsabilidades envolvidas no caminho. Muito obrigada!

Agradeço aos professores da banca de qualificação pelos apontamentos feitos na ocasião. Ao professor Adriano Holanda, agradeço por ter sido a primeira pessoa a despertar minha atenção para um outro olhar acerca da Fenomenologia! Não creio que tenha chegado a uma perfeita compreensão sobre suas palavras, mas espero ter aprendido a questionar! Ao professor Paulo Coelho Castelo Branco, gratidão por ter apontado caminhos que me permitiram delinear objetivamente um trajeto possível ante a imensidão de possibilidades. Sua ajuda foi fundamental a fim de me permitir prosseguir! Ao professor Mak Allison Borges de Moraes, gratidão pelas contribuições e pelas palavras de incentivo!

Há pessoas que além de sementes jogam adubo e contribuem com energia vital que germina ideias, sentimentos e ações! Agradeço à professora Celana Cardoso Andrade pela confiança, pelo carinho e por ter me ensinado verdadeiramente a ser gestalt-terapeuta! Nossa convivência me auxiliou a encontrar coisas preciosas em mim, sem que eu mesma soubesse que elas existiam!

Os amigos também são semente e adubo, sol e sombra no caminho, são o frescor diante dos obstáculos e a bronca necessária quando a gente se desvia das metas traçadas. Agradeço, nas pessoas da Selma e da Iolanda, a torcida de todas as pessoas queridas que fazem da minha vida uma jornada efetivamente significativa! Vocês são incríveis!

Toda semente necessita de solo fértil! Esse solo está lá mesmo quando meus olhos estão fechados, mesmo quando me encontro tateando o caminho e batendo cabeça sem saber aonde ir. É só parar um pouco e sentir a sua presença! Nesse caso, não há palavras capazes de agradecer. Talvez uma reverência silenciosa seja mais justa! Obrigada dona Aldete e sr. Vital, meus pais! A simplicidade do seu amor me emociona! Ele é certo e presente! E me alcança nas fibras da alma. Agradeço a meu marido, Tiago. Nossa parceria caminha há muito mais tempo do que podemos nos lembrar e, com certeza, ela se estenderá além do pôr do sol! Aos meus filhos amados, Guilherme, Mateus e Pedro, muito obrigada! Vocês são a quintessência do que há de mais precioso em mim e a certeza disso já me faz ser muito melhor! Querida Ariadne! Conviver com você foi a experiência mais rica que tive a honra de viver! Que meu amor te alcance onde estiver! A minha querida nora Nayane! Você é o presente feliz que me acompanha na feminilidade diante desse universo tão cheio de homens! Gratidão!

Finalmente, agradeço a Deus! Força maior e solo firme! Gratidão por tantas sementes potentes na minha caminhada! Algumas delas existem na dimensão etérea da eternidade e me alcançam generosamente a cada instante me inspirando e me ensinando! Gratidão pela assistência espiritual sempre presente! Que bom que eu não desisti! Que bom que eu sempre caminho adiante! Que bom que eu cheguei até aqui! Gratidão pelo caminho!



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



“Eu queria saber que gosto tem a primeira maçã que alguém come na vida. Perguntei de novo:
‘Que gosto tem?’

Ele fez outra reverência.

Perguntei: ‘Por que você está se inclinando?’.

Mika se inclinou mais uma vez. Fiquei tão perplexo que só consegui perguntar de novo:

‘Mas por que você está se inclinando desse jeito?’

Agora foi a vez de Mika ficar confuso. Acho que ele não sabia se era melhor se inclinar mais
uma vez, ou só responder.

‘Lá de onde eu venho’, explicou ele, ‘nós sempre fazemos uma reverência quando alguém faz
uma pergunta fascinante. E quanto mais profunda for a pergunta, mais profundamente a gente
se inclina.’

Camila, essa foi uma das coisas mais malucas que eu já ouvi na vida! O que havia numa
pergunta que merecesse uma reverência?

‘Nesse caso’, perguntei, ‘o que vocês fazem quando querem se cumprimentar?’

‘Tentamos pensar numa pergunta inteligente.’

‘Por quê?’

Primeiro ele fez uma reverência rápida, já que eu tinha feito mais uma pergunta; daí falou:

‘Tentamos pensar numa pergunta inteligente, para fazer a outra pessoa se inclinar.’

Essa resposta me impressionou tanto que fiz uma profunda reverência, me inclinando ao
máximo. Quando levantei os olhos, vi que ele estava chupando o dedo. Houve uma longa
pausa até ele tirar o polegar da boca.

‘Por que você me fez uma reverência?’, perguntou ele, num tom quase ofendido.

‘Uma resposta nunca merece uma reverência. Mesmo que for inteligente e correta,
nem assim você deve se curvar para ela.’

Fiz que sim, rapidamente. Mas me arrependi no mesmo momento, pois Mika poderia pensar
que eu estava me inclinando para a resposta que ele acabava de dar.

‘Quando você se inclina, você dá passagem’, continuou Mika. ‘E a gente nunca deve dar
passagem para uma resposta.’

‘Por que não?’

‘A resposta é sempre um trecho do caminho que está atrás de você.

Só uma pergunta pode apontar o caminho para a frente.’

*Jostein Gaarder
(Ei! Tem alguém aí? 1997, p. 26-28)*

RESUMO

O objetivo desse estudo foi investigar a contribuição da Fenomenologia de Edmund Husserl na constituição da Gestalt-terapia, pela análise da obra gestáltica, publicada em 1951, “*Gestalt-terapia*” (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*), escrita por Frederick Perls (1893-1970), Ralph Hefferline (1910-1974) e Paul Goodman (1911-1972). No primeiro capítulo, descrevemos historicamente a aproximação entre a abordagem gestáltica e a filosofia husserliana até a escrita da obra, analisando três períodos: 1) Fritz Perls e influências em solo europeu; 2) fundação da Gestalt-terapia em solo estadunidense; e 3) Gestalt-terapia e conexões com a Psicologia Humanista. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa conforme formulada por Lima e Miotto (2007). Verificamos três teorias mais relevantes na constituição epistemológica gestáltica no período europeu: Psicanálise, Teoria Organísmica e *Gestalttheorie*. Quanto à fenomenologia, Laura Perls e Paul Goodman relatam contato com alguns autores e com a obra ‘Ideias’ de Husserl, sem especificar a profundidade de seus estudos. Em relação às conexões gestálticas com abordagens humanistas e possível influência fenomenológica, verificamos que houve um paralelismo de interesses, sem aprofundamento em relação à Fenomenologia. Concluímos que não houve aproximação significativa conceitual dos teóricos da Gestalt-terapia em relação à filosofia fenomenológica até a publicação da obra ‘Gestalt-terapia’ que justificasse afirmá-la como uma influência teórica de base. No segundo capítulo, investigamos a influência da filosofia fenomenológica na elaboração da obra “Gestalt-terapia”, a partir dos sentidos citados e explicitados literalmente pelos autores. O método foi a historiografia de Joseph Brožek (1998), organizada a partir da pesquisa bibliográfica de Lima e Miotto (2007). Analisamos as citações dos termos “fenomenologia” e derivados, e nomes de autores ligados à filosofia fenomenológica. Destacamos os principais sentidos: 1) Postulado de consciência (*awareness*) enquanto processo onde a fenomenologia serviria à descrição de sua manifestação e funcionamento. 2) Ênfase no sujeito que experiencia como criador de sua própria realidade e na fenomenologia como ferramenta na descrição da experiência consciente. 3) Proposição da Gestalt-terapia como teoria científica alternativa ao modelo de ciência positivista e causal, utilizando como fundamento a fenomenologia. Por fim, no último capítulo, discutimos a correspondência entre os sentidos ‘gestálticos’ da Fenomenologia encontrados no capítulo anterior e seus sentidos originários, realizando uma leitura conceitual-interpretativa (Lima e Miotto, 2007). Em relação ao primeiro sentido, embora se afaste da noção de consciência psicanalítica, não há uma aproximação do conceito de *awareness* com aquele de consciência fenomenológica em Husserl. Em relação à Fenomenologia como recurso descritivo, identificamos diferenças significativas entre a “descrição fenomenológica” e a “descrição gestáltica”. Por fim, em relação ao modelo de ciência, observamos distinções em relação ao direcionamento que cada uma daquelas teorias necessita para embasar seu conjunto teórico. Identificamos, por fim, uma possível influência do Pragmatismo e do Funcionalismo nos conceitos gestálticos de “consciência” e “experiência”, mais significativa que a convencional atribuída à Fenomenologia. Finalmente, efetuando uma equivalência entre os sentidos gestálticos da Fenomenologia e seus sentidos originários concluímos que não há indícios claros e evidentes que indiquem que a Fenomenologia husserliana tenha sido epistemológica e metodologicamente utilizada na escrita da obra “Gestalt-terapia”.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Fenomenologia; Husserl; Epistemologia.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the contribution of Edmund Husserl's Phenomenology in the constitution of Gestalt-therapy, through the analysis of the gestalt work, published in 1951, "Gestalt-therapy" (Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality), written by Frederick Perls (1893-1970), Ralph Hefferline (1910-1974) and Paul Goodman (1911-1972). In the first chapter, we historically describe the approximation between the Gestalt approach and Husserlian philosophy analyzing three periods: 1) Fritz Perls and influences on European soil; 2) foundation of Gestalt-therapy on American soil; 3) Gestalt-therapy and connections with Humanistic Psychology. The method used was qualitative research as formulated by Lima and Miotto (2007). We verified three most relevant theories in the Gestalt epistemological constitution in the European period: Psychoanalysis, Organismic Theory and Gestaltheorie. About the phenomenology, Laura Perls and Paul Goodman report contact with some authors and with Husserl's work 'Ideas', without specifying the depth of their studies. Regarding the gestalt connections with humanist approaches and possible phenomenological influence, we verified that there was a parallelism of interests, without deepening in relation to Phenomenology. We conclude that there was no significant conceptual approximation of Gestalt-therapy theorists in relation to phenomenological philosophy until the publication of the work 'Gestalt-therapy' that justified affirming it as a basic theoretical influence. In the second chapter, we investigate the influence of phenomenological philosophy in the elaboration of the work "Gestalt-therapy", from the meanings mentioned and explained literally by the authors. The method was the historiography of Joseph Brožek (1998), organized from the bibliographic research of Lima and Miotto (2007). We analyzed the citations of the terms "phenomenology" and derivatives, and names of authors linked to phenomenological philosophy. We highlight the main meanings: 1) Postulate of consciousness (awareness) as a process where phenomenology would serve to describe its manifestation and functioning. 2) Emphasis on the experiencing subject as the creator of his own reality and on phenomenology as a tool in the description of conscious experience. 3) Proposition of Gestalt-therapy as an alternative scientific theory to the positivist and causal science model, using phenomenology as a foundation. Finally, in the last chapter, we discuss the correspondence between the 'gestalt' meanings of Phenomenology found in the previous chapter and its original meanings, carrying out a conceptual-interpretative reading (Lima and Miotto, 2007). Regarding the first sense, although it moves away from the notion of psychoanalytic consciousness, there is no approximation of the concept of awareness with that of phenomenological consciousness in Husserl. Regarding Phenomenology as a descriptive resource, we identified significant differences between "phenomenological description" and "gestalt description". Finally, in relation to the science model, we observe distinctions in relation to the direction that each one of those theories needs to base its theoretical set. Finally, we identified a possible influence of Pragmatism and Functionalism on the Gestalt concepts of "consciousness" and "experience", more significant than the conventional one attributed to Phenomenology. Finally, making an equivalence between the gestalt senses of Phenomenology and its original senses, we conclude that there is no clear and evident evidence that indicates that Husserlian Phenomenology has been epistemologically and methodologically used in the writing of the work "Gestalt-therapy".

Keywords: Gestalt-therapy; Phenomenology; Husserl; Epistemology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
MÉTODO.....	21
Capítulo I - REVISITANDO A HISTÓRIA DA GESTALT-TERAPIA: EM BUSCA DA FENOMENOLOGIA	
Introdução.....	24
Método.....	25
1. Fritz Perls e as Influências em solo europeu.....	28
2. A fundação da Gestalt-terapia em solo estadunidense.....	40
3. Conexões com a Psicologia Humanista.....	53
Considerações Finais.....	61
Capítulo II – OS SENTIDOS DA FENOMENOLOGIA NA OBRA ‘GESTALT-TERAPIA’	
Introdução.....	65
Método.....	67
Resultados.....	69
Análise Reflexiva dos Termos Encontrados.....	72
Considerações Finais.....	88
Capítulo III – ENTRELAÇAMENTOS ENTRE OS SENTIDOS GESTÁLTICOS DA FENOMENOLOGIA E A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA	
Introdução.....	90
1. Uma apreciação geral sobre os domínios históricos e epistemológicos da Fenomenologia e da Gestalt-terapia: um ponto de partida necessário.....	92

2. Análise dos sentidos que a Gestalt-terapia atribui à fenomenologia e sua caracterização originária.....	102
2.1. O Postulado de consciência (<i>awareness</i>) entendida enquanto um processo em que a fenomenologia serviria à descrição de sua manifestação e funcionamento.....	102
2.2. Ênfase no sujeito que experiencia, como criador de sua própria realidade, e na fenomenologia como uma ferramenta na descrição da experiência consciente em primeira pessoa.....	115
2.3. Proposição da Gestalt-terapia como uma teoria alternativa ao modelo de ciência positivista e causal, utilizando como fundamento a Fenomenologia.....	127
Considerações Finais.....	134
ÚLTIMAS REFLEXÕES	140
REFERÊNCIAS	144
ANEXO I - Carta enviada por Paul Goodman a Wolfgang Köhler.....	156

INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia é considerada tradicionalmente uma abordagem “humanista fenomenológica existencial” na Psicologia e Psicoterapia. Essa frase, quase um jargão no meio gestáltico, faz parte daquelas frases óbvias, consolidadas pelo tempo e pelo costume. Mas não apenas! A literatura também a reforça e diz isso! O próprio Perls afirma em sua autobiografia que “(...) fiz da tomada de consciência o ponto central da minha abordagem, reconhecendo que a *fenomenologia* é o passo básico e indispensável no sentido de sabermos tudo que é possível saber” (Perls, 1979, p. 70, grifo nosso). Da mesma forma, Yontef (1998) assim se expressa no início do primeiro parágrafo de seu importante livro *Processo, Diálogo e Awareness – Ensaio em Gestalt-terapia*:

A Gestalt-terapia é uma terapia existencial-*fenomenológica* fundada por Frederick (Fritz) e Laura Perls, na década de 1940. Ela ensina a terapeutas e pacientes o método *fenomenológico* de *awareness*, no qual perceber, sentir e atuar são diferenciados de interpretar e modificar atitudes preexistentes” (Yontef, 1998, p. 15, grifos nossos).

No mesmo sentido, Zinker (2007), discorrendo a respeito das terapias que enfatizam o “aqui e agora”, defende que “A Gestalt-terapia é um exemplo único de integração das abordagens comportamental e *fenomenológica*” (p. 105, grifo nosso). O autor justifica essa colocação dizendo que a Gestalt-terapia se utiliza daquilo que o cliente está sentindo e vivenciando no aqui-e-agora para favorecer a ele a possibilidade de autocompreensão, sem a necessidade de interpretar seu comportamento.

Ginger e Ginger (1995), ao tratarem sobre a árvore genealógica da Gestalt-terapia, afirmam que “a Gestalt-terapia é uma *abordagem fenomenológica* clínica, isto é, centrada na descrição subjetiva do sentimento do cliente (sua *awareness*) em cada caso particular e na tomada de consciência ‘intersubjetiva’ que está acontecendo entre ele e o terapeuta (...)” (p. 36, grifo nosso).

Na psicologia e psicoterapia brasileira, percebemos essa mesma atribuição. Um dos principais autores e divulgadores da abordagem gestáltica, pioneiro dessa perspectiva no Brasil, o filósofo e psicólogo Jorge Ponciano Ribeiro (2012), seguindo a mesma perspectiva de pensamento, afirma que na Gestalt-terapia “como método de compreensão da realidade, nada melhor que a *fenomenologia* para nos ajudar a ler, a descrever e a interpretar o que para nós, psicoterapeutas, está presente” (p. 63, grifo nosso). No mesmo sentido, Pinto (2015) ao discutir acerca do diagnóstico na abordagem gestáltica defende que “para a Gestalt-terapia – como *psicologia fenomenológica* –, o importante na compreensão diagnóstica é uma atitude que permita o surgimento da originalidade do cliente” (p. 27, grifo nosso). Temos ainda a obra do casal Granzotto (2007) que se propõe a retomar alguns conceitos gestálticos à luz da fenomenologia husserliana.

Esses são apenas alguns exemplos, internacionais e nacionais, que explicitam como as referências teóricas relacionam a Gestalt-terapia à Fenomenologia. Essa compreensão tem ensinado, fomentado e formado a todos os que se iniciam nos estudos e na formação em Gestalt-terapia, que a Fenomenologia é a base teórica e o método em sua elaboração e prática.

Todavia, da mesma forma que se tornou comum encontrar na mesma frase os termos ‘Gestalt-terapia’ e ‘fenomenologia’, e talvez justamente em decorrência dessa habitualidade, pouco se questiona sobre qual a contribuição, de fato, da Fenomenologia filosófica para a Gestalt-terapia. Expressões muito encontradas como “método fenomenológico”, “perspectiva fenomenológica”, “exploração fenomenológica”, “investigação fenomenológica”, dentre

outras, são utilizadas com frequência sem esclarecer o que diferencia exatamente uma “investigação fenomenológica” de uma “investigação psicológica ou psicoterapêutica”, por exemplo (Perls, 1979; From & Miller, 1997; Yontef, 1998; Zinker, 2007; Ribeiro, 2012; Rehfeld, 2013). Ainda, tais referências aparecem quase sempre sem oferecer esclarecimentos preciso, sem explicitar suas fontes conceituais e definições filosóficas originais, como não temos bem apresentado como os teóricos gestálticos abordaram, elaboraram e se apropriaram dos aportes e do método fenomenológico, principalmente relacionando-os aos aspectos psicoterapêuticos.

Recentemente, um estudo publicado abordando a temática no geral, em sentido amplo das abordagens ligadas a “psicologia fenomenológica”, cujo intuito foi investigar junto aos psicólogos que se autodenominam “fenomenólogos” e o que entendem por ‘psicologia fenomenológica’, concluiu, entre outras coisas, que há um profundo desconhecimento desses psicólogos sobre os principais conceitos da Fenomenologia e a que ela se propõe enquanto fundamento filosófico e método para as ciências (Orengo, Holanda & Goto, 2020a). Esse é um resultado importante na discussão que estamos abordando, pois aponta para o fato de que muito têm se falado de “Fenomenologia” nas psicologias dessa abordagem, caracterizando-a como uma teoria e prática na Psicologia, mas, concretamente, como explicitou a pesquisa, sabe-se muito pouco conceitual e metodologicamente sobre Fenomenologia e sua relação com a Psicologia.

A presente pesquisa nasce então desse questionamento, ou seja, compreender como a Fenomenologia contribui ou pode contribuir com a Gestalt-terapia. Como se sabe, *Gestalt* é uma palavra de origem alemã que significa “forma”, “figura”¹. O médico neurologista alemão *Frederick (“Fritz”) Perls* (1893-1970) apropriou-se dessa palavra dando-lhe um sentido de “boa forma”, “todo organizado”, a fim de nomear a perspectiva psicoterapêutica,

¹ Dicionário Langenscheidt (2001) *Taschemwörterbuch Portugiesisch*.

que fundou na segunda metade do século XX (Perls, 1988). Em suas palavras: “Gestalt é uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição” (Perls, 1988, p. 19). Não significa que não existam partes nesse todo; diferentemente, significa que as partes que compõe o todo cooperam entre si em prol de uma unidade, em uma relação todo-parte. Na ideia de uma *Gestalt* está implícita a coexistência das diferenças, desde que elas se conectem harmonicamente na perspectiva de um todo maior.

Sem perder de vista a *Gestalt* inteira, temos nessa configuração diversas partes relevantes que emprestam seu matiz à coloração dessa abordagem, pois “a Gestalt-terapia se nutriu, explícita ou implicitamente, da combinação de numerosas correntes filosóficas e terapêuticas de diversas fontes: europeias, americanas ou orientais” (Ginger & Ginger, 1995, p. 33). Essa é a ideia essencial presente na Gestalt-terapia: uma abordagem psicoterapêutica que se constituiu da junção de teorias, concepções e práticas na pretensão de compor um todo que permita uma abordagem integral do ser humano. Representa, portanto, uma tentativa de síntese inicialmente formulada por Perls que, partindo da Psicanálise, dialogou com propostas teóricas antropológico-filosóficas advindas de movimentos culturais de sua época, com as inovações e as soluções elaboradas pela intelectualidade da primeira metade do século passado, valendo-se de “um rico e singularmente variado conjunto de fontes” (Stoehr, 2007, p. 11).

Um aspecto importante, como esclarecem Ginger e Ginger (1995), é que não se tratou de uma constituição teórico-metodológica ordenada, onde as lacunas deixadas por outras teorias psicológicas seriam preenchidas e suas imperfeições sanadas. De outra forma, a abordagem gestáltica “deve seu surgimento às intuições geniais e crises pessoais daquele que devemos considerar seu principal fundador: Fritz Perls” (Ginger & Ginger, 1995, p. 44). Portanto, foi uma abordagem psicológica psicoterapêutica tecida paulatinamente, parte a parte, oriunda de ‘retalhos’ de teorias, filosofias, artes, religião, presentes no início do século

XX e de elaborações pessoais de seus principais fundadores e colaboradores. Logo, a Gestalt-terapia não se centra e se desdobra somente de Perls, o que torna esse trabalho investigativo complexo em relação ao seu questionamento e objetivo central. De um modo geral, em função dessa elaboração paulatina da Gestalt-terapia, é por vezes difícil circunscrever detalhadamente como se deu a apropriação dos conceitos e postulados e, mais ainda, delimitar como os conteúdos apropriados foram combinados na composição do solo teórico-epistemológico. Isso também pode ser verificado no que diz respeito à contribuição da Fenomenologia para a Gestalt-terapia.

A Fenomenologia é uma importante filosofia nascida no século XX e fundada pelo matemático e filósofo *Edmund Husserl* (1859-1938). Inicialmente interessado pela matemática, Husserl se voltou definitivamente para a filosofia sob a influência do filósofo *Franz Brentano* (1838-1837), estudioso de filosofia e de psicologia. Husserl tinha como intenção constituir uma Filosofia como ciência de rigor, uma epistemologia segura que pudesse ser fundamento a todas as ciências e a própria Filosofia. Em seus últimos escritos, Husserl questionou: “Que tem a dizer a ciência sobre a razão e a não razão, que tem ela a dizer sobre nós, homens enquanto sujeito desta liberdade?” (Husserl, 1936/2012, p. 03). Na sequência, Husserl responde: “A mera ciência dos corpos obviamente nada, pois abstrai de tudo o que é subjetivo” e:

(...) no que concerne às ciências do espírito [ciências humanas e sociais] que, (...), consideram o homem na sua existência espiritual, (...) a sua cientificidade rigorosa – diz-se – exige que o investigador exclua cuidadosamente todas as tomadas de posição valorativas, todas as questões acerca da razão da humanidade temática e das suas configurações culturais (Husserl, 1936/2012, p. 03).

Insatisfeito com um modo de investigação que toma como perspectiva o ser humano apenas nos seus aspectos naturalísticos, a proposta de Husserl pretendeu restaurar, de maneira segura e válida, a dimensão transcendental da subjetividade à ciência objetivista. Como filósofo extremamente escrupuloso, Husserl tomou para si essa imensa tarefa de constituir um terreno sólido, confiável e definitivo sobre o qual se pudesse erigir a filosofia como uma ciência rigorosa, consciente de suas atribuições específicas (Bello, 2004; Dartigues, 2005; Holanda, 2009; San Martín, 2008; Sokolowski, 2014; Goto, 2015; Bello, 2017).

Nessa empreitada, podemos dizer que muitas de suas análises, se voltaram principalmente para a Psicologia, pois essa era a considerada ‘ciência da subjetividade’. Goto (2015) explicita essa preocupação de Husserl ao apontar que, por exemplo, até em termos quantitativos o termo ‘Psicologia’ na obra husserliana aparece 5.300 vezes enquanto o termo ‘fenomenologia’ é encontrado apenas 2.000 vezes. O motivo desse interesse deve-se a crítica ao psicologismo – movimento da época que tencionava reduzir ao psicológico fatos não-psicológicos –, a crítica à Psicologia científica e sua preocupação em relação à metodologia adotada nas ciências humanas (San Martín, 2008; Peres, 2017). É também digno de nota o protesto do filósofo em relação à utilização da fenomenologia pela psicologia empírica como mera descrição dos vividos psíquicos (Husserl, 1913/2006).

É importante ressaltar que o termo “Fenomenologia” e seu significado apareceu em diversas filosofias, mesmo antes de Husserl, assim como nas ciências em geral, mas com Husserl adquiriu um significado próprio. O filósofo esclarece-nos que:

Também outras ciências há muito conhecidas se voltam para fenômenos. É assim que ouvimos a psicologia ser designada como uma ciência das “manifestações” ou fenômenos psíquicos, a ciência da natureza como ciência das “manifestações” ou fenômenos físicos; (...). Por diferente que seja o sentido da palavra fenômeno em todos

esses discursos, e que significações outras ainda possa ter, é certo que também a fenomenologia se refere a todos esses “fenômenos”, e em conformidade com todas essas significações, mas numa orientação inteiramente outra, pela qual se modifica, de determinada maneira, o sentido de fenômeno que encontramos nas ciências já nossas velhas conhecidas (Husserl, 1913/2006, p. 25).

Considerando-se tamanha complexidade da filosofia fenomenológica e os detalhes cuidadosos da aproximação da Fenomenologia com a Psicologia que requer um entendimento específico, todo cuidado é pouco quando se tenta uma aproximação com alguma abordagem psicoterapêutica/psicológica clínica, tal como destacamos aqui a Gestalt-terapia. Como visto anteriormente, são múltiplas as oportunidades em que a palavra “fenomenologia” e seus derivados aparecem na literatura gestáltica sem deixar claro em seus textos, os seus princípios e fundamentos. Justamente por conta dessa proliferação de elementos ditos “fenomenológicos”, é que podemos questionar então qual é a contribuição conceitual, de fato, oferecida pela Fenomenologia à Gestalt-terapia.

Assim, respeitando a complexidade envolvida na constituição dessa *Gestalt* consideramos que essa ainda é uma questão que merece um olhar mais acurado (Holanda, 2005). Como afirmado anteriormente, reconhecemos que não é novidade a associação entre Gestalt-terapia e Fenomenologia, mas nos propomos a dar um passo atrás e questionar *gestalticamente*: “Como a Fenomenologia filosófica contribuiu com a Gestalt-terapia?” Seria aqui como um ‘retornar às coisas mesmas’ buscando reconstituir de maneira nova e ingênua aquilo que já é tido como sabido e verdadeiro.

Holanda (2005), ao defender a relevância de se investigar com mais afinco as relações epistêmicas entre as diversas teorias que compõe a abordagem gestáltica, afirma sobre a necessidade de retomar um “senso de coerência interna que nos permita uma ação concreta e

plausível no campo profissional” (Holanda, 2005, p. 25). A investigação desse “senso de coerência interna” entre aquelas teorias diz respeito, a nosso ver, à própria noção de uma *Gestalt* enquanto síntese harmônica ao invés de um simples amontoado de postulados teóricos justapostos. Então, é justamente com o propósito de honrar a ideia essencial de *Gestalt* expressa aqui que justificamos também a motivação dessa pesquisa.

Um outro aspecto relevante, é que em grande parte da literatura consultada da Gestalt-terapia (Perls, 1979; Yontef, 1998; From & Miller, 1997; Zinker, 2007; Ribeiro, 2012), a Fenomenologia é tratada como uma ‘teoria’ uniforme que ‘oferece’ alguns conceitos à Psicologia, mais propriamente à psicoterapia/clínica psicológica, que, por sua vez, acabam sendo operacionalizados numa perspectiva clínica. Sendo que, na maioria das vezes, não temos muita clareza, de qual Fenomenologia se trata. Lembremos que, a partir da Fenomenologia de Husserl, muitos outros filósofos, psicólogos, psiquiatras, matemáticos, teólogos etc., foram continuadores do próprio Husserl ou desenvolveram perspectivas fenomenológicas e existenciais próprias. Em virtude disso, o historiador da Fenomenologia, Spiegelberg (1982) atribuiu o termo “movimento” para a Fenomenologia, ou seja, “movimento fenomenológico”, entendendo metaforicamente que foi uma filosofia cujo fluxo “compreende várias correntes paralelas que estão relacionadas, mas não são homogêneas, e podem se mover em velocidades diferentes”, possuindo “um ponto de partida comum, mas não precisam ter um destino comum definido e previsível” (p. 02). Todavia, cabe ressaltar que o próprio Husserl, ao longo de seu percurso filosófico, desenvolveu diversas vias ou caminhos de sua própria Fenomenologia que muitos continuadores e dissidentes nem conheceram ou tiveram acesso (Goto, 2015).

Outro aspecto importante e que não deve ser esquecido é que quando tratamos da relação entre a Gestalt-terapia e a Fenomenologia estamos transitando entre duas áreas diferentes de investigação e que a transposição de uma filosofia para uma ciência empírica é,

quase sempre, uma tarefa delicada. Em sentido amplo, Holanda (2014) nos adverte que, embora possível, essa aproximação entre Fenomenologia e Psicologia deve ser realizada com cuidado em virtude de que nem todos os conceitos filosóficos podem ser simplesmente instrumentalizados em prol de uma práxis, pois não se deve perder de vista as relações contextuais com o arcabouço teórico de onde emanam. Em sentido específico, são campos não apenas com demarcações contingentes dos domínios e terminologias, mas principalmente de princípios (Husserl, 1913/2006).

A Filosofia, como matriz racional do saber, compreende um questionar contínuo acerca da possibilidade e da forma como se processa o conhecer e estabelece-se a partir de diversos objetos e métodos, resultando não apenas nas teorias do conhecimento, da ontologia, da ética etc., mas também discorre sobre como o próprio ‘perguntador’ pode perguntar e conhecer as coisas. Nesse aspecto, conforme expõe Morente (1980), a Filosofia é “uma disciplina que considera seu objeto sempre do ponto de vista universal e totalitário, enquanto qualquer outra disciplina [ciências, por exemplo], que não seja a filosofia, o considera de um ponto de vista parcial e derivado” (p, 31). As ciências particulares, pois, constituídas a partir do estudo de setores parciais da realidade preocupam-se, por sua vez, com a verificação e o controle empírico das coisas, considerando-os como critério de verdade. O olhar dessas ciências se dirige aos fatos e é sobre eles que repousam suas certezas. Jean Piaget (1969), por exemplo, em seu texto “*Sabedoria e Ilusões da Filosofia*” ao discutir as divergências entre o conhecimento advindo da Filosofia e aquele oriundo da ciência afirma:

No total, a primeira razão da minha nascente desafeição a respeito dos métodos tradicionais da filosofia resultou do conflito, primeiro sentido em mim mesmo, entre os hábitos de verificação, próprios do biólogo e do psicólogo e a reflexão especulativa

que me tentava sem cessar, mas cuja impossibilidade de submetê-la a um controle eu percebia cada vez mais claramente (...) (Piaget, 1969, p. 07).

Portanto, a passagem entre essas duas formas de conhecimento, a especulativa e a empírica, se revela enquanto um desafio, uma vez que se estabelecem sob perspectivas diversas, principalmente aquelas que dizem respeito ao próprio ser humano.

Com tudo isso dito, nos parece importante nesse momento empreender tal pesquisa primordialmente pela necessidade de esclarecimento num sentido rigoroso, de tornar claro um espaço de intersecção que a vista de alguns se revela óbvio, mas de outras perspectivas nem tanto. Num sentido acadêmico-teórico, vimos que, de diferentes pontos de vista, há “certezas” que colidem e que geram, de parte a parte, descrédito e dificuldades de interlocução. Os acadêmicos e profissionais da Gestalt-terapia têm mantido a certeza sobre a contribuição efetiva da Fenomenologia sem, no entanto, questioná-la ao tomá-la como algo diretamente dado; por outro lado, outros acadêmicos e profissionais têm-nos mostrado a impossibilidade dessa contribuição da forma como ela tem sido apregoada (Goto, 2015; Orengo, Holanda & Goto, 2020b). Essas ‘certezas’ tomam por indubitável aquilo que, como parece, não é claro.

Portanto, vimos haver lacunas entre o entendimento conceitual da Gestalt-Terapia sobre a Fenomenologia. Ainda, tendo como princípio de que a compreensão dessa lacuna é extremamente relevante, também levantamos questionamentos sobre a real possibilidade de contribuição da Fenomenologia para a Gestalt-terapia. A intenção aqui é desalojar-se das ‘certezas’ em busca de esclarecer as configurações existentes, possíveis e improváveis.

Assim, considerando tudo o que foi dito, nosso objetivo geral foi investigar a contribuição da Fenomenologia de Edmund Husserl na constituição da Gestalt-terapia. Para essa pesquisa adotamos como objeto principal de nossa investigação a obra gestáltica, publicada em 1951, “*Gestalt-terapia*” (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The*

Human Personality), escrita por Frederick Perls, Ralph Hefferline (1910-1974) e Paul Goodman (1911-1972), em Nova Iorque, por reconhecê-la como a obra inaugural-conceitual da Gestalt-terapia.

Assim, nosso primeiro objetivo específico foi descrever sob a perspectiva histórica como ocorre a aproximação entre a abordagem gestáltica e a filosofia husserliana até a escrita da referida obra. Em segundo lugar, buscamos identificar, por meio da análise das aparições do termo ‘fenomenologia’ e afins na obra “Gestalt-terapia” (1951), os sentidos da Fenomenologia nela encontrados. E, por fim, pretendemos investigar a convergência ou divergência entre os sentidos encontrados na obra “Gestalt-terapia” (1951) e a filosofia fenomenológica proposta por Husserl.

MÉTODO

Em vista do problema de pesquisa e dos objetivos definidos, se faz necessário delinear o percurso trilhado. Devido à complexidade do tema, muitos poderiam ser os caminhos veiculados e, de certa forma, esse caminho é fruto da escolha do autor de acordo com suas necessidades e possibilidades na apropriação da pesquisa. Em nosso caso, é importante destacar que partimos da experiência profissional construída ao longo dos anos com foco eminentemente na prática clínica. Tomando por empréstimo as palavras de Loffredo (1994), a motivação desse “trabalho é fruto de um campo de interrogações, decorrentes do exercício da atividade clínica de uma terapeuta que esteve vinculada aos princípios norteadores da Gestalt Terapia durante muitos anos” (p. 17).

Nesse sentido, foi preciso desalojar-se de uma posição ingênua e familiar, despojar-se do conhecido, do já sabido e do seguro, a fim de tomar uma outra orientação, sem desprezar o vivido, mas buscando ampliar os horizontes. É interessante compartilhar que empreender tal

mudança de prisma foi revelando, desde o princípio, a dificuldade em caminhar de um âmbito empírico e pragmático em direção à um ponto de vista reflexivo. Em alguma medida, a jornada da Gestalt-terapia rumo à Fenomenologia foi ensinando, em si mesma, sobre as contribuições possíveis de serem formuladas no intervalo de interseção entre ambas.

Nossa escolha foi iniciar, no **Capítulo I**, por uma retomada dos principais fatos histórico-conceituais da constituição da Gestalt-terapia, partindo de sua base psicanalítica europeia, passando pela constituição formal em solo estadunidense e sua relação com o movimento de constituição da Psicologia Humanista, buscando pelas oportunidades em que os fatos históricos aproximaram Gestalt-terapia e Fenomenologia. Esse capítulo se constituiu numa imersão gestáltica com olhar guiado pela busca da Fenomenologia. Portanto, a pretensão foi compreender, no período que antecede à publicação da obra ‘Gestalt-terapia’ e durante a sua escrita, como ocorreu a aproximação histórico-epistemológica entre aquelas duas teorias, a fim de identificar se a fenomenologia, em especial a husserliana, foi uma influência teórica na origem da abordagem gestáltica. Esse primeiro capítulo seguiu uma perspectiva mais externalista a fim de situar os contextos de ideias psicológicas e filosóficas que circunscreveram a constituição da GT e da Psicologia Humanista, de modo a estabelecer uma narrativa que examine como a Fenomenologia chegou a essas abordagem e psicologia.

Com esse fim, quisemos privilegiar não apenas o fluxo cronológico dos fatos, mas sobretudo a sua conexão com os sentidos que foram sendo construídos ao longo da história. Tomando essa perspectiva, não é o dado singelo do evento cronológico que nos interessou, mas como os acontecimentos foram se sucedendo e, ao mesmo tempo, propiciando mudanças na apropriação das diversas teorias que compõem o cenário da Gestalt-terapia e sua constituição. Portanto, a finalidade aqui não é recontar uma história, o que já foi feito em outros textos (Perls, 1979; Loffredo, 1994; Ginger & Ginger, 1995; From, 1997; Frazão,

2013; Helou, 2015), mas sim recompor um processo histórico que é fruto não apenas dos fatos, mas de como eles foram apropriados e significados por seus protagonistas.

No **Capítulo II**, nos ocupamos de uma perspectiva internalista à obra ‘Gestalt-Terapia’ (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*), publicada em 1951, com o objetivo de identificar, por meio da análise das aparições do termo ‘fenomenologia’ e afins na obra ‘Gestalt-terapia’, quais os sentidos da fenomenologia encontrados na referida obra. Para tanto, foi utilizado o método da historiografia conforme proposta por Joseph Brožek (1998), descrito e organizado a partir da pesquisa bibliográfica proposta por Lima e Mito (2007).

Finalmente, no **Capítulo III**, tivemos por pretensão investigar a equivalência entre os sentidos encontrados na obra ‘Gestalt-Terapia’ (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*) e seus correspondentes na filosofia proposta por Husserl. Tomamos por critério os sentidos principais identificados no Capítulo II, tecendo reflexões comparativas em relação à filosofia husserliana.

CAPÍTULO I

REVISITANDO A HISTÓRIA DA GESTALT-TERAPIA: EM BUSCA DA FENOMENOLOGIA

INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia (GT) é uma abordagem psicoterapêutica psicológica resultante de um longo processo de incorporação e elaboração de conhecimentos e experiências não só de seus fundadores, como também de colaboradores e continuadores, resgatando acontecimentos que tiveram seu princípio em solo europeu. É comum identificar como marco de fundação da abordagem gestáltica a publicação, em 1951, da obra “*Gestalt-terapia*” (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*) escrita por Frederick Perls (1883-1970), Ralph Hefferline (1910-1974) e Paul Goodman (1911-1972), em Nova Iorque. Essa obra inaugural é constituída a partir de uma série de questionamentos e liames teóricos que foram se articulando a partir de uma proposta de revisão da Psicanálise e que marcam a ruptura de Fritz com a teoria freudiana (Perls, 1942/2002). A partir disso, a GT foi ganhando contornos e matizes influenciados, inclusive, pelo momento histórico que foi berço da constituição das abordagens chamadas Humanistas e Existenciais da Psicologia, compondo um cenário de ampliação das teorias existentes na ciência psicológica daquele momento.

Tomando a obra como marco zero, temos então um ‘antes’ e um ‘depois’ da GT. O ‘antes’ relaciona-se intimamente ao percurso de vida de Fritz e Laura Perls, principalmente em solo europeu, associado ao período dedicado à escrita do livro. O ‘depois’ contempla a contribuição de outros colaboradores diretos e indiretos que foram acolhendo a proposta da nova abordagem e desenhando traços no que hoje conhecemos como Gestalt-terapia.

Percorrendo os principais fatos que compuseram a história da abordagem, nosso objetivo neste capítulo é reconstituir, no período que antecede à publicação da obra e durante a sua escrita, como ocorreu a aproximação histórico-epistemológica entre a Gestalt-terapia e a Fenomenologia, a fim de identificar se Husserl foi uma influência teórica presente nas origens da abordagem gestáltica.

Poderíamos nesse momento questionar a validade de empreender um estudo histórico sendo que outros já foram realizados descrevendo os principais fatos da história da Gestalt-terapia, não havendo fatos novos a serem examinados. Porém, não é exatamente apenas o fato histórico que nos interessa, mas esboçar um cenário epistemológico composto não somente de leituras e da formação acadêmica dos autores gestálticos. Afirmamos que é a busca pela Fenomenologia que norteia essa investigação, a partir do seguinte questionamento: se ela pode ser encontrada na literatura da Gestalt-terapia, de onde veio? Teria sido pela conjunção dos acontecimentos ao longo de sua história? Essas são as questões que norteiam a presente investigação. Como visto, a presença da Fenomenologia na literatura gestáltica foi naturalizada enquanto um fundamento epistêmico. Assim, este capítulo objetiva reconstituir o percurso histórico até a obra ‘Gestalt-terapia’ checando por qual porta (ou fresta) a Fenomenologia entra.

MÉTODO

Para o desenvolvimento metódico desse capítulo, decidimos pela pesquisa qualitativa teórica de cunho bibliográfico. A pesquisa teórico-bibliográfica se constitui numa modalidade de pesquisa em si mesma que tem como proposta trazer, por meio da imersão efetivada pelo pesquisador na bibliografia, contribuições, releituras ou discussões acerca de determinada problemática (Garcia, 2016). Assim, fomos em busca de dados históricos tendo como

itinerário a vida de Fritz e Laura Perls, durante o período vivido na Europa e na África do Sul até seu estabelecimento nos Estados Unidos, com a associação, nessa época, de Paul Goodman.

Nesse percurso histórico-biográfico realizou-se primeiramente uma leitura exploratória dessas obras, nos termos em que definem Lima e Miotto (2007), esboçando uma linha cronológica acerca das mais relevantes experiências acadêmicas e teóricas de Laura e Fritz Perls, bem como os fatos e ideias marcantes de suas vidas. Posteriormente, realizamos uma leitura atenta e seletiva, a fim de buscar uma maior profundidade quanto aos dados encontrados, identificando a necessidade de complementação dos dados históricos e de quais fontes buscar, sobretudo quanto ao período de escrita da obra “*Gestalt-terapia*” visto que, nesse momento, foi preciso conhecer a bagagem teórica de Goodman e pesquisar o momento histórico de constituição das abordagens humanistas, que também estavam presentes no cenário da Psicologia naquele momento e que poderiam, de alguma forma, ter contribuído com uma perspectiva fenomenológica.

Como ponto de partida, utilizamos a obra “Escarafunchando Fritz – Dentro e fora da lata de lixo” que consiste numa autobiografia em que Perls (1979) vai relatando aleatoriamente fatos e momentos de sua vida, deixando suas impressões, de forma, às vezes poética, às vezes divertida, sem se preocupar demasiadamente em respeitar uma linha cronológica. A utilização da obra se justifica pois nela o próprio Perls vai nos oferecendo, além da cronologia, indicações sobre a maior ou menor relevância dos autores e teorias com as quais foi tendo contato ao longo de sua formação. Em complementação à obra, foram utilizadas outras referências, como: Perls, F. (1969); Perls, L. (1992/2012); Stoehr, T. (1994/2007); From, I. (1997); e para o contexto da Psicologia humanista, autores como: Besora, M. V. (1986) e Sutich, A. J. (1976). As leituras, análises e interpretações desses textos permitiram a reconstituição da genealogia da Gestalt-terapia tendo como filtro de

indagação a sua proximidade com autores e teóricos envolvidos com a Filosofia Fenomenológica.

Um aspecto importante a ser destacado para uma melhor compreensão de nossa questão, é que a descrição histórico-conceitual se pautou pelos conceitos de “recepção” e “circulação”. Tais conceitos se assentam numa perspectiva que busca compreender como ocorre a migração de teorias ou concepções de um local para outro, ultrapassando a visão tradicional de que há regiões ‘produtoras’ de conhecimento e outras ‘reprodutoras’. Nesse contexto, “toda psicologia é contextual”, como afirmam Castelo Branco, Rota Júnior, Miranda e Cirino (2016, p. 32). Isso significa que há aspectos dinâmicos na ‘recepção’, ou seja, no fato de uma determinada localidade acolher uma teoria e/ou uma prática em um período específico. Esses aspectos fazem com que essa teoria sofra reconfigurações e novos sentidos ao ser recepcionada em um ambiente diferente daquele em que se originou, produzindo alterações em seu sentido. A ideia presente nesse processo de recepção/circulação envolve “(...) um movimento de abertura de um público que assimila tal conhecimento e o adapta aos seus modos e contendas locais.” (Castelo Branco et al., 2016, p. 33). Esse conhecimento assimilado e reconfigurado é ‘circulado’ promovendo o intercâmbio de ideias e conceitos. É nesse sentido que o presente capítulo se baseou, ao considerar os fatos históricos sob a ótica de um ‘ato duplo’, ou seja, ao mesmo tempo em que as teorias são recepcionadas, elas são também ressignificadas, gerando um novo conhecimento.

Assim, tendo essas perspectivas como guia e buscando desenvolver essas questões, estruturamos nossa análise histórica em três momentos: 1) Fritz Perls e algumas influências em solo europeu; 2) a fundação da Gestalt-terapia em solo estadunidense; e 3) a Gestalt-terapia e suas conexões com a Psicologia Humanista.

Frente a isso, ainda é preciso destacar uma observação importante no que se refere ao que estamos nomeando de *influência*. Neste estudo, *influência* diz respeito aos elementos

identificáveis e explícitos (referências, citações etc.) da possível e real aproximação entre a Gestalt-terapia e a Fenomenologia filosófica. Dessa maneira, no que concerne a relação da GT com a Fenomenologia, evitamos referências indiretas, ou seja, interpretações ou releituras de autores que, de maneira particular e com interesses próprios, estabelecem correlações entre o pensamento fenomenológico e a teoria gestáltica.

1. FRITZ PERLS E AS INFLUÊNCIAS EM SOLO EUROPEU

Nesse primeiro momento de nosso itinerário, a história da Gestalt-terapia é fundamentalmente a história de Friedrich Salomon Perls e de seu percurso intelectual-teórico e prático-profissional. A abordagem psicoterapêutica que foi delineada no livro '*Gestalt-Terapia*', publicado quando ele contava 58 anos, representa, assim, uma síntese que recolhe experiências e a história de vida até então de um homem polêmico e inquieto. O seu berço de nascimento é a Alemanha do final do século XIX. Nascido em Berlim no dia 08 de julho de 1893, chega ao mundo num tempo e lugar onde fervilhava uma intelectualidade em todos os setores do conhecimento (Ginger & Ginger, 1995; Helou, 2015).

É interessante observarmos que, historicamente, Perls estava no centro intelectual que germinariam grandes ideias que influenciaram (positiva e negativamente) o mundo nos próximos cem anos. Temos aqui, inclusive, a filosofia da Fenomenologia, visto que, o matemático e filósofo Edmund Husserl, seu fundador, originário da atual República Tcheca, teve toda sua obra concebida e desenvolvida na Alemanha (San Martín, 2008; Goto, 2015).

Formado em medicina e especialista em neurologia, Fritz acaba encontrando seu lar intelectual na Psicanálise, quando, em 1925, aos 32 anos e vivendo pessoalmente um período conturbado, resolveu iniciar um processo de análise com Karen Horney (1885-1952), uma psicanalista que trabalhava em Berlim (Helou, 2015).

O contato com a Psicanálise se revelará como um “divisor de águas” em sua vida. A partir de então, decidiu-se pela formação como psicanalista, o que guiará seus estudos pelos próximos 20 anos. Mesmo mais tarde afastando-se de sua teoria, a Psicanálise será sempre um grande eixo teórico na vida de Fritz, num diálogo nem sempre muito pacífico com Freud (Perls, 1979).

Outra influência importante de se apontar nesse primeiro momento da história, é a presença de um rico cenário de experiências culturais e artísticas com que Perls se envolve em sua formação europeia: tanto em Berlim, nos anos 1910-1914 (poesia, filosofia e o teatro moderno de Reinhardt), quanto na Berlim do pós guerra (artes, filosofia, política, Expressionismo), observamos uma ênfase no trabalho corporal trazendo para primeiro plano a experiência como possibilidade de acesso aos sentimentos que não devem ser escondidos, mas expostos, revelando um contato caloroso e autêntico com a vida. Ele mesmo descreve seu entusiasmo nesse sentido, numa síntese biográfica publicada em 1969 para a reedição do livro ‘Ego, Fome e Agressão’ discorrendo sobre os principais fatos ocorridos em 1922:

1922. Começando de novo. Muito excitante. Nós! Nós! Amplio o mundo não familiar. Nós: boêmios, fora do caminho batido. Atores, pintores, escritores. Criando um novo mundo. Bauhaus, Brücke, Dadaísmo novo movimento de naturalidade. Descubro um guru: S. Friedlander (Capítulo Um) "Indiferença criativa". Descubra o ponto zero como o nada central que se alonga em direção aos opostos. Primeira vez uma atitude sólida. Tateando. E menos confuso. (Perls, 1969, online).

Um outro eixo teórico que será de grande relevância em sua formação intelectual é o contato com a Teoria Organísmica. Em 1926, mudando-se para Frankfurt, (Perls, 1979; Ginger & Ginger, 1995), Fritz teve a oportunidade de trabalhar como neurologista no Hospital

para Soldados com Lesão Cerebral, sob a direção do neurologista Kurt Goldstein² e do psicólogo Adhémar Gelb³ (Helou, 2015). Nesse momento, podemos ressaltar que embora dedicado à formação psicanalítica, Perls encontrou-se também em um ambiente intelectual com outras compreensões teóricas, diferentes daquela postulada pela Psicanálise. Isso nos leva a pensar que existia em Perls abertura intelectual e cultural para uma formação mais ampla e menos ortodoxa, exemplificada pela sua facilidade em frequentar esses ambientes por escolha e decisão.

As observações realizadas por Goldstein e Gelb de seus pacientes os levaram a concluir que para a atividade de cura ser efetiva, o conhecimento do médico não se deveria restringir à compreensão do órgão acometido de determinada patologia ou lesão, numa perspectiva mecanicista usual na concepção da época, mas, conforme destacam Holanda e Moreira (2017) e Santos e Veríssimo (2017), principalmente pelo fato de considerarem os efeitos da doença sobre o organismo como um todo. Essa compreensão, revolucionária naquele momento, destituiu o médico de um raciocínio atomístico e localizacionista, em direção a uma perspectiva ‘organísmica’ do tratamento, onde não é apenas o estudo das partes elementares de uma determinada patologia que trazem sua compreensão, mas a cooperação entre si dessas partes e os ajustamentos que determinada alteração produz organicamente.

Essa nova forma de compreensão experienciada e proposta por Goldstein e Gelb foi influenciada pela chamada Escola de Berlim, fundadora da Psicologia da Gestalt, também

² Kurt Goldstein (1878-1965) foi um importante filósofo e neurologista alemão. Ficou conhecido pelos atendimentos e estudos de soldados acometidos por lesões cerebrais traumáticas, sendo que esses estudos sobre essas alterações neurofisiológicas trouxeram repercussões na neurologia, psicologia e psiquiatria que foram publicados em 1934 seu conhecido livro “O Organismo: uma abordagem holística para a Biologia derivada de dados patológicos em homens” (*Der Aufbau des Organismus*).

³ Adhémar Gelb (1887-1936) foi filósofo, psicologista e parceiro de Goldstein no hospital de Frankfurt para soldados com lesões cerebrais, interessado em investigar as afasias e a percepção das cores. Após sua habilitação para docência com a tese “Sobre a perda de percepção das 'cores superficiais'. Contribuições para a psicologia da cor com base em estudos de casos com distúrbios adquiridos da sensação de cor causados por lesões cerebrais” torna-se professor, em 1924, na Universidade de Frankfurt, tendo como colega Max Wertheimer (1880-1943). Foi assistente de Wolfgang Köhler.

conhecida por *Gestalttheorie* ou Psicologia da Forma. Nas palavras de Manzi Filho: “Apesar de Goldstein criticar algumas concepções da *Gestalttheorie* (como o princípio do isomorfismo, por exemplo), é exatamente sob essa inspiração holística que Goldstein irá pensar sua clínica” (2015, p. 68). A Psicologia da Forma, uma teoria psicológica que se desenvolve no início do séc. XX, tinha como preocupação central compreender como percebemos o mundo e como isso afeta a forma como aprendemos e solucionamos problemas, tendo como seus maiores expoentes Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887-1967) (Heidbreder, 1981).

Não é uma mera coincidência que a Gestalt-terapia teve anos mais tarde em sua concepção a palavra e o sentido de ‘*Gestalt*’. Como veremos, alguns conceitos da *Gestalttheorie*, que Fritz Perls conheceu por meio do trabalho com Goldstein e que deixou nele fortes impressões, acabaram sendo retomados quando do seu afastamento definitivo da teoria psicanalítica (Perls, 1979; Yontef, 1998; Ribeiro, 2012). Isso pode ser percebido quando Perls enumera as pessoas significativas em sua vida no ano de 1926: “Kurt Goldstein, Clara Happel, Lore, e agora o professor Gelb, conferencista sobre psicologia da Gestalt, discípulo de Wertheimer e Köhler” (Perls, 1979, p. 64). Ele cita ainda, em uma entrevista concedida a James Simkin em 1967, acerca de sua experiência em contato com essas novas teorias:

Era um círculo incrível em Frankfurt naquela época. Eram realmente os existencialistas e os gestaltistas. Até aquele momento eu não havia tido muito contato com os existencialistas, como Buber, Tillich, e ... quem mais estava lá ... Scheler, o filósofo. Eu ouvi suas palestras. Mas o que me deixou fascinado foi a abordagem gestáltica: pela primeira vez a possibilidade de rompimento com a perspectiva fragmentada na obtenção de um ponto de vista. (Perls, 1997, posição 97).

É interessante destacar que alguns autores gestálticos interpretam que a influência da Psicologia da Forma teria sido a principal conexão entre a Gestalt-terapia e a Fenomenologia, como comenta Loffredo (1994): “As bases fenomenológicas da GT são provenientes, portanto, da abordagem fenomenológica de campo presente na psicologia da Gestalt, que por sua vez se insere na fenomenologia de Husserl” (1994, p. 75). No mesmo sentido, Tellegen defende que: “A postura fenomenológica da abordagem gestáltica está historicamente ligada à psicologia da Gestalt, cuja linha-mestra se inscreve na fenomenologia husserliana” (1984, p. 40).

Ressaltamos que tais afirmações se inserem em um âmbito delicado visto que são teorias de grande complexidade e com motivações próprias e diversas de uma perspectiva clínica como a gestáltica. Considerando nossa tentativa de identificar aproximações entre a Fenomenologia e a Gestalt-terapia, é preciso buscar esclarecer como a Escola de Berlim ou *Gestalttheorie* poderia trazer para a Gestalt-terapia alguma conexão com a Fenomenologia a ponto de servir-lhe como fundamento. Algumas hipóteses acerca dessa correlação entre a Psicologia da *Gestalt* e a Fenomenologia podem ser levantadas retomando as origens da Escola de Berlim. Nesse sentido, uma primeira possibilidade de aproximação é a inspiração que exerce Franz Brentano (1838-1917) sobre as teorias psicológicas do início do século (Maciel, 2003; Farber, 2012). À época de seus primeiros escritos, por volta de 1874, não temos ainda uma Psicologia instituída enquanto ciência formal, mas um conjunto de teorias psicologistas. Brentano, em confronto com a perspectiva do estudo da consciência naturalista, assumida por Wilhelm Wundt (1831-1920), propõe uma outra epistemologia e método de entendimento do psiquismo. Diferentemente da perspectiva wundtiana que se inclinou para um modelo de ciência convencional, experimental e objetiva, a proposta brentaniana postulou uma ciência subjetivista e empírica, que buscava descrever leis gerais fundadas na observação

empírica. Nas palavras de Petry (2012), “Brentano considerava que a psicologia devia basear-se sobre dados empíricos entendidos como a experiência da própria atividade psíquica conjuntamente com a reflexão ideal” (Petry, 2012, p. 42). Desse modo, Brentano analisou o fenômeno psíquico estabelecendo sua diferenciação dos fenômenos físicos, atribuindo então aos fenômenos psíquicos uma característica de “intencionalidade”, ou seja:

(...) Todo fenômeno psíquico é caracterizado pelo que os escolásticos da Idade Média chamaram de *inexistência* intencional (ou psíquica) de um objeto e, que nós chamaríamos, embora com expressões não totalmente inequívocas, a referência a um conteúdo, a direção até um objeto (...). Na representação há algo representado; no juízo há algo admitido ou rechaçado; no amor, o amado; no ódio, o odiado; no apetite, o apetecido, etc. (Brentano, 1874/1935, p.28, tradução nossa).

Seria interessante imaginar como se desenharia o trajeto da ciência psicológica caso se tivesse assumido formalmente a proposta brentaniana, mas, não foi o caso. Contudo, muito embora a Psicologia enquanto ciência, inaugurada em 1879, tenha assumido a proposta de Wundt, outros grupos de estudiosos também importantes se inspiraram pela proposta brentaniana e por suas ideias. Tomando alguns exemplos, podemos citar inicialmente a sua influência teórica, moral e pessoal nas análises filosófico-matemáticas de Husserl, que assistiu por dois anos às aulas de Brentano e acabou se tornando seu um grande amigo (Farber, 2012; Depraz, 2007). Igualmente, o psicologista Carl Stumpf (1848-1936) – eminente orientador de Husserl –, Wertheimer e Gelb – que foi um dos brilhantes discípulos de Brentano. É possível citar C. von Ehrenfels (1856-1932), teórico austríaco que também foi discípulo de Brentano e que, pesquisando a percepção, propôs a teoria das qualidades gestálticas, que está muito perto das elaborações com a Psicologia da Gestalt. Por fim, e sem a intenção de esgotar os

exemplos possíveis, podemos citar também S. Freud (1856-1939), pai da Psicanálise, que foi ouvinte de Brentano durante três semestres (Cataldo-Maria & Winograd, 2012). Pela estatura desses estudiosos, podemos concluir que a influência de Brentano não pode ser desprezada, embora cada um deles tenha desenvolvido teorias próprias e diferentes.

Todavia, cabe-nos destacar daqueles teóricos que se nutriram da psicologia brentaniana, o filósofo Edmund Husserl, que, após ter encontrado diversas limitações da psicologia científica na fundamentação do conhecimento pela consciência, na sequência reconheceu a mesma impossibilidade na psicologia brentaniana e de outras propostas psicologistas. Sobre isso comenta Husserl:

Eu tinha partido da convicção dominante de que é da psicologia que têm de esperar o seu esclarecimento filosófico, tanto a lógica em geral, quanto a lógica das ciências dedutivas. (...) Em certos aspectos, esta fundação psicológica nunca me satisfaz inteiramente (Husserl, 1900/2014, p. XIII-XIV).

Assim, do reconhecimento dessas limitações, Husserl publica ensaios denominados ‘*Investigações Lógicas*’ em 1900, considerando a chamada ‘Fenomenologia’ como “uma nova fundamentação da lógica pura e da teoria do conhecimento” (Husserl, 1900/2014, p. XIV). Depois de sua carreira inicial em Halle, Husserl se muda para a Universidade de Göttingen como professor no período de 1901 a 1916, e com isso se forma ao seu redor um círculo de teóricos que incluía, por exemplo, Georg Elias Müller (1850-1934) que será o orientador de Wertheimer no experimento do fenômeno *phi* e que dará origem aos estudos que originarão a Psicologia da *Gestalt* (Ash, 1995; Peres, 2015; Castro & Gomes, 2015). E, embora Husserl tivesse declarado claramente que a intenção da fenomenologia não era a investigação do fenômeno natural ou das leis do psiquismo, mas sim uma “psicologia

descritiva das vivências” (Husserl, 1900/2014), muitos teóricos entenderam que a fenomenologia husserliana poderia prestar-se à investigação dessas leis enquanto uma ocorrência concreta (Dartigues, 2005).

Um desses teóricos presentes em Göttingen nesse momento e que buscou constituir uma ponte entre a Fenomenologia e a Psicologia da Forma foi David Katz (1884-1956), assistente de Müller que, a partir de 1907, teve a oportunidade de frequentar seminários e conferências de Husserl. Katz afirmou a influência do filósofo sobre seus estudos, tendo, inclusive a participação do fenomenólogo em sua banca de doutorado, sendo um estudioso da percepção das cores e sua tese de doutoral ‘Modos de aparência da cor’ serviu de inspiração para a Psicologia da Gestalt (Ash, 1995; Peres, 2015; Castro & Gomes, 2015).

Logo, nesse momento, o que se observa é um intenso intercâmbio intelectual e a proximidade de pesquisadores movidos pela ideia de ‘leis gerais’ semeada marcadamente pelos estudos de Brentano (inclusive geograficamente, já que a maioria deles encontra-se nesse momento nas maiores universidades alemãs). Desses primeiros estudos na Universidade de Göttingen, a Psicologia da Gestalt ganha corpo com as pesquisas de Wertheimer sobre o fenômeno *phi* comprovando “o primado do todo em relação às partes”, porém a partir da consciência psicofísica. Posteriormente em Frankfurt, após unir-se a Kofka e Köhler, os três pesquisadores desenvolveram uma extensa teoria sobre as leis da percepção das *Gestalten* (Heidbreder, 1981; Engelmann, 2002; Ash, 1995).

Como afirma Ash (1995), embora Wertheimer possa ter se inspirado pelas ideias concebidas por Husserl, via Müller, principalmente por aquelas expressas na terceira investigação, “Da doutrina do todo e da parte” das “*Investigações Lógicas*”, o que se observa é que a *Gestalttheorie* tomou um caminho próprio e diferente da Fenomenologia, interessando-se pelo psiquismo enquanto estruturas formais enunciadas por meio de leis de organização da percepção em testes experimentais.

No caso específico da Fenomenologia e da Psicologia da Gestalt, a essência da filosofia proposta por Husserl diverge metodológico-epistemologicamente daquela formulada pelos psicólogos da Forma, colocando-os em lugares teóricos diversos (Ash, 1995). Essa diferenciação, por fim, fica esquecida e eclipsada pelo sucesso das pesquisas experimentais que se sucederam. Dartigues (2005) assim nos esclarece sobre isso:

Essencialmente devotados a pesquisas experimentais, os psicólogos da Forma estabeleceram liames muito estreitos entre o domínio da experimentação e o da experiência no sentido fenomenológico. Esses liames são mesmo tão estreitos que, levado ao limite, o primeiro acaba por absorver o segundo, o que certamente não podia satisfazer Husserl, mas demonstra como a inspiração fenomenológica pode ser fecunda mesmo fora dos quadros que Husserl havia estabelecido para ela (Dartigues, 2005, p. 38).

É importante salientar que a Fenomenologia se fundou a partir da crítica ao psicologismo e ao naturalismo, pois como afirma Husserl, a “descrição psicológica é, por outro lado, posta em oposição à descrição fenomenológica. Da qual ficavam inteiramente excluídas todas as interpretações transcendententes dos dados imanentes, e mesmo aquelas interpretações que os tomam como ‘atividades e estados psíquicos’ de um eu real” (Husserl, 1900/2014, p. XVII-XVIII). Isso foi interpretado diferentemente pelos Psicólogos da Gestalt que entenderam a Fenomenologia como um método capaz de nos colocar diretamente frente aos fatos (“voltar às coisas mesmas”), ou seja, “descrição da experiência direta” para serem explicadas cientificamente (Henle, 1979), como afirmou Koffka (1935/1975) sobre o método fenomenológico: “Sem descrever o meio comportamental não saberíamos o que tínhamos de explicar” (p. 84).

Então, se existiram pontos de convergências históricos e temáticos, existiram também pontos de divergências teóricas decisivos entre a Gestalt teoria e a Fenomenologia, colocando assim a Psicologia da Forma como uma conexão um pouco controversa e distante como influência fenomenológica, no sentido husserliano, da fundação da GT. Contudo, mesmo não existindo uma continuidade entre Fenomenologia e a *Gestalttheorie*, os estudos da Psicologia da Forma influenciaram Goldstein na proposição da teoria Organísmica, com a qual Fritz entra em contato em seu trabalho no Hospital de Soldados com Lesões Cerebrais. Contudo Perls lamenta não ter aproveitado totalmente a oportunidade em virtude de sua aderência, à época, à teoria freudiana (Perls, 1979), bem como, confessa não ter sido um grande estudioso da Psicologia da Forma:

Eu admirava muita coisa no trabalho deles, especialmente o trabalho inicial de Kurt Lewin. Não pude concordar com eles quando eles se tornaram positivistas lógicos. Não li nenhum dos seus livros-texto, só alguns artigos de Lewin, Wertheimer e Köhler. Para mim, mais importante era a ideia da situação inacabada, a Gestalt incompleta. Os gestaltistas acadêmicos obviamente nunca me aceitaram. Eu não era certamente um gestaltista puro (Perls, 1979, p. 65).

A despeito disso, as observações de Goldstein e Gelb e as conclusões advindas de seu trabalho postulando que o organismo funciona como uma totalidade acompanharão Perls como um distintivo de sua teoria e serão extremamente relevantes em sua revisão da psicanálise (Helou, 2015). Nesse sentido, vemos na obra ‘Ego, Fome e Agressão’ (2002), escrita em 1942, que sua revisão da psicanálise pretendia: “a) substituir um conceito psicológico por um organísmico (I.8). b) substituir a psicologia da associação pela psicologia da gestalt (I.2).” (Perls, 2002, p. 44). Ainda, nesse mesmo raciocínio, ele afirma, em sua

autobiografia, discordando dos teóricos que formulam perspectivas dicotômicas da pessoa humana, que “Nós *somos* organismos, nós (ou seja, algum misterioso *eu*) não *temos* um organismo. Nós *somos* uma unidade total, mas temos a liberdade de abstrair muitos aspectos dessa totalidade” (Perls, 1979, p. 17, grifos do autor).

É interessante observarmos que, segundo suas próprias palavras, uma grande influência sofrida por Perls em relação à Psicologia da Gestalt é oriunda também dos estudos de Kurt Lewin. Contudo, Lewin, embora tenha trabalhado com Köhler e Wertheimer em Berlin, desenvolveu uma teoria pluralista diferente e não pode ser nomeado como um psicólogo típico da *Gestalttheorie* (Hall & Lindzey, 1969; Ash, 1995). Esse fato é importante, pois fica claro que Perls se interessou por alguns tópicos pontuais acerca da teoria desenvolvida pela Psicologia da Gestalt, sem, contudo, se aprofundar em suas leituras.

Foi também nesse período em Frankfurt que Fritz conheceu Laura Posner, sua futura esposa. De maneira mais explícita e direta que Perls, Laura teve uma relação próxima com a Psicologia da Forma, direcionando-se para a Psicologia diretamente a partir da Psicologia da Gestalt, e desenvolvendo, posteriormente, seu doutoramento sob a supervisão de Wertheimer (Perls, 2012). Laura, que era estudante de Direito da Universidade de Frankfurt, nos conta que ao assistir algumas palestras de Adhémar Gelb sentiu-se profundamente atraída pela questão da forma, principalmente pela maneira de se referir à Psicologia de maneira totalmente diferente dos psicólogos tradicionais da época. Ela relata também que foi por influência de Fritz que se interessou pela Psicanálise, mas aponta que “Eu fui primeiro uma gestaltista e depois me tornei uma analista. Fritz foi um analista primeiro e depois veio para a gestalt e nunca chegou a entrar nisso.” (Perls, 1997, p. 5)

Mesmo com o envolvimento nos trabalhos de Goldstein, Perls, em 1927, resolve mudar-se para Viena, a fim de dar continuidade a sua formação em Psicanálise, pois tinha a oportunidade de estudar com proeminentes psicanalistas da época, dentre os quais, Wilhelm

Reich, que provocará nele uma forte impressão. O processo analítico com Reich, iniciado em 1930, despertou Perls para a observação dos processos corporais por meio das tensões localizadas nos músculos, denominadas por Reich de ‘courageas musculares’, e pelo deslocamento da atenção do analista para as atitudes expressas pelos clientes por meio dos gestos e da postura física, em detrimento do foco no relato do conteúdo dos fatos (Loffredo, 1994; Ginger & Ginger, 1995). Ele descreve assim esse contato com a teoria e a prática reichiana:

A primeira descoberta dele, a couraça muscular, foi um passo importante além de Freud. Trouxe para a terra a noção abstrata de resistência. As resistências tornaram-se agora funções orgânicas totais (...). Outro passo que deixou atrás a vida no divã foi o fato de agora o terapeuta entrar em contato direto com o paciente. O ‘corpo’ ganhou seus próprios direitos.” (Perls, 1979, p. 55).

Com a ascensão do Partido Nacional Socialista em 1933, o casal Fritz e Laura decide deixar a Alemanha, mudando-se para a África do Sul, após um breve período em Amsterdã. Perls teve contato em Johannesburgo com Jan Christiaan Smuts (1870-1950), autor do livro “*Holismo e Evolução*” (*Holism and Evolution*), publicado em 1926, que havia tido contato quando trabalhava com Goldstein em Frankfurt (Helou, 2015).

Em 1936, Fritz participou de um evento de psicanálise na Tchecoslováquia apresentando um trabalho sobre “resistências orais”. Essa participação e a exposição de seu trabalho representaram uma frustração em relação à falta de receptividade dos colegas analistas, com exceção de Ernest Jones, e um passo decisivo no distanciamento da perspectiva psicanalítica. A partir de então, Fritz se sente mais confiante para trabalhar na reconfiguração

de suas ideias apresentadas no congresso e na incorporação teórica da experiência adquirida no período em que trabalhou com Goldstein (Helou, 2015).

Algumas pistas dessas reconfigurações serão apresentadas no livro ‘Ego, Fome e Agressão – uma revisão da teoria e do método de Freud’ (1942) que ele escreve com a colaboração de sua esposa (Perls, 2012). A proposição da obra de “substituir um conceito psicológico por um organísmico” (Perls, 2002, p. 44) já nos aponta uma ampliação de sua perspectiva acerca da patologia e do próprio funcionamento psíquico. Esse livro representa a germinação inicial das ideias que serão desenvolvidas posteriormente e são, nesse momento, apenas derramadas no papel demorando apenas cerca de dois meses para que ficasse pronto (Ginger & Ginger, 1995; Helou, 2015).

2. A FUNDAÇÃO DA GESTALT-TERAPIA EM SOLO ESTADUNIDENSE.

A chegada de F. Perls aos Estados Unidos em 1946, marcou o período decisivo na história da abordagem gestáltica: sua fundação. Nesse momento, tivemos o rompimento formal de Fritz com a Psicanálise e sua tentativa constante de dar ‘forma’ às ideias trazidas da Europa e do período em que viveu na África do Sul. Foi um momento de busca por construir uma teoria e, principalmente, uma prática que se alinhasse com sua perspectiva acerca do ser humano e mundo.

Perls trazia consigo um pequeno manuscrito de mais ou menos 100 páginas, resultado de suas elaborações teóricas advindas da tentativa de releitura da Psicanálise, tal como iniciada na publicação de “*Ego, Fome e Agressão*” (Perls, 1997). Tinha como projeto publicar esse manuscrito em uma obra mostrando ali a nova perspectiva de seu trabalho terapêutico, diferente daquele psicanalítico. Nesse empreendimento intelectual-editorial encontrou como parceiro Paul Goodman (1911-1972). Desde sua estada na África do Sul, o casal Fritz lera um

artigo escrito por Goodman, publicado na revista *Politics*, que muito lhes agradou, que discorria sobre Wilhelm Reich e os chamados ‘neofreudianos’. Assim, ao chegar nos Estados Unidos esperavam encontrá-lo (Perls, 2012; Frazão, 2013). Sobre isso Fritz (1997) nos conta: "Bem, ele é um cara que parece ter uma boa perspectiva. Gostaria de conhecê-lo e ver como ele aceitaria minhas ideias" (Perls, 1997, posição 62).

Paul Goodman foi um personagem essencial na GT e, principalmente no percurso que levou o manuscrito de Perls à publicação de 1951 e que marcou o início da constituição da nova e pretendida abordagem: a obra ‘*Gestalt-Terapia*’. Laura Perls comenta que: “A influência de Paul Goodman foi muito importante e acho que sem ele não teria havido uma teoria coerente de Gestalt-terapia” (Perls, 2012). Tal afirmação revela-nos a importância de Goodman desde o início da concepção da GT, uma vez que foi a pessoa responsável por colocar em forma de texto organizado e teorizado, mesmo sob a revisão de Fritz, as ideias rascunhadas no manuscrito, como o próprio Fritz relata (1997):

Então, depois que *Ego, Fome e Agressão* não teve muito sucesso, pensei que não era um escritor adequado. Por isso, decidi dividir o manuscrito, deixando Hefferline realizar as experiências que eu tinha concebido. Ele as realizou na Universidade de Columbia e recolheu as respostas. E *Paul Goodman para fazer a parte teórica*. Paul Goodman contribuiu bastante para o livro. (Perls, 1997, posição 67, grifo nosso).

De todo o breve exposto até aqui, vimos que Perls esteve, até esse momento, intimamente, mesmo experimentando conflitos, ligado teórica e profissionalmente à Psicanálise. O seu vínculo com a teoria freudiana, todavia, não o impediu de tomar contato com outros autores, como alguns dos psicólogos da Psicologia da Gestalt, Kurt Goldstein, Salomo Friedlander (pensamento diferencial), Jan C. Smuts (holismo evolutivo), bem como

psicanalistas revisionistas e dissidentes como Wilhelm Reich e, posteriormente, com os ‘culturalistas’ (Loffredo, 1994; Ginger & Ginger, 1995; Helou, 2015). Desse contato, podemos dizer que foram apresentadas a ele outras perspectivas, principalmente aquelas que concorriam parcialmente com o ponto de vista da Psicanálise ortodoxa e que, em Perls se concretizaram com a publicação de *‘Ego, Fome e Agressão’*, seu registro formal de uma tentativa de revisão e reformatação de suas ideias psicanalíticas como a substituição da psicologia da associação pela psicologia da Gestalt, com ênfase na noção de totalidade. E, cabe destacar que até esse período, não encontramos nenhuma referência explícita e formal e nenhuma citação direta de um contato ou estudo de Perls em relação à Fenomenologia filosófica. Como vimos, talvez a aproximação pode ter se iniciado do contato de Perls com a Psicologia da Gestalt e, mesmo assim, de maneira difusa e indireta, conforme analisamos nos registros históricos da época.

Ao firmar sua parceria com Paul Goodman, principalmente na edição do manuscrito trazido desde o período da África do Sul, temos, por assim dizer, a saída oficial da hegemonia na constituição dessa *Gestalt* terapia das mãos de Fritz. Embora, até o final de seus dias, Perls tenha sido reconhecido como o pai da Gestalt-terapia e seu principal divulgador, e, de fato, tenham sido dele as ideias essenciais, temos essa ‘paternidade’ dividida entre dois homens de pensamento forte. Na acepção de Stoehr (2007), biógrafo de Goodman, não poderia haver duas pessoas tão diferentes como Perls e Goodman, mas, a despeito dessas diferenças, temos a fusão das ideias de Perls e de sua vasta experiência clínica, associadas à erudição e inquietude de Goodman, tal como observamos na composição do próprio livro.

Stoehr (2007) ressalta, ainda, a participação importante de Laura Perls na continência desse período de escrita do *‘Gestalt-therapy’*, porque embora seu nome não conste como coautora oficial do livro (e, podemos estender do mesmo modo na obra *“Ego, Fome e Agressão”*), Laura teve uma participação ativa e presente nas discussões que delinearão as

ideias que foram sendo desenvolvidas, conforme ela mesma afirma: “(...) depois da publicação do Gestalt-terapia, Fritz Perls e Paul Goodman estavam ansiosos para fundar um Instituto de Gestalt-terapia. Eu não queria ser incluída, apesar de ter participado na maior parte das vezes de suas discussões durante a redação do livro” (Perls, 2012, posição 2373).

Como Paul Goodman, Laura era também muito culta, até mais que Fritz: havia estudado psicologia, psicanálise e filosofia com o filósofo e teólogo Paul Tillich em Frankfurt, como ela mesma comenta em entrevista concedida em maio de 1977: “Eu trabalhei por alguns anos com Paul Tillich. Enquanto estudante eu li Kierkegaard e Heidegger; também os fenomenologistas: Husserl e Scheler” (Perls, 1997, posição 455). Aprofundou-se também na Psicologia da Gestalt de Wertheimer, a partir dos trabalhos de Goldstein e Gelb nos experimentos desenvolvidos com pacientes veteranos da Primeira guerra. Além disso, tinha uma cultura acentuada, pois lia grego e latim, treinava balé, além dos interesses e conhecimentos em literatura e música (Perls, 2012; Frazão, 2013). Por fim, tornou-se também psicoterapeuta sendo, posteriormente, supervisora do próprio Goodman.

Mas, afinal, e a formação de Paul Goodman? Ele mesmo se definia como um ‘homem das letras’, amante da literatura e um escritor. Nascido em 1911, em Manhattan, numa família judia, desde jovem escrevia contos e novelas, sem que, contudo, tenha obtido ao longo da vida muito sucesso com suas obras de ficção. Teve também algumas experiências na vida acadêmica, mas o constante e reiterado envolvimento afetivo com seus alunos e alunas sempre lhe trazia problemas o que, conseqüentemente, causava demissões. Goodman foi profundamente engajado nos problemas políticos e sociais de sua época e um personagem proeminente na história do anarquismo da primeira metade do século XX (Belmino, 2017), tendo finalmente ganhado notoriedade com sua obra “*Growing Up Absurd*”, publicada em 1960, dedicada a Lore Perls, em que elabora uma relevante crítica social.

Sua perspectiva da natureza humana foi sendo constituída a partir de diversos autores, sendo que seus amigos da juventude recordam dele aos 20 anos envolvido com Aristóteles, Santo Agostinho, Cocteau, Kant, Tu Fu, Kropotkin, Trotsky, Dewey e Freud e seus seguidores. Encontra-se aqui o interesse pela Psicanálise, algo que tinha em comum com Perls. O contato de Goodman com a Psicanálise iniciou-se, como descreve Stoehr (2007), muito cedo e “aos 30 anos seu pensamento estava saturado de conceitos psicanalíticos” (p. 51). Mais tarde, em 1945, descobriu Reich e isso provocou-lhe um grande impacto, chegando a afirmar que a Psicanálise freudiana havia se tornado para ele como uma ‘religião’, devido a tantos dogmas inabaláveis. Em 1951, escreveu um ensaio intitulado *Sobre ser escritor (On Being a Writer)* em que se pergunta sobre o fracasso de sua vida literária e sobre a possibilidade real de contribuir com sua obra na melhoria da sociedade como um todo e com uma perspectiva pessoal que trouxesse uma vida com mais sentido. Goodman então apenas encontraria as respostas a esse questionamento dez anos mais tarde, em 1960, na obra *Growing Up Absurd*, onde, mais maduro, encontra o tom certo e a audiência exata capaz de compreender as críticas feitas ao modo de constituição das relações sociais e políticas de sua época (Stoehr, 2007).

Pois bem, a tradição intelectual de Goodman, embora eclética, foi centralizada em seus estudos sobre Aristóteles, Santo Agostinho, Cocteau, Kant, Tu Fu, Kropotkin, Trotsky, Dewey e Freud, intelectuais que tratam da crítica social e anárquica e da Psicanálise. Stoehr (2007) assim descreve sinteticamente as influências que ajudaram Goodman a compor a sua ideia de natureza humana:

Uma visão de natureza humana que remonta a Aristóteles, com ramificações nos psicólogos gestálticos de Frankfurt e nos funcionalistas que seguiam William James nos Estados Unidos. Essa ideia central (...) refletia a formação filosófica de Goodman

e seu compromisso com a tradição ocidental: os gregos, *la Ilustración*, a ciência natural de Faraday, Darwin e Freud (Stoehr, 2007, pag. 12).

Com isso, depreende-se de sua biografia que, sendo um homem versado na intelectualidade de seu tempo, tenha tido contato com as principais teorias que circulavam na época. Agora, especificamente em relação à Psicologia da Gestalt, como observa Stoehr (2007), Paul Goodman havia lido cuidadosamente *O Organismo (The Organism)*, livro de Goldstein, e as obras clássicas de Koffka e Köhler, porém, não sabia muito sobre Kurt Lewin, como também não estava familiarizado com as publicações científicas desses autores, porque seu alemão era insuficiente. Além desse conhecimento teórico, Goodman conheceu Goldstein pessoalmente assim que chegou aos Estados Unidos, no outono de 1934. Goodman era um jovem boêmio que fazia trabalhos avulsos como professor particular e encontrou em Goldstein um “aluno” que necessitava de algumas aulas de inglês (Stoehr, 2007).

Como vimos, não foi por acaso, que ao se discutir o nome da nova abordagem, fosse aventada a possibilidade de um título que remetesse à influência que a Psicologia da Gestalt exerceu em Fritz, Laura e Goodman. Contudo, essa não foi a primeira opção deles. Originalmente tinha o nome de ‘Terapia da Concentração’, um título pensado na mesma época de *Ego, Fome e Agressão*. O próprio Perls afirma que, quando escreveu o manuscrito que daria origem ao livro, ainda não tinha nome algum em mente:

No meu manuscrito, que escrevi por volta de 1949, eu não tinha ainda o título (...) ou uma ideia dele. Como eu encontrei na Psicologia da Gestalt uma base conceitual tão útil, eu quis utilizar como título *Gestalt-terapia*, apesar de Laura e Goodman. Eles eram contra um título tão excêntrico (Perls, 1997, posição 57).

Laura Perls, a pessoa que, entre eles, provavelmente possuía maiores conhecimentos teóricos da Psicologia da Gestalt discordou do nome “Gestalt-terapia”, justamente por considerá-lo inadequado diante do modo como se havia incorporado os conceitos da Teoria da Forma na nova abordagem iminentemente clínica (Loffredo, 1994). Laura nos conta:

(...) Na realidade, quando começamos, nós queríamos chamar de “Terapia Existencial”, mas o existencialismo estava muito identificado com Sartre, com a abordagem niilista, então nós buscamos outro nome. Eu pensei que Gestalt-terapia, a palavra Gestalt poderia nos colocar em dificuldades. Mas essa crítica foi rejeitada por Fritz e Paul (Perls, 1997, posição 426).

Na dúvida sobre o título do livro e a aplicação do termo ‘*Gestalt*’ na nova teoria, o próprio Wolfgang Köhler⁴ foi consultado e, do mesmo modo que Laura Perls, Köhler se posicionou desfavoravelmente, argumentando que se “Os psicólogos da Gestalt são criticados no texto por justamente não terem feito o que os autores acreditam que deveria ser feito. Por que se apropriar do nome de uma psicologia que, segundo eles, não acertou nos pontos principais?” (Köhler citado por Stoehr, 2007, p. 78). Köhler então não achou pertinente que, mesmo depois de algumas críticas feitas por Perls e Goodman à Psicologia da Gestalt, utilizassem como denominação dessa nova abordagem um termo e uma ideia que significasse uma remissão à *Gestalttheorie*.

A carta de Köhler endereçada à psicóloga Molly Harrower, que foi a responsável por enviar a prova do manuscrito do livro “*Gestalt-Terapia*” a ele, está datada de 07 de dezembro

⁴ Coube a Köhler essa tarefa de ser um “porta-voz sobrevivente da teoria da Gestalt” na avaliação do termo na aplicação da nova teoria, porque tanto Koffka (1941) quanto Wertheimer (1943) já tinham falecidos. Vale a pena lembrar que em 1934, W. Köhler ministrou uma série de palestras em Harvard e logo emigrou com Kurt Koffka, Kurt Lewin e Max Wertheimer para os Estados Unidos. Köhler se estabeleceu no *Swarthmore College*, Koffka foi para *Smith College*, Lewin foi lecionar na Universidade de *Iowa* e Wertheimer para *New School* (Ash, 1995; Stoehr, 2007).

de 1951 e se encontra na Biblioteca Houghton, na Universidade de Harvard. Em resposta à carta de Köhler, Goodman buscou justificar a escolha, explicando que provavelmente essa impressão causada pela obra pode ter sido fruto do conhecimento apenas do primeiro volume do livro. Ele assim se dirige a Köhler (Stoehr, 1997, p. 78):

Estimado Wolfgang Köhler:

A Dra. Harrower me enviou sua nota sobre o nosso *Gestalt terapia*. Permita-me fazer alguns comentários para evitar mal-entendidos. Provavelmente você realizou a leitura apenas dos primeiros capítulos – se houvesse chegado à parte mais sistemática (Teoria de Si Mesmo [do Self] ao final do volume 2 suas observações seriam menos relevantes. A estratégia de ordenamento do livro foi começar de um nível mais “popular” - mas acessível aos conceitos e hábitos de leitura estadunidenses etc. – e avançar em direção aos pontos mais difíceis e originais. Isso resultou em uma linguagem e tratamento dos conceitos que, para meu gosto, é apenas tolerável; sua expressão “quase vulgar” é dura, mas não injusta.

Para entrar nas questões mais importantes: nossa tese não é que os gestaltistas não tenham “acertado nos pontos principais”, como você disse, mas sim que os tenham captado, mas não acentuado. Nosso método de trabalho clínico é em princípio simples: concentrar-se na unidade de comportamento, por exemplo, a coerência da imagem que a pessoa descreve com a expressão facial durante a descrição e o tom de voz empregado. Quando as distorções (não simplesmente) desta unidade são conscientes, as perturbações nas condições da concentração de imediato se colocam em primeiro plano, por exemplo, algo evitado no contato entre paciente e terapeuta, tensões musculares inconscientes etc. Ou seja, tratamos de desenvolver um experimento aberto em lugar de um controlado: a pergunta não é em que condições obtemos um

comportamento consistente, mas sim quais condições devemos mudar à medida que o comportamento tenta alcançar a simplicidade. Isto nos leva a formulações na teoria consistentes com a relação figura-fundo. O Vol. 2 de nosso livro tem a intenção de rascunhar esta teoria e me parece que isso não é irrelevante para a Psicologia Gestáltica, mas sim uma contribuição para referida Psicologia.

Em outras palavras, tomamos a indicação terapêutica de Goldstein de que em qualquer disfunção (por exemplo, um membro lesionado e contraído) devemos atentar alternadamente a parte saudável como figura ou como fundo. O inconveniente da postura de Goldstein – se me permite desviar – é que continuamente tende a derrotar-se a si mesma com seu notável prejuízo que o comportamento extensor é menos "digno" e menos "humano" que o comportamento contratante (gostaria de citar-lhe um ou dois parágrafos de seu *Organismo*, mas não tenho o livro nas mãos). O resultado disso é que o ambiente é descartado como fonte de energia curativa – apesar de que as vezes se menciona, em geral entre parêntesis, que o ambiente fornece energia para formar a figura. Quer dizer, se condena a uma mera fisiologia, assim como a maioria dos outros psicólogos gestálticos se circunscrevem a uma psicologia da perceptiva ou interpessoal. Em nosso livro tratamos de reintegrar essas divisões. Isto resulta em consideráveis aventuras metafísicas, muito contrárias aos conceitos populares – tudo isso constitui o tema do Vol. 2.

Finalmente, permita-me fazer uma observação quanto ao título de nosso livro. É difícil satisfazer a três autores. O Prof. Hefferline e o Dr. Perls têm devotas conexões com a Gestalt (A Dra. L. Perls – esposa de Dr. F. e sua colaboradora durante 20 anos – foi, por exemplo, uma fervorosa discipula de Wertheimer). Com respeito a mim, minha afinidade com a forma de expressar essas ideias procede modernamente de, digamos, as *Ideias* de Husserl ou, em sentido oposto, de Dewey. Todavia, finalmente, tanto para

você quanto para nós, a mais intrínseca – e em muitos sentidos a melhor – expressão de nossa postura é a de Aristóteles e Kant. E logo que? Permita-me dizer-lhe que apostaria que, do ponto de vista da apreciação do público, a Psicologia Gestáltica tradicional terá mais proveito do uso que demos a essa linguagem do que obterá nosso livro por chamar-se *Gestalt-terapia*.

Pessoalmente, permita-me agradecer-lhe a influência formativa que tiveram seus livros em minha juventude.

Sinceramente,

Paul Goodman

(Stoehr, 2007, p. 80).

Stoehr (2007, p. 81) defende que por “afinidade” Goodman quis sugerir mais um paralelo do que uma influência com a obra husserliana já que acrescenta “em sentido oposto” com Dewey, o que significaria uma tendência fenomenológica pragmática, sem, todavia, esclarecer detidamente como se deu essa apreensão e como foi articulado isso terapeuticamente.

Bem, se considerarmos a vasta bagagem intelectual-teórica de Goodman, parece apropriado admitir que ele tinha certo conhecimento de Husserl, tal como ele mesmo cita em carta. Entretanto, é certo precisarmos a obra “*Ideias*” de Husserl nesse contexto, pois parecemos que não se apresentou como uma influência direta e expressiva em Goodman, visto que em boa parte das obras consultadas de Goodman (1947; 1960; 1973, 1976; 2010)⁵ a presença

⁵ Nas obras consultadas encontramos Paul Goodman citar: 1. diretamente Husserl, mais especificamente o conceito de “horizonte”, na obra “*Speaking and Language: defence of poetry*” de 1971, quando ao se referir a questão da linguagem positivista, aquela inaugurada desde A. Comte, afirma que, em sua opinião, uma linguagem positivista muito mais precisa seria aquela fundamentada na experiência primária bruta advinda da Psicologia da Gestalt e Fenomenologia, mesmo que isso parecesse estranho; e, retoma, também brevemente, vinte anos depois, a afinidade iniciada na carta de 1951 entre Dewey e Husserl (Goodman, 1973); 2. cita o termo e a ideia de fenomenologia em anotações de diários sobre o que chamou de “pensamentos sobre o tempo ocioso”, publicadas em 1966, sob o título “*Five Years: thoughts during a useless time*”, porém o termo aparece

da filosofia fenomenológica é mínima. Mesmo seu principal biógrafo Stoehr dedicou poucas linhas sobre a influência da fenomenologia em Goodman, reservando única e exclusivamente esse momento da relação com a Gestalt-terapia (Stoehr, 2007, 2011).

De todo modo, o cenário da Fenomenologia husserliana nos Estados Unidos é complexo. Apesar de William James ter iniciado certa difusão e, anos depois em 1917, tenha circulado uma nota sobre Husserl de Albert Chandlers, como nos conta Herbert Spiegelberg (1982), será mesmo com a monografia intitulada “*Fenomenologia como método e como disciplina filosófica*” (*Phenomenology as a method and as a philosophical discipline*), de Marvin Farber (1966), publicada em 1928, que definitivamente o público estadunidense terá uma primeira exposição sistemática da Fenomenologia de Husserl.

Somente em 1962 é que teremos a primeira tradução em inglês das “*Ideias*” de Husserl (*Ideas: General Introduction to Pure Phenomenology*) de W. R. Boyce Gibson, mas, como comenta McKenna (1984), com uma qualidade não muito boa. E, em 1982, aparecerá então uma tradução revisada e comparada das “*Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*” (*Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy: First Book: General Introduction to a Pure Phenomenology*) de Fred Kersten (1982).

Então, nos parece bastante improvável que os principais responsáveis pela escrita da obra ‘Gestalt-terapia’ tenham sido influenciados pela Fenomenologia a partir das obras de E. Husserl simplesmente pela inexistência de citações ou referências diretas das obras em alemão, pelas explicações serem afirmações sempre imprecisas e vagas e, que pelas primeiras traduções em inglês vieram a partir de 1962, depois da publicação da obra ‘Gestalt-terapia’ (também não há citações em edições revisadas e ampliadas).

um sentido vago como aquele usado tradicionalmente na filosofia como “estudo das manifestações”, pois não aparece associado a Husserl, mas sim a Descartes, Leibniz e Rilke, por exemplo.

Especificamente sobre Perls, temos o depoimento do próprio Isadore From (1997) que ao procurar Fritz em busca de terapia, logo após sua chegada em Nova Iorque, em 1946, comentou que ao procurá-lo como analista foi inicialmente rejeitado por Perls, por não poder pagar o que era exigido. Todavia, ao ser perguntado por Perls sobre os temas que estava estudando, acabou sendo imediatamente aceito como analisando, segundo suas impressões, ao citar dentre os vários cursos a palavra ‘Fenomenologia’, o que indica o interesse de Perls pelo tema. From (1997) ainda relata, que embora tivesse pouco conhecimento da língua alemã e, por esse motivo, tinha lido muito pouco das obras husserlianas, havia feito um curso, de um ano sobre Fenomenologia na *New School for Social Reserch*⁶ (Nova Iorque), após sua chegada em Nova Iorque em 1945, o que lhe deu mais conhecimento:

Eu havia lido alguns dos artigos de Husserl, mas não afirmei ter conhecimento dele. Eu sabia que tinha mais conhecimento que Perls sobre ele. E ele também. Tornou-se evidente para mim, mais tarde, porque ele estava interessado. (...) Bem, se o que mais tarde se tornou a Gestalt-terapia tem alguma inclinação filosófica, seria de Husserl e do existencialismo, que é um tanto derivado de sua obra (From, 1997, posição 664).

Stoehr (2007), ao comentar esse episódio, afirma que Perls, nessa época, buscava maneiras de fundamentar a ‘terapia da concentração’ com filosofias que lhe pudessem acrescentar força teórica, o que reitera em nós a ideia de que a Fenomenologia tenha sido associada *a posteriori* para legitimar seu pensamento e prática, mas, talvez um entendimento

⁶ *New School for Social Research*: renomada universidade sediada em Nova Iorque, fundada em 1919, por um grupo de intelectuais em sua maior parte dissidentes da Universidade Columbia. Recebeu muitos teóricos que fugiram do nazismo na Europa a partir de 1933, sendo por isso conhecida como a “Universidade no Exílio”. Seu corpo docente já teve nomes como John Dewey, John Maynard Keynes, Karen Horney, Eric Fromm, Margaret Mead, Gerda Lerner, entre outros.

de Fenomenologia bem diferente daquilo que preconizou Husserl, principalmente em suas “*Ideias*”.

É interessante relembrar que naquele momento histórico da elaboração e publicação de sua obra “*Gestalt-Terapia*”, as filosofias existenciais e filosofia fenomenológica estavam começando a ter certa repercussão na América, trazidas pelos intelectuais vindos da Europa. Contudo, como bem observa Besora (1986), essas filosofias foram recebidas quase sempre por um viés psicológico, o que muitas vezes acabou por retirar seu sentido filosófico originário.

Ainda, alguns dos adeptos da Psicologia da Gestalt, agora em solo americano, que foram responsáveis pela inicial veiculação da Fenomenologia entre o grupo de intelectuais, como por exemplo Aron Gurwitsch (1966). A partir de 1927, Kurt Koffka passou a desenvolver seus trabalhos no *Smith College*, Massachusetts, publicando, então nos Estados Unidos, a obra “*Princípios da Psicologia da Gestalt*”, em 1935; mais tarde, Wolfgang Köhler e Max Wertheimer também emigram, estando os três principais autores da Psicologia da Gestalt. Um outro teórico importante que emigrou devido as questões políticas da Alemanha, em 1934, foi Kurt Lewin, cuja teoria de campo também influenciará sobremaneira a Psicologia. Em contrapartida, foram pouquíssimos os estudiosos americanos que foram à Europa e conheceram a Fenomenologia na sua origem, entre os mais citados estão Dorion Cairns, Gordon Allport e R. B. Macleod (Besora, 1986).

Em relação ao existencialismo, é do próprio Goodman a afirmação irônica de que agregou muito de “existência” à base psicanalítica da Gestalt-terapia, considerando inclusive que, o resultado havia soado “estranho”, mas que havia sido aprovado por Perls (Stoehr, 2007).

3. CONEXÕES COM A PSICOLOGIA HUMANISTA

Concomitantemente ao desenvolvimento da Gestalt-terapia, observamos também a emergência de outras teorias psicoterapêuticas psicológicas, que também propunham alternativas à psicologia experimental e behaviorista, que se constituía na principal vertente teórica da psicologia americana. (Buys, 2006). Os psicólogos/psicanalistas que postulavam a revisão da Psicanálise, chamados ‘psicanalistas revisionistas’ – como Perls, Fromm, Horney, por exemplo –, que também se alinhavam nesse grupo de intelectuais que se colocavam como alternativas emergentes ao behaviorismo. Esse grupo de intelectuais será mais tarde conhecido como fundadores da chamada “terceira força” ou “Abordagens humanistas”, que abrigará sob a mesma nomenclatura variadas concepções teóricas de psicologia e psicoterapia que vão começar a eclodir em meados do século XX, não sendo classificados como behavioristas e nem a partir perspectiva freudiana ortodoxa. Em 1969, em uma conferência na Associação de Psicologia Humanista, Floyd Matson afirmou que:

Esta nova Psicologia, a terceira revolução, representa uma reação contra o Behaviorismo e a Psicanálise ortodoxa; (...) ao invés dos dois movimentos de pensamento que a precedem e lhes opõem, a Psicologia Humanista não constitui um corpo único de teoria, mas uma coleção ou convergência de numerosas diretrizes e escolas de pensamento (Matson, 1975, p. 74-75).

Nossa questão em relação a essas abordagens se assenta em investigar se haveria alguma influência significativa da Fenomenologia sobre elas, que pudesse, por sua vez, representar um fator que interferisse na constituição da Gestalt-terapia. A respeito disso, sobre as afiliações e fundamentações que se desenvolvem nesse período em relação à

Fenomenologia existem diversas posições sobre o assunto. No entendimento de Misiak e Sexton (1973), a partir de 1950, houve um crescente interesse dos psicólogos americanos acerca da filosofia fenomenológica e existencial, sendo que esses autores começaram a estabelecer uma conexão importante entre tais filosofias e suas psicologias humanistas, alguns até mesmo identificando-as como uma ‘psicologia fenomenológica’.

Por outro lado, afirma Besora (1986) que os psicólogos americanos, muitos deles fundadores das psicologias humanistas, tinham poucos interesses e conhecimentos acerca da fenomenologia husserliana, até mesmo em face de sua complexidade. Isso pode ser confirmado, por exemplo, no comentário de Maslow que afirma: “Os fenomenólogos europeus com suas demonstrações torturantemente cuidadosas e laboriosas, podem nos reensinar que o melhor modo de compreender outro ser humano ou, pelo menos, um modo necessário para algumas finalidades é o penetrar em seu *weltanschauung* e ser capaz de ver seu mundo através de seus olhos (Maslow, 1961/1986, p. 62).

Ainda, Carl R. Rogers (1902-1987), importante teórico da Psicologia humanista, em uma entrevista concedida a Besora e publicada em 1982, comenta sobre as teorias e filosofias da época:

Em verdade, não recebi grande influência da filosofia existencial. Descobri ela quando já havia formulado meus próprios pontos de vista e percebi que existiam grandes coincidências. Penso que os autores que mais me causaram impacto foram Kierkegaard e Martin Buber (...) Nem Heidegger, nem Sartre, por outro lado, jamais influenciaram minha pesquisa (Besora, 1982, p. 111).

Vimos em Maslow e Rogers, como já havíamos destacado em Perls, como cada um desses autores partia primordialmente de sua própria experiência, empreendendo revisões

teóricas, nascidas principalmente do descontentamento e da insuficiência das possibilidades prático-teóricas existentes, principalmente do Behaviorismo e da Psicanálise. Eles caminhavam às margens da Psicologia oficial e não havia muito espaço no mundo acadêmico para publicações que trouxessem inovações teóricas, principalmente porque, como observou Anthony Sutich (1907-1976) – psicólogo humanista transpessoal, amigo pessoal de Maslow – o “behaviorismo emergia em todas as direções com grande velocidade, e a publicação de um artigo como o meu parecia fora de questão” (Sutich, 1976, p. 21).

Em sua obra *‘Introdução à Psicologia do Ser’*, discutindo acerca do que a Psicologia poderia apreender dos existencialistas, Maslow afirma que, embora exista muita coisa proveitosa, o existencialismo é por vezes vago e difícil de entender. Em suas palavras nos confessa que: “Não sou existencialista, nem mesmo um atento e profundo estudioso desse movimento. Há muita coisa nos escritos existencialistas que acho extremamente difícil, ou mesmo impossível compreender e não tenho feito muito esforço para consegui-lo” (Maslow, 1986/1961, p. 57). E, em outra obra, nos afirma que “(...) verificamos que não se trata tanto de uma revelação totalmente nova quanto de uma ênfase, confirmação, refinamento e redescoberta de tendências já existentes na ‘Psicologia da Terceira Força’.” (1962/1970, p. 35). E, ainda quanto à Fenomenologia, Maslow comenta em 1962 que, embora possa ter sido relevante em algum momento na psicologia americana, a “fenomenologia tem uma história no pensamento psicológico americano, mas, de um modo geral, creio que definhou” (Maslow, 1962/1970, p. 40).

É interessante essa afirmação de Maslow, e nos confirma a análise de Besora que a Fenomenologia era muito mal compreendida pelo grupo de psicólogos, porque diferentemente do que sugere Maslow, a Fenomenologia estava nos anos de 1960 começando, de fato, sua circulação nos EUA. Um exemplo disso é o surgimento da ‘Sociedade de Fenomenologia e Filosofia Existencial’ (*Society for Phenomenology and Existential Philosophy*). Apesar de ter

iniciado suas atividades na Universidade de Harvard, no Departamento de Filosofia, com John Wild, foi somente depois que Wild deixou Harvard, em 1961, para se tornar presidente do Departamento de Filosofia da *Northwestern University* que sua visão de uma sociedade profissional dedicada a uma discussão de fenomenologia e existencialismo foram colocados em ação. Nesse mesmo sentido, a criação do “Instituto Mundial de Fenomenologia” (*World Phenomenology Institute*), no final da década de 1960, que foi fundado por Anna-Teresa Tymieniecka, filósofa polonesa americana, fenomenóloga, discípula de E. Husserl e R. Ingarden, bem como a publicação de uma série de livros nomeados de “*Analecta Husserliana*” já nos anos de 1970.

Para os psicólogos humanistas, nesse momento, interessava afastar-se de “sistemas de conceitos ou categorias abstratas e apriorísticas” em direção a um saber proveniente do “conhecimento experimental” (Maslow, 1962/1970, p. 35), baseado “na experiência pessoal e subjetiva como fundação sobre a qual o conhecimento abstrato é construído.” (Maslow, 1962/1970, p. 36). De certo modo, o fato de inscreverem-se no âmbito filosófico, ou seja, ‘abstrato’ e ‘apriorístico’ originava ressalvas em relação a elas em virtude dessa necessidade de uma aplicação empírica do conhecimento (Branco & Cirino, 2022).

Com relação à fenomenologia e ao existencialismo, ainda nas palavras de Maslow, seriam capazes de oferecer à psicologia uma “antropologia filosófica” que suprisse a lacuna de uma definição do que é o homem e de quais suas características essenciais, e uma ênfase na ‘Psicologia Idiográfica’ como fundamento da ciência: “Se o estudo da singularidade do indivíduo não se ajusta ao que sabemos de ciência, então pior para esse conceito de ciência. Também ele terá de sofrer uma recriação” (Maslow, 1962/1970, p. 39). Portanto, as filosofias que se achegavam seriam provedoras de uma ‘visão de mundo’ e de uma base conceitual para que se legitimasse a ênfase no “retorno à experiência concreta”.

Sobre a possibilidade de que a Fenomenologia husserliana seja capaz de favorecer uma visão de mundo à Psicologia, tomaremos por empréstimo de Stein sua definição de visão de mundo como “uma visão geral sobre tudo o que há, os ordenamentos e as conexões nas quais tudo se insere, sobretudo o posicionamento do ser humano no mundo, sua proveniência e o seu destino.” (Stein, 2019, p. 143). A mesma autora posiciona-se no sentido de que a fenomenologia husserliana é capaz sim de prover uma visão de mundo no sentido que Husserl:

(...) afirma um ser absoluto ao qual remete tudo o mais e em referência ao qual se deve entender tudo o mais: uma multiplicidade de mônadas, que dizer de sujeitos, cada qual estruturando para si em seus atos o ‘seu’ mundo, mas também todos, em entendimento e no intercâmbio de suas experiências, estruturando um mundo intersubjetivo.

Acerca da possibilidade de uma Psicologia Idiográfica com base na fenomenologia husserliana, consideramos uma posição mais complexa visto que a proposta de Husserl não objetivava a compreensão da experiência individual, mas tomar como ponto de partida a experiência em direção ao conhecimento das essências. Nas palavras do filósofo, “O conhecimento natural começa pela experiência e permanece na experiência” (Husserl, 1913/2006, p. 33) fundamentando as ciências do mundo (inclusive, na sua opinião, a Psicologia); já a Fenomenologia, denomina-se ciência de essência e nela “*nenhuma experiência como experiência*, isto é, como efetividade, como consciência que apreende ou põe existência, *pode assumir a função de fundação.*” (Husserl, 1913/2006, p. 42, grifos do autor), pois “*a apreensão intuitiva de essência (é) o ato fundante último.*” (Husserl, 1913/2006, p. 43, grifos do autor). Nesses termos, tomar a compreensão idiográfica como uma postura fenomenológica seria uma impropriedade visto que a experiência no sentido da

existência singular é justamente aquilo que é deixado para trás por meio das reduções a fim de se alcançar uma atitude fenomenológica.

Bem, sobre o termo “humanista” dessas psicologias, temos que foi escolhido depois de um longo debate, coordenado por Maslow, consistindo num termo escolhido por congregar as diversas teorias nascidas na metade do século XX e que tinham a proposta de uma teoria interessada de modo central nos problemas humanos (Sutich, 1976; Besora, 1982). Dessa discussão e da necessidade de oficializar o grupo de intelectuais, nasceu a “Associação Americana para a Psicologia Humanista (AAHP)”. Segundo o documento *Progress Report* (Sutich, 1976, fls. 484), que serviu de preparação ao primeiro encontro “Nacional da Associação Americana para a Psicologia Humanista” (AAHP), temos a seguinte definição:

A psicologia humanística pode ser definida como o terceiro principal ramo do campo geral da Psicologia (os dois já existentes sendo o psicanalítico e o comportamental) e, como tal, está principalmente preocupado com aquelas capacidades e potencialidades humanas que não têm lugar sistemático, seja na teoria positivista ou comportamental ou na teoria psicanalítica clássica, como por exemplo, amor, criatividade, *self*, crescimento, organismo, necessidade de gratificação básica, autoatualização, valores superiores, ser e tornar-se, espontaneidade, brincadeira, humor, afeto, naturalidade, cordialidade, ego transcendência, objetividade, autonomia, responsabilidade, saúde psicológica e conceitos relacionados. Esta abordagem também pode ser caracterizada pelos escritos de Goldstein, Fromm, Horney, Rogers, Maslow, Allport, Angyal, Buhler, Moustakas etc., bem como por certos aspectos dos escritos de Jung, Adler, dos psicólogos e psicanalistas do ego e dos psicólogos existenciais e *fenomenológicos*. (Sutich, 1976, fls. 484, grifos nossos)

Atualmente, a Divisão 32 da Associação Americana de Psicologia denominada ‘Sociedade para Psicologia Humanista’ mantém essa afiliação afirmando em sua descrição que a Psicologia Humanista

Baseou-se na filosofia *fenomenológica* existencial, na sabedoria oriental, na teoria dos sistemas, na psicologia da gestalt, na teoria organísmica, no empirismo radical de James, nas psicologias psicodinâmicas pós-freudianas e na literatura e arte clássica e contemporânea para desenvolver uma abordagem predominantemente *fenomenológica* da ciência do ser humano em devir. (APA, 2021, grifos nossos)

Verifica-se aqui uma junção das várias tendências teóricas presentes à época, não só aquelas que estavam sendo inauguradas. Nesse ponto, concordamos com Besora (1986) quando afirma que não houve uma influência única e direta nem do existencialismo e nem da Fenomenologia na constituição da Psicologia Humanista, mas também de outras teorias como a Psicologia Analítica de Carl G. Jung, a Psicologia Individual de Alfred Adler, consideradas até então bem distantes da Fenomenologia e Existencialismo.

É importante lembrar que nessa época, diferentemente do que aconteceu na virada do século passado, poucos estudiosos se dirigiram à Europa para estudar Psicologia, assim coube mesmo à Fenomenologia migrar em direção ao território estadunidense pelos intelectuais europeus, porém sendo por um lado “psicologizada” em sua chegada, produzindo um entendimento de caráter “superficial” das questões discutidas e um entendimento relativo de algumas ideias acerca das discussões levantadas. Isso porque, ao mesmo tempo, temos as dificuldades dos psicólogos (e outros intelectuais americanos) da leitura dos originais em alemão, as poucas traduções, porém precárias e a tardia publicação das obras husserlianas nos EUA. O que estamos chamando aqui de “superficial”, concordando com a posição de Besora

(1986), se aplica à Fenomenologia e o Existencialismo (Filosofia existencial) filosófico recebidos pelos psicólogos muito mais como uma ‘visão-de-mundo’ (*weltanschauung*) que propriamente como uma filosofia rigorosa, método, em sentido epistemológico ou metodológico, como explicitamos em Maslow (1961/1986), Rogers (1964; 1968/1973) e Sutich (1976) por exemplo.

Então, frente a essa análise, entendemos que se apropriaram dessas filosofias para explicitar a ontologia/antropologia do ser humano, em busca de uma fundamentação de uma psicologia “propriamente humana”, a partir de suas imagens de mundo e de ser humano, muitas provenientes de suas experiências pessoais, literárias, psicoterapêuticas, podendo justificar assim a posição do ser humano no mundo, seu vínculo, ordenações e até destino.

Portanto, o que parece ter havido é esse paralelismo de interesses e desenvolvimentos teóricos, uma apropriação indireta antropológico filosófica como *weltanschauung* e não uma apropriação filosófica propriamente dita (Besora, 1986).

Essa mesma caracterização pode ser identificada no próprio Perls e coautores, principalmente no período da publicação do “*Gestalt-terapia*”. E, pelo que identificamos, não parece ter havido intercâmbio intelectual decisivo entre Perls e os principais responsáveis pela constituição da Psicologia Humanista. Petzold (1984) comenta que:

A Gestalt terapia em seus inícios nada tinha a ver com a Psicologia Humanista, e Perls era extremamente crítico com relação ao Movimento Psicológico Humanista e sobre seus protagonistas (...). Foi a Psicologia Humanista que pretendeu que a Gestalt-terapia fosse uma de suas abordagens principais. (...) Ele e os morenianos já elaboravam os pensamentos da Psicologia Humanista nos anos vinte, assim nunca se comprometeram com esse movimento (Petzold, 1984, p. 69).

De fato, em nossa pesquisa não encontramos referências significativas a esses psicólogos ligados oficialmente ao movimento da Psicologia Humanista. Em sua biografia, por exemplo, Perls comenta a respeito de sua dificuldade em compreender o conceito de autorrealização, proposto por Maslow (Perls, 1979, p. 14). Sutich (1976) relata ainda, sobre a presença de Perls em um seminário sobre ‘Humanismo Teológico’ ocorrido em Esalen, Big Sur, em janeiro de 1966.

Destarte, mesmo sem uma interlocução objetiva, proposital entre seus fundadores e nem a participação direta de Perls na constituição da Psicologia Humanista, a Gestalt-terapia se inseriu como uma perspectiva desse movimento pelos princípios que assumiu em resposta a um *Zeitgeist* comum com o qual compartilham as abordagens psicológicas que nascem nesse momento.

Uma ideia básica que destacamos para confirmar isso é a valorização das potencialidades humanas e a confiança em sua capacidade de resgatar a saúde por meio da sua livre expressão. Nas palavras de Perls “Nosso objetivo como terapeutas é ampliar o potencial humano através do processo de integração. Nós fazemos isto apoiando os interesses, desejos e necessidades genuínas do indivíduo” (Perls, 1977a, p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste capítulo foi, considerando a obra ‘Gestalt-terapia’ como marco zero da fundação da abordagem gestáltica, reconstituir, no período que antecede à publicação da obra e durante a sua escrita, como ocorreu a aproximação histórico-epistemológica entre a Gestalt-terapia e a Fenomenologia, a fim de identificar se a fenomenologia husserliana se constituiu numa influência teórica em sua origem. Para tanto, efetuamos uma pesquisa bibliográfica em obras que pudessem nos oferecer, por meio dos fatos históricos relacionados

à vida de Fritz e Laura Perls, durante o período vivido na Europa e na África do Sul até seu estabelecimento nos Estados Unidos, quando se associam à Paul Goodman, dados sobre essa aproximação.

Acompanhamos, na fase europeia, a intensa ligação de Perls com a Psicanálise freudiana, ao mesmo tempo em que teve contato com a teoria organísmica desenvolvida por Kurt Goldstein, oferecendo-lhe o paradigma da totalidade, que o acompanhará vida afora. Nessa etapa, também observamos o envolvimento do casal com a Psicologia da Gestalt, ressaltando uma ênfase maior em relação à Laura Perls, visto que ela efetivamente concluiu sua tese de doutoramento na perspectiva da *Gestalttheorie*.

Não foi possível identificar o grau de contato do casal Perls com a Fenomenologia husserliana, nesse período de Frankfurt, embora saibamos que Laura leu sobre o tema e estudou com teóricos que tiveram acesso à teoria husserliana. Contudo, o meio intelectual em que se inseriram nessa fase remete ao modelo de ciência inspirado em Franz Brentano, que também será berço da fenomenologia husserliana, sugerindo uma filiação a um modelo de ciência diverso do modelo positivista e que escapava da ênfase fisiologista wundtiana. Trata-se de uma Psicologia empírica baseada sobre a experiência interna, de onde parte em busca de compreensão dos processos mentais. (Petry, 2012). Nesse sentido, considerando a Teoria Organísmica, a Psicologia da Gestalt e a Fenomenologia como devedoras de um modelo de ciência originado em Brentano, podemos pensar que há aqui uma similaridade nos temas e na compreensão de fundo sobre o objeto da ciência psicológica.

A forma como o casal Perls recepcionou a Teoria organísmica em Frankfurt e todo esse conjunto de saberes que ela traz consigo foi sendo somada a um rico cenário de experiências culturais e artísticas que Fritz e Laura traziam na bagagem em sua formação europeia. Experiências vividas por Fritz tanto em Berlim, nos anos 1910-1914 (poesia, filosofia e o teatro moderno de Reinhardt), quanto na Berlim do pós-guerra (artes, filosofia,

política, Expressionismo), e também por Laura, que possuía uma formação esmerada em música, dança e literatura (Perls, 2012), abrem espaço para o trabalho corporal trazendo para primeiro plano a experiência como possibilidade de acesso aos sentimentos que não devem ser escondidos, mas expostos. Essa possibilidade do deslocamento do ‘olhar terapêutico’ em direção à corporalidade, antes mais restrita na atividade do trabalho analítico (com exceção da contribuição reichiana), fará parte da síntese efetuada no livro ‘Ego, Fome e Agressão’ publicado já na África do Sul, constituindo a ‘terapia da concentração’, uma mescla de ‘psicanálise organísmica’. (Perls, 1942/2012).

Com a chegada de Paul Goodman, vimos a nova abordagem ganhar forma na escrita do livro “Gestalt-terapia’. Em relação à Goodman, observamos por meio dos registros encontrados, que também ele teve acesso à fenomenologia husserliana, principalmente por meio da obra ‘Ideias’, conforme ele mesmo reconhece. Todavia, considerando o conjunto de sua obra, não podemos reconhecer que se constituiu numa influência marcante.

Uma outra vertente de nossa pesquisa buscou investigar, no período da constituição das abordagens humanistas se a fenomenologia seria uma teoria fundamental que emprestaria embasamento àquelas abordagens e, conseqüentemente, à Gestalt-terapia por intermédio delas, já que coexistiram temporal e geograficamente. Foi possível verificar que embora tendo algum contato com a filosofia fenomenológica, a maioria dos autores que desenvolveram suas teorias nesse momento o fizeram inspirados por suas próprias necessidades no exercício da psicologia. A Fenomenologia surge contribuindo com um paralelismo de temas e emprestando uma visão de mundo filosófica, ausente na Psicologia que se desenvolvia naquele momento. Assim, nem mesmo a contemporaneidade com o surgimento das abordagens da terceira força, trouxe-nos dados significativos sobre a proximidade da Gestalt-terapia com a Fenomenologia, embora sejam normalmente denominadas de abordagens ‘fenomenológico-existenciais’.

Finalmente, em relação ao período histórico que vai até à escrita do livro ‘Gestalt-terapia’ (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*), e, considerando a tríade de autores, quais sejam, Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman, observamos que embora não desconhecemos a teoria fenomenológica, também não houve um aprofundamento de nenhum deles acerca de seus postulados. Todos eles se interessaram e tiveram algum contato com a Fenomenologia, seja pela via indireta e imprecisa da *Gestalttheorie*, seja por leituras de obras do próprio Husserl, como afirmaram Laura e Goodman. Contudo, parece-nos que a Fenomenologia foi apropriada pelos autores mais como uma *weltanschauung* filosófica que se desenvolvia em paralelo às outras que vicejavam nessa primeira metade do século XX.

CAPÍTULO II

OS SENTIDOS DA FENOMENOLOGIA NA OBRA ‘GESTALT-TERAPIA’

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo geral consiste em investigar a contribuição da fenomenologia husserliana na constituição da Gestalt-terapia. Nesse sentido, foi possível verificar que, em termos de uma perspectiva histórica e analisando os fatos que vão do período europeu até a fundação da Gestalt-terapia em solo estadunidense, inclusive considerando suas possíveis conexões com a Psicologia Humanista, concluímos que não houve uma aproximação significativa dos teóricos da Gestalt-terapia em relação à filosofia fenomenológica até a publicação da obra ‘Gestalt-Terapia’ (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*). Verificamos que os protagonistas envolvidos com a escrita do referido livro, Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman, tinham algum contato com a Fenomenologia sem, contudo, que ela se constituísse num eixo teórico importante de suas pesquisas. Observamos também que as abordagens denominadas Humanistas, entre as quais se insere a Gestalt-terapia, estabeleciam contato com a Fenomenologia, esperando obter dela uma visão de mundo filosófica e um método de apreensão da experiência concreta do indivíduo.

Neste capítulo, partindo da pressuposição que a fenomenologia filosófica se insere como uma teoria fundante da Gestalt-terapia, nosso propósito foi pesquisar mais atentamente de que forma isso ocorreu, tomando como parâmetro especificamente a obra ‘Gestalt-Terapia’ (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*). Sua primeira edição foi publicada em 1951, pela editora *Julian Press*. Pouco tempo depois, neste mesmo ano, uma outra edição foi realizada pela *Dell Publishing*. Em 1969, Perls decidiu por uma reedição, tendo escrito uma nota dedicada a ela, que somente foi efetivamente realizada após sua morte.

E, em 1994, a *The Gestalt Journal Press* publicou uma nova edição da obra contando com uma Introdução especialmente escrita por Isadore From e M. Vincent Miller (Helou, 2015).

A primeira publicação do livro de 1951 foi organizada contendo dois volumes: o primeiro tomo composto por exercícios da “terapia da concentração” elaborados por Perls e aplicados por Hefferline em seus alunos na Universidade de Columbia; e, no segundo tomo, temos a parte teórica escrita por Goodman com base no manuscrito entregue a ele por Perls. A edição de 1994, realizada pela *The Gestalt Journal Press*, inverteu a ordem dos tomos, posicionando a parte teórica em primeiro lugar, seguindo-se a parte com os exercícios. No Brasil, o livro foi publicado em 1997, abrangendo apenas a parte teórica (Helou, 2015).

Sabemos que esta obra inaugurou a nova abordagem psicoterapêutica em solo estadunidense, constituindo-se em um documento importante que registra como, naquele momento, os fundadores da Gestalt-terapia buscaram organizar os conceitos fundamentais dessa nova proposta psicoterapêutica. É a partir dessa obra que outros estudiosos e interessados passaram a se dedicar à discussão teórica e metodológica, avançando e propondo aprofundamentos e releituras. Assim, reconhecendo sua importância, nossa proposta neste capítulo é analisar a presença da Fenomenologia em suas páginas. Sabemos que tal filosofia é abrangente e foi desenvolvida por muitos teóricos ao longo do tempo. Por outro lado, como vimos no capítulo anterior, é do próprio Paul Goodman a afirmação que em sua escrita teria tido a influência da obra ‘Ideias’ de Husserl. Nessa perspectiva, nossa análise buscará pela fenomenologia de modo geral, mas tomaremos especial atenção à filosofia husserliana. Diante de tudo isso, adotaremos como questão norteadora para o desenvolvimento desse capítulo: “*Quais são os sentidos da Fenomenologia presentes na obra ‘Gestalt-terapia’?*”.

Essa pergunta se justifica pela necessidade de se redesenhar com mais precisão as bases epistemológicas gestálticas a fim de clarificar suas fontes. Originada pela pretensão de uma nova abordagem do humano, sua constituição foi recolhendo e tentando sintetizar as

grandes teorias da metade do século XX, buscando ser fiel a sua dinamicidade. A Fenomenologia surge então como uma opção forte dentre essas teorias, por sua marcante presença na filosofia desde o século passado. Todavia, como vimos, ainda é inexata a sua real contribuição, em vista de os dados históricos apontarem para uma pouca proximidade dos pesquisadores gestálticos com a filosofia husserliana, inclusive considerando sua efetiva complexidade, posto que foi sendo psicologizada à medida que foi sendo trazida para a América. Se, todavia, podemos encontrar referências sobre a Fenomenologia, sobretudo a husserliana, nas obras gestálticas, nosso objetivo nesse estudo é investigar qual o sentido que os autores utilizam ao empregar a filosofia fenomenológica.

MÉTODOS

Dando continuidade ao estudo, para essa parte, escolhemos como método a historiografia conforme proposta por Joseph Brožek (1998), descrita e organizada a partir da pesquisa bibliográfica proposta por Lima e Mioto (2007). Brožek propõe um método historiográfico que repousa sobre a ideia de que, se queremos investigar a influência de um conhecimento psicológico em um dado contexto, podemos recorrer às ocorrências de termos e conceitos relacionados a esse conhecimento em uma obra específica.

Portanto, nosso propósito neste capítulo foi investigar os sentidos da Fenomenologia presentes na obra ‘Gestalt-terapia’ (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*). Para isso, analisamos as possíveis aparições dos termos “fenomenologia”, “fenomenológico” e derivados, como também possíveis citações de nomes ou obras dos autores ligados ao desenvolvimento da filosofia fenomenológica naquele período, principalmente de Edmund Husserl. Para essa pesquisa, foram utilizadas as edições originais

publicadas pela *Dell Publishing* (1951), a edição publicada pela *The Gestalt Journal Press* (1994) e a tradução em português pela Summus Editorial (1997).

Inicialmente, realizou-se uma leitura exploratória da obra “Gestalt-terapia”, nos termos em que definem Lima e Miotto (2007), a fim de apreender a estrutura da obra e seus principais argumentos e discussões. Em seguida, realizou-se, uma busca sistemática na obra citada à procura dos termos “fenomenologia”, “fenomenológico”, “fenomenológica” e dos nomes “Husserl”, “Heidegger”, “Merleau-Ponty” e “Sartre”. Foram escolhidos esses termos visto que, no contexto histórico da produção da obra, o termo ‘fenomenologia’ e derivados fazia remissão específica à produção teórica desses autores, em virtude de serem os principais representantes da filosofia fenomenológica naquele momento. Para essa varredura, utilizamos como ferramenta de busca o recurso “pesquisar” do programa específico do PDF.

Ainda, a fim de complementar a busca realizada no aplicativo PDF, foi também efetuada uma leitura atenta e seletiva (Lima & Miotto, 2007), a fim de confirmar e/ou identificar as possíveis citações ou mesmo trechos explicativos e/ou fontes secundárias, oriundas de Perls, que pudessem relacionar-se com a Fenomenologia e que não tenham sido identificadas na busca do aplicativo. Dessa leitura atenta, as ocorrências dos termos referidos e nomes identificados foram listados em um banco de aparições, sendo organizados e tabulados.

Na sequência, depois de listados os resultados, passamos a analisá-los, utilizando-se o método de leitura analítico-reflexiva ou crítica, em que se busca realizar uma análise do material obtido respeitando-se o ponto de vista dos autores da obra. Esse é o momento de compreender o argumento e o raciocínio dos autores que sustentam suas afirmações na utilização dos termos encontrados (Lima & Miotto, 2007).

A partir dessa análise analítico-reflexiva, efetuamos, então, a análise interpretativa, com a finalidade de relacionar os dados obtidos e as proposições formuladas pelos autores da

obra, confrontando-as com o problema que norteia nossa pesquisa (Lima & Miotto, 2007). Esse momento da investigação traça um diálogo entre o ponto de vista dos autores já apreendido e o propósito da pesquisa, construindo uma síntese integradora que busca responder às questões formuladas em nossa investigação.

RESULTADOS

Antes de apresentarmos os resultados encontrados, é importante destacarmos que as três edições consideradas neste estudo têm, cada uma, particulares importantes que necessitam ser apontadas (Perls, Hefferline & Goodman, 1951, 1994, 1997). A edição original de 1951 contém, como citado, tanto a parte teórica quanto a parte dos exercícios práticos elaborados por Perls e aplicados por Hefferline; porém, não contém a “Introdução” escrita por From e Miller apresentada na edição de 1994. A edição publicada pela *The Gestalt Journal Press* (1994) compreende a “Introdução” de From e Miller e as partes teórica e prática. Por fim, a edição publicada em português (Brasil), contém a “Introdução” de From e Miller, mas não está incluída a parte relativa aos exercícios práticos. Dessas diferentes edições, resulta que escolhemos privilegiar inicialmente a edição original de 1951, apresentando os resultados encontrados nela, para fazermos os acréscimos necessários daquilo que foi encontrado nas edições posteriores, mesmo tendo uma diferença significativa de mais de 40 anos.

Destarte, como resultado da busca realizada, considerando a publicação original, e seguindo os procedimentos descritos, obtivemos que:

- 1) Na obra “*Gestalt-terapia*” (1951), encontram-se três (03) incidências do termo ‘Fenomenologia’, assim distribuídas:
 - uma (01) aparição na “Introdução”;

- uma (01) aparição no Capítulo X – *Self, Ego, Id e Personality*, da Parte 3 – *Theory of the Self*; e;
- uma (01) aparição no volume dedicado aos exercícios práticos, *Experiment 6 – Sharpering the body sense* da Parte III – *Technique of Awareness*.

2) Na edição da *The Gestalt Journal Press* (1994), encontram-se na “Introdução” escrita por Isadore From e M. Vincent Miller, além das ocorrências descritas e citadas acima na edição anterior, as seguintes ocorrências:

- duas (02) aparições do termo “fenomenologia”;
- quatro (04) aparições em relação ao termo “fenomenológico/a”;
- uma (01) ocorrência do nome “Edmund Husserl”.

Cabe observar que, no que diz respeito às citações de nomes de filósofos fenomenólogos, o nome “Husserl” foi o *único* autor/filósofo citado em todas as edições que tem relação direta com filosofia fenomenológica. Para uma verificação em relação a outros possíveis nomes ligados a Fenomenologia filosófica, foi realizada, a título de esclarecimento, a busca de outros nomes, a saber: “Heidegger”, “Merleau-Ponty” e “Sartre”, porém sem registro de *nenhuma* ocorrência desses autores/filósofos.

3) Na edição brasileira (1997), além de nove (09) das dez (10) citações das edições de 1951 e 1994 (não há a citação presente na parte prática), há mais uma (01) aparição em nota do tradutor que faz referência ao título de um capítulo de livro escrito por Gary Yontef.

Para uma visualização sintética dos termos/nomes identificados na obra, expomos a seguir na Tabela 1, as ocorrências por ordem de aparição.

Tabela 1 – Citações por ordem de aparição

CITAÇÃO	PÁGINA (inglês/português)	PARTE DO LIVRO
EDIÇÃO ORIGINAL (1951)		
“Ocorreu que neste processo tivemos de deslocar o foco da psiquiatria do fetiche do desconhecido, da adoração do “inconsciente”, para os problemas e a <u>fenomenologia</u> da <i>awareness</i> : que fatores operam na <i>awareness</i> , e como faculdades que podem operar com êxito só no estado de <i>awareness</i> perdem essa propriedade?”	viii/p. 33 tradução e grifos nossos	<i>Introduction</i> (Prefácio) – Perls, Hefferline e Goodman
“O tema de uma psicologia formal seria a classificação, descrição e análises exaustivas das estruturas possíveis do <i>self</i> (este é o tema da <u>fenomenologia</u>)”.	p.378/p. 184 tradução e grifos nossos	Capítulo X – <i>Self, Ego, Id e Personality</i> , da Parte 3 – <i>Theory of the Self</i>
“Do ponto de vista filosófico este é um treinamento em <u>fenomenologia</u> : a percepção de que sua sequência de pensamentos, sua experiência superficial – seja o que for e o que quer que represente – é antes de tudo algo que existe por direito próprio. Mesmo que algo seja “apenas um desejo”, é algo, a saber, o próprio evento de desejar. Isto é, portanto, tão real quanto qualquer outra coisa”. ⁷	p. 81/não há tradução e grifos nossos	<i>Experiment 6 – Sharpering the body sense</i> da Parte III – <i>Technique of Awareness</i>
EDIÇÃO DA THE GESTALT JOURNAL PRESS (1994) & EDIÇÃO BRASILEIRA (1997)		
“O livro de Perls, Hefferline e Goodman, em lugar de tentar descrever saúde e patologia em termos derivados da ciência causal, apresenta um entendimento <u>fenomenológico</u> , baseado na experiência observável e imediatamente relatável, de como uma pessoa faz para criar — e continua criando — uma realidade neurótica ou saudável”.	xxi/p. 28 grifos nossos	Introdução à edição do <i>The Gestalt Journal</i> – From e Miller (1994)
“O movimento <u>fenomenológico</u> na filosofia, iniciado por <u>Edmund Husserl</u> nos primeiros	xxi/p. 28	Introdução à edição do <i>The Gestalt Journal</i> – From e

⁷ A edição em português não traz essa citação, assim, optamos por colocá-la traduzida a fim de acompanhar as outras citações que, também, estão em português. Do original: “From the philosophical point of view this is a training in phenomenology: the realization that your sequence of thoughts, your surface experience — whatever else it is and whatever it stands for — is first of all something that exists in its own right. Even if something is ‘only a wish,’ it is something, namely, the event itself of wishing. It is, therefore, as real as anything else (Perls et al., 1951, p. 81).”

anos deste século, talvez possa ser melhor entendido como uma tentativa de restaurar a unidade entre sujeito e objeto”.	grifos nossos	Miller (1994)
“A <u>fenomenologia</u> é, sobretudo, um método alternativo ao método científico dominante: ela nem afirma nem rejeita a existência de um mundo físico “externo”; simplesmente insiste que a investigação filosófica comece com o mundo nos únicos termos pelos quais podemos conhecê-lo — tal como é apresentado à consciência”.	xxi/p. 28 grifos nossos	Introdução à edição do <i>The Gestalt Journal</i> – From e Miller (1994)
“A Gestalt-terapia é <u>fenomenologia</u> aplicada”.	xxii/p. 28 grifos nossos	Introdução à edição do <i>The Gestalt Journal</i> – From e Miller (1994)
“Tal como concebida pela Gestalt-terapia, a fronteira de contato é um construto <u>fenomenológico</u> , do mesmo modo que o <i>self</i> que avança e retrocede, e o surgimento e desvanecimento do momento presente”.	xxii/p. 28 grifos nossos	Introdução à edição do <i>The Gestalt Journal</i> – From e Miller (1994)
“A filosofia <u>fenomenológica</u> , como a psicologia acadêmica da Gestalt de Wertheimer, Köhler e Koffka, à qual se relaciona intimamente sob certos aspectos, ocupa-se principalmente de problemas de percepção e cognição”.	xxii/p. 28 grifos nossos	Introdução à edição do <i>The Gestalt Journal</i> – From e Miller (1994)
“2. <i>Awareness</i> é um dos conceitos fundamentais da Gestalt-terapia, por isso preferimos não traduzi-lo. Gary Yontef em Gestalt-terapia: <u>fenomenologia</u> clínica, p. 3, a define: “ <i>Awareness</i> é uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio, com total suporte sensorio-motor, emocional, cognitivo e energético”.	não há/p. 42 grifos nossos	Nota explicativa do tradutor

ANÁLISE REFLEXIVA DOS TERMOS ENCONTRADOS

Passemos agora para análise dos termos encontrados, buscando apreender como os próprios autores os utilizam e o que significam, tomando por base o contexto textual em que aparecem. Consideramos essa reflexão importante, pois nos revelará de que forma foi

compreendida a Fenomenologia pelos autores da obra e como eles próprios conceberam o papel dessa filosofia diante da abordagem que lançava suas bases.

De início, consideraremos as três primeiras aparições dos termos relacionados à Fenomenologia que são extremamente relevantes, porque constam da edição original e foram utilizadas pelos próprios autores. Citam eles:

Ocorreu que neste processo tivemos de deslocar o foco da psiquiatria do fetiche do desconhecido, da adoração do “inconsciente”, para os problemas e a fenomenologia da *awareness*: que fatores operam na *awareness*, e como faculdades que podem operar com êxito só no estado de *awareness* perdem essa propriedade? (Perls, Hefferline & Goodman, 1951, viii, p. 33, grifo nosso)

A primeira ocorrência refere-se ao termo “fenomenologia” e acontece na utilização da expressão “fenomenologia da *awareness*”. Como citado, a aparição desse termo localiza-se na edição original no capítulo intitulado ‘Introduction’, posicionado antes do tomo I. Essa localização foi mantida na edição do *The Gestalt Journal* (1994) e na edição brasileira (1997); porém, a essa parte foi dado, na edição brasileira, o nome de ‘Prefácio’. De fato, tal conteúdo remete a uma apresentação geral da obra, ressaltando aspectos epistemológico-históricos, temas gerais e finalidades, podendo, em razão dessas características, ser considerado um elemento pré-textual.

No contexto específico em que encontramos essa ocorrência, os autores centram sua discussão em justificar o uso da palavra ‘Gestalt’ no título da obra, já que utilizam diversas teorias psicológicas na composição da teoria gestáltica, como a psicanálise e teoria reichiana, por exemplo. Eles argumentam sobre a necessidade de que se deixe de lado a compreensão psicanalítica, que se acerca do entendimento daquilo que é desconhecido e oculto, o

inconsciente, e que se volte a atenção para a compreensão da ‘fenomenologia da *awareness*’, ou seja, delinear “que fatores operam na *awareness*, e como faculdades que podem operar com êxito só no estado de *awareness* perdem essa propriedade?” (Perls et al., 1997, p. 33).

Nesse ponto, os autores defendem o foco na *awareness* como a base da distinção entre normalidade/anormalidade, elegendo-a como um conceito central da abordagem, em detrimento da ideia de inconsciente. Por isso, a importância de compreender as características da consciência entendida como *awareness*: “caracteriza-se pelo contato, pelo sentir (sensação/percepção), pelo excitamento e pela formação de gestalten.” (Perls et al., 1997, p. 33).

Nesse trecho, o termo “fenomenologia” não é pormenorizado na sequência, todavia, considerando o sentido e o contexto, é possível admitir que a palavra “fenomenologia” traz para a expressão em tela o sentido de 1. ‘manifestação’... e 2. ‘funcionamento’: seria o caso de descrever minuciosamente como opera o processo de *awareness* do indivíduo. Portanto, em lugar de dedicar-se ao estudo de uma parcela obscura e inacessível – o inconsciente – a proposição aqui é esclarecer os elementos da consciência – *awareness* – descrevendo sua manifestação e seu funcionamento. Sintetizando, ‘fenomenologia’ aqui traria essa noção de ‘descrever o processo de manifestação e funcionamento da *awareness*’.

A segunda aparição do termo ‘fenomenologia’ encontra-se no texto principal, na Parte 3 – *Theory of the Self*, no Capítulo X – *Self, Ego, Id e Personality*. Nesse capítulo, os autores tratam da explanação do *Self* como um mecanismo de ajustamento criativo e sua inibição na neurose. A seção em que identificamos a ocorrência é a de número 5 – *Ego, Id e Personality* como aspectos do *self*:

“O tema de uma psicologia formal seria a classificação, descrição e análises exaustivas das estruturas possíveis do

self (este é o tema da *fenomenologia*)”. (Perls et al., 1957, p. 378, grifos nossos, tradução nossa).

Aqui, o termo ‘fenomenologia’ aparece na parte que discute as estruturas específicas desenvolvidas pelo sistema *Self* para lidar com situações específicas, quais sejam *Ego*, *Id* e Personalidade. Na opinião dos autores, a psicologia formal teria o mesmo tema que a “fenomenologia”, ou seja, seria responsável pelo levantamento e descrição de outras estruturas possíveis de funcionamento do *Self*, além dessas três já descritas. Essa ocorrência encontra-se entre parênteses, denotando um caráter secundário e complementar ao que está sendo explanado. Ao mesmo tempo, não temos uma explicação do porquê os autores consideram ser esse o tema para a fenomenologia. Logo, o termo no trecho em questão, aparece sem as devidas explicações, apresentando-se afinado aos mesmos objetivos da psicologia formal, ou seja, como aquela área que visa descrever, classificar e analisar, procedimento comum no contexto científico pragmático-positivista. Uma consideração interessante sobre essa ocorrência é que a depender da tradução e da intelecção que se faça de “*formal psychology*”, os autores poderiam estar aludindo aqui à Psicologia da Forma (ou Psicologia da Gestalt). Nesse entendimento, trariam a ideia de uma Psicologia da Gestalt aplicada ao estudo e a descrição do *Self*, de modo a apreender suas estruturas.⁸

Por fim, a terceira ocorrência do termo ‘fenomenologia’, ainda na edição original em inglês, está identificada na parte dos exercícios práticos, no experimento 6 – *Sharpering the body sense* da Parte III – *Technique of Awareness*. No contexto dessa ocorrência, temos a

⁸ Convém apontar que há outras leituras em relação a essa ocorrência trazida por Perls et al (1951), tais como 1) uma descrição baseada na temporalidade para entender as funções Eu, Id e Personalidade conforme exposto em Granzotto & Muller-Granzotto (2004); ou, 2) refletindo sobre o emprego de uma linguagem descritiva e integradora não dicotômica daquelas funções, pela via do pragmatismo, em alternância a proposta de S. Friedlander, conforme se pode verificar em Belmino (2014). Ressaltamos, contudo, que a investigação assumida nesse capítulo segue um critério metodológico historiográfico e de pesquisa bibliográfica, considerando todas as ocorrências da obra. Nos casos exemplificados, trata-se de ensaios reflexivos mais abertos que caminham numa perspectiva interpretativa.

descrição de um experimento que tem como objetivo ampliar a autoconsciência por meio da concentração na experiência corporal, buscando identificar áreas de bloqueio e recanalizar as energias interrompidas, recolocando-as a disposição do organismo. O exercício consiste nas seguintes instruções dos autores:

“(1) Mantenha o senso de realidade, o senso de que sua consciência existe agora e aqui. (2) Tente perceber que você está vivendo a experiência: agindo sobre ela, observando-a, sofrendo-a, resistindo a ela. (3) Fique atento e acompanhe todas as experiências, tanto internas quanto externas, o abstrato e o concreto, tanto aquelas que tendem para o passado, como aquelas que tendem para o futuro, aquelas que você “deseja”, aquelas que você “deveria”, aquelas que simplesmente “são”, aquelas que você produz deliberadamente e aquelas que parecem ocorrer espontaneamente. (4) No que diz respeito a toda experiência sem exceção, verbalize: ‘Agora estou ciente disso...’⁹ (Perls et al., 1951, p. 81, tradução nossa).

Em seguida a essas instruções, encontramos a ocorrência do termo ‘fenomenologia’ afirmando que, sob uma perspectiva filosófica, esse exercício seria um “treinamento em fenomenologia”.

Do ponto de vista filosófico este é um treinamento em fenomenologia: a percepção de que sua sequência de

⁹ (1) Maintain the sense of actuality, the sense that your awareness exists now and here. (2) Try to realize that you are living the experience: acting it, observing it, suffering it, resisting it. (3) Attend to and follow up all experiences, the internal as well as the external, the abstract as well as the concrete, those that tend toward the past as well as those that tend toward the future, those that you “wish,” those that you “ought,” those that simply “are,” those that you deliberately produce and those that seem to occur spontaneously. (4) With regard to every experience without exception, verbalize, “Now I am aware that.” (Perls et al., 1951, p. 81).

pensamentos, sua experiência superficial – seja o que for e o que quer que represente – é antes de tudo algo que existe por direito próprio. Mesmo que algo seja “apenas um desejo”, é algo, a saber, o próprio evento de desejar. Isto é, portanto, tão real quanto qualquer outra coisa (Perls et al., 1951, p. 81).

Ampliando as ocorrências anteriores, temos nessa citação a presença de elementos que nos permitem compreender um pouco mais qual o sentido com que os autores empregam o termo ‘fenomenologia’. Aqui é possível identificar, pelo menos dois significados. O primeiro diz respeito à ideia do “treinamento” dessa habilidade que consiste em prestar atenção à própria experiência, identificá-la (“Tente perceber que você está vivendo a experiência: agindo sobre ela, observando-a, sofrendo-a, resistindo a ela.”) e descrevê-la recuperando o fluxo do experienciar (“No que diz respeito a toda experiência sem exceção, verbalize: ‘Agora estou ciente disso...’”) (Perls et al., 1951, p. 81, tradução nossa).

E o segundo aspecto refere-se a conferir legitimidade à experiência consciente como “algo que existe por direito próprio” e “é tão real quanto qualquer outra coisa” (Perls et al., 1951, p. 81), validando-a enquanto fonte de conhecimento produzido pelo próprio sujeito da experiência. Nesse sentido, seu significado e interpretação não estão dados por uma autoridade exterior à pessoa (analista, médico etc.), mas são atribuídos pelo próprio sujeito que experiencia e que valida sua experiência pela autopercepção.

Esses dois significados sintetizados associariam a fenomenologia a uma habilidade/atitude que se compromete a atentar-se à experiência, descrevê-la em seu fluxo e legitimá-la. Ademais, nesse sentido gestáltico, a fenomenologia seria ainda a teoria que traria embasamento ao entendimento de que a descrição da experiência tem estatuto de realidade para um sujeito singular, não se conformando à validação externa.

É interessante ressaltar que essa ênfase na experiência consciente está na essência da abordagem gestáltica e está presente desde a obra perlsiana ‘Ego, Fome e Agressão’, escrita ainda na África do Sul e publicada inicialmente em 1942. Nela, Perls tece críticas ao método da associação livre e delinea as bases da ‘técnica da concentração’ que trazia como meta a recuperação da “sensação de nós mesmos” (1942/2002, p. 264). Em suas palavras, ele explica o que significa a concentração:

Compreendeu-se ainda que a concentração tem algo a ver com interesse e atenção, sendo as três concepções muitas vezes usadas como sinônimos. Estas expressões revelam algo? Interesse significa estar numa situação; concentração significa penetrar exatamente no centro (núcleo, essência) de uma situação; e atenção significa que uma tensão é dirigida a um objeto. Não há raízes mágicas nestas expressões. São descrições simples de um estado, uma ação e uma direção. (Perls, 1942/2002).

Assim, é possível observar, então, que existe uma afinação entre os sentidos dados pelos teóricos da Gestalt-terapia à Fenomenologia nesse trecho e a proposta da técnica da concentração já formulada anteriormente por Perls. Ressaltamos que a perspectiva com que Perls concebe essa técnica tem grande influência de Reich, como ele mesmo afirma: “(...) elas também envolvem um desvio da técnica de ‘associações livres’ para uma técnica de concentração’, a qual foi iniciada por W. Reich, e que estou tentando desenvolver sistematicamente.” (Perls, 1942/2002, p. 130). Assim, parece haver aqui uma síntese da ideia terapêutica da concentração (com base em Reich) à ideia da fenomenologia como uma possibilidade de acesso direto à experiência que se expressa por meio da corporalidade.

Com isso, então, na obra inaugural “Gestalt-terapia” de 1951, os autores concebem a Fenomenologia como um enfoque que permite a compreensão das formas de manifestação e

funcionamento da consciência (entendida como ‘*awareness*’) por meio da descrição de seus processos. Além disso, há uma identificação não muito clara de que o tema da fenomenologia se assemelharia a uma classificação e descrição das estruturas de funcionamento do *Self*. E, por último, a fenomenologia seria entendida, num aspecto mais funcional e prático, como o ‘exercício’ de concentrar-se na própria experiência, dar-se conta dela e descrevê-la, conferindo-lhe validade enquanto estatuto de realidade. De certo modo, esses são os significados que compõem a ideia de fenomenologia trazida pelos autores fundadores na obra ‘Gestalt-terapia’.

Passemos agora às aparições que constam na “Introdução” da edição do *The Gestalt Journal* escrita por From e Miller em 1994, quando a obra foi reeditada. As ocorrências nesse caso, encontram-se em elementos pré-textuais, ou seja, em trechos que aparecem antes do texto principal elaborado pelos fundadores da abordagem psicológica. Essa “Introdução” aparece com a finalidade de apresentar a nova edição do livro e preparar o leitor para a compreensão de certas concepções que serão trazidas na parte principal da explanação, fazendo um apanhado do percurso da Gestalt-terapia nos mais de quarenta anos que separam esta edição da publicação original.

Em relação à primeira aparição nessa parte, a discussão que é travada diz respeito novamente à tentativa empreendida no livro de tirar o foco da teoria psicanalítica, ou seja, dos aportes ligados ao inconsciente, considerados insuficientes para dar conta dos novos “imperativos culturais [que] sofreram uma transformação profunda desde o final do século XIX.” (From & Miller, 1994, p. 27). A Gestalt-terapia é, então, apresentada como uma “nova perspectiva” teórica que pretende contribuir com uma visão mais ampla da experiência psicológica, refutando, outrossim, o determinismo psicofísico.

“O livro de Perls, Hefferline e Goodman, em lugar de tentar descrever saúde e patologia em termos derivados da ciência

causal, apresenta um entendimento fenomenológico, baseado na experiência observável e imediatamente relatável, de como uma pessoa faz para criar — e continua criando — uma realidade neurótica ou saudável” (From & Miller, 1994, xxi, p. 28, grifos nossos).

Essa primeira ocorrência manifesta-se na expressão “entendimento fenomenológico”, que From e Miller empregam para explicitar a mudança paradigmática na descrição dos conceitos de saúde e doença postulados na obra, adotando uma compreensão que pretende se afastar da postura positivista (ciência causal) em direção àquilo que nomeiam de uma “nova perspectiva” (From & Miller, 1994, p. 28), embasada na Fenomenologia. Essa “nova perspectiva” compreende saúde e doença com base na experiência em primeira pessoa (“observável e imediatamente relatável”), ou seja, na experiência consciente que, sendo descrita pelo próprio sujeito, esboça a realidade em que ele se insere.

Observamos aqui, na mesma linha de raciocínio da terceira citação trazida na obra original, no tomo dedicado aos exercícios, a noção da realidade do sujeito enquanto constituída pela consciência da experiência e como “algo que existe por direito próprio” e “é tão real quanto qualquer outra coisa” (Perls et al., 1951, p. 81, tradução nossa). Esse estatuto concedido à descrição da experiência consciente como criadora da realidade, como visto na citação anterior, faz parte dessa ideia de um “entendimento fenomenológico” empreendido pela abordagem gestáltica.

Prosseguindo, em seguida, encontramos todo um trecho dedicado à Fenomenologia, onde destacamos duas ocorrências, nos seguintes termos:

“O movimento *fenomenológico* na filosofia, iniciado por *Edmund Husserl* nos primeiros anos deste século, talvez possa ser melhor entendido como uma tentativa de restaurar a unidade entre sujeito e objeto.” (From & Miller, 1994, xxi, p. 28, grifos

nossos).

Aqui temos a expressão “movimento fenomenológico” que faz referência direta à filosofia, citando o nome de Husserl, como seu fundador. Nesse trecho, os autores destacam como decisiva a contribuição da Fenomenologia de Husserl em busca de superação da cisão dualista sujeito/objeto.

A fenomenologia é vista aqui como uma filosofia que experimenta o status de teoria unificadora que viria superar a perspectiva dualista e dicotômica da ciência da época embasando uma visão de homem diversa daquela encampada pela ciência moderna. Nessa linha de pensamento, ainda na Introdução escrita para a edição de 1994, From e Miller afirmam logo antes da parte citada que:

Em sua busca de uma realidade empírica objetiva, um mundo físico que pudesse ser descrito pelas leis da lógica e da matemática, a ciência moderna, que se originou no final do século XVI no pensamento de Galileu, Descartes e Francis Bacon, criou uma divisão entre o sujeito, a mente conhecedora, e o objeto, aquilo que é conhecido. Virtualmente, todo o pensamento ocidental subsequente manteve esse dualismo, que dá origem a todo tipo de problema sobre a relação da mente com a matéria. (From & Miller, 1994, xxi, p. 28).

Em seguida, os autores apontam o “movimento fenomenológico” husserliano como uma teoria que restaura essa cisão, servindo como alternativa para a investigação do mundo conforme apresentado à consciência. Sem discutir nesse momento o mérito dessa leitura acerca do projeto de Husserl, há que se reconhecer no cerne da Gestalt-terapia uma vocação essencial para o foco na totalidade e na proposta de superação dos dualismos como fator de

saúde. Tais dualismos, que os autores da obra enxergavam na perspectiva psicanalítica do psiquismo e, de forma mais ampla, na sociedade como um todo, estão denunciados no Prefácio da edição original, nos seguintes termos:

O indivíduo comum, tendo sido criado numa atmosfera cheia de rupturas, perdeu sua Inteiraza, sua Integridade. Para reintegrar-se de novo, ele tem de sobrepujar o dualismo de sua pessoa, de seu pensamento e de sua linguagem. Ele está acostumado a pensar em termos de contrastes — infantil e maduro, corpo e mente, organismo e meio, self e realidade — como se fossem entidades em oposição. A perspectiva unitária que pode dissolver uma abordagem dualística desse tipo está oculta, mas não destruída, e, como pretendemos mostrar, pode ser readquirida com benefício salutar. (Perls et al., 1951, p. 32, tradução nossa).

Ao longo da obra, os autores também abordarão a questão da integração das dualidades, como, por exemplo, na Parte I – Introdução, no Capítulo II – Diferenças de Perspectiva Geral e Diferenças na Terapia, ao tratar no item ‘5 – O Plano deste livro’, os autores afirmam que o livro “concentra-se numa série de semelhantes dicotomias neuróticas básicas de teoria e tenta interpretá-las” (Perls et al., 1997, p. 54). A seguir, trazem tais dicotomias (Corpo e Mente; Self e Mundo Externo; etc.) mostrando como a abordagem gestáltica seria capaz de dissolvê-las por meio do “método contextual de argumentação” que se assentaria em “incluir o contexto total do problema”. (Perls et al., 1997, p. 57).

Essa preocupação será sempre presente e constituir-se-á num tema a que Perls sempre retornará promovendo atualizações e releituras. Por exemplo, no importante artigo ‘Teoria e Técnica de Integração da Personalidade’, escrito em 1977, ele mostra enfaticamente o quanto

o tema da integração das dualidades está intrinsecamente ligado à tarefa da Gestalt-terapia. Ele assim retrata seu ponto de vista:

Atualmente, somos dissociados, personalidades dualistas, com linguagem dualista, mentalidade dualista e existência dualista. A profunda divisão na nossa personalidade, o conflito entre o comportamento deliberado e o espontâneo, é uma característica evidente do nosso tempo. Nossa civilização é caracterizada por integração técnica e deteriorização da personalidade. (...) Se uma personalidade integrada, ou como prefiro chamar, uma pessoa unitária tivesse uma linguagem unitária, quanto de compreensão poderia existir entre ela e as pessoas que usam a linguagem dualista atual? (Perls, 1977b, p. 72),

O tema da totalidade e da integração dos dualismos também se revela nos conceitos centrais que compõem a abordagem gestáltica, tais como a noção de organismo, da dinâmica figura-fundo, de autorregulação organísmica, e, numa perspectiva mais ampla, a própria ideia de *Gestalt*. Assim, é fácil perceber a importância de buscar teorias que parecessem aos autores alinhadas com essa ideia de totalidade e, ao que tudo indica, a Fenomenologia pareceu aos autores encaixar-se como uma teoria consonante com essa visão antidicotômica, que seria capaz de promover uma nova forma de pensar as vivências humanas que privilegiasse a estética da totalidade.

É nesse sentido que os autores elegem a “integração” como uma consequência do processo terapêutico gestáltico e a exemplificam com a atividade artística. O artista, sob seu ponto de vista, assim se apresenta: “Sua *awareness* está numa espécie de modo intermediário, nem ativo, nem passivo, mas que aceita as condições, se dedica ao trabalho e cresce no sentido da solução.” (Perls et al., 1997, p. 59).

Esse “modo intermediário” de funcionamento tem como uma das sementes o contato de Perls com o pensamento diferencial de Salomon Friedlaender. Sob sua perspectiva “Permanecendo atentos ao centro, podemos adquirir uma habilidade criativa para ver ambos os lados de uma ocorrência e completar a metade incompleta. Evitando uma perspectiva unilateral, obtemos uma compreensão muito mais profunda da estrutura e da função do organismo.” (Perls, 1942/2002, p. 46).

Avançando, encontramos, a citação:

“A *fenomenologia* é, sobretudo, um método alternativo ao método científico dominante: ela nem afirma nem rejeita a existência de um mundo físico “externo”; simplesmente insiste que a investigação filosófica comece com o mundo nos únicos termos pelos quais podemos conhecê-lo — tal como é apresentado à consciência”. (From & Miller, 1994, xxi, p. 28, grifo nosso).

Nesse trecho, os autores discutem a questão do modelo de ciência positivista, do qual tentam se desvencilhar, em direção a uma outra compreensão – alternativa ao modelo dominante – que tenha o foco na observação da experiência do próprio sujeito, entendido como responsável pela descrição de seu mundo, ou de sua realidade. Assim, apresentam a Fenomenologia enquanto um “método alternativo ao método científico dominante” (From & Miller, 1994, p.28) e que se propõe a tomar como parâmetro de investigação filosófica a própria consciência conforme apreendida pelo sujeito. Na perspectiva dos autores, a Fenomenologia permite um deslocamento da discussão sobre a existência factual do mundo, sem negá-lo ou excluí-lo, para propor a legitimidade do mundo enquanto mundo ‘para uma consciência’. Com base nessa proposição, os autores concluem que “a filosofia deve tornar-se o estudo da estrutura da *experiencia subjetiva imediata*” (From & Miller, 1994, p. 28, grifos

nossos). Novamente, verificamos a alusão à investigação da consciência por meio do estudo da descrição da experiência subjetiva.

Na sequência, verificamos mais uma ocorrência do termo “Fenomenologia”, em que os autores afirmam que a Gestalt-terapia é uma “fenomenologia aplicada”:

“A Gestalt-terapia é fenomenologia aplicada.” (From & Miller, 1994, xxi, p. 28, grifo nosso)

Os autores conceituam a Gestalt-terapia como uma “fenomenologia” colocada em prática. E, logo adiante, numa ilustração desse emprego, esboçam alguns resultados dessa “fenomenologia aplicada”, na seguinte citação:

“Tal como concebida pela Gestalt-terapia, a fronteira de contato é um construto fenomenológico, do mesmo modo que o *self* que avança e retrocede, e o surgimento e desvanecimento do momento presente.” (From & Miller, 1994, xxi, p. 28, grifo nosso)

Expõem, então, que a Gestalt-terapia tem concepções fenomenológicas, tais como os conceitos de fronteira de contato, *self* e momento presente, não como entidades fixas, mas sim enquanto concepções dinâmicas. Observam, ainda, que a Gestalt-teoria e a filosofia fenomenológica se ocupam de problemas da percepção e cognição e elencam razões pelas quais a Gestalt-terapia não se filiaria ao modelo proposto pelas ciências naturais. Nisso, afirmam que:

A filosofia *fenomenológica*, como a psicologia acadêmica da Gestalt de Wertheimer, Köhler e Koffka, à qual se relaciona intimamente sob certos aspectos, ocupa-se principalmente de problemas de percepção e

cognição. (From & Miller, 1994, xxi, p. 28, grifo nosso).

Finalizando as ocorrências referentes à introdução escrita por From e Miller (1994), lembramos que Isadore From, um dos autores dessa introdução à edição de 1994, era membro do famoso grupo dos 7 e foi um dos importantes formadores em Gestalt-terapia em diversos países. Como visto no capítulo 1, foi aceito como analisando por Perls justamente por ter algum conhecimento em Fenomenologia (From, 1997).

Por fim, temos a última ocorrência do termo “Fenomenologia” que se refere a uma citação de um capítulo de livro escrito por Gary Yontef (1979), trazida em nota de rodapé pelo tradutor da edição brasileira. Essa citação é menos relevante para nossa análise visto que não consta do texto principal, mas pode ajudar a esclarecer o entendimento que os gestaltistas mantiveram sobre a questão da consciência, a partir da definição do termo ‘*awareness*’. O tradutor cita que:

2. *Awareness* é um dos conceitos fundamentais da Gestalt-terapia, por isso preferimos não traduzi-lo. Gary Yontef em Gestalt-terapia: *fenomenologia* clínica, p. 3, a define: “*Awareness* é uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio, com total suporte sensorio-motor, emocional, cognitivo e energético”. (Nota do tradutor, 1997, p. 42).

Levando em conta esse trecho, é possível complementar nossas observações anteriores sobre a correlação entre a noção de consciência e de autopercepção da experiência (consciência sensorial). Considerando-se essa noção, a circunscrição da ideia de consciência gestáltica destaca a ênfase no corpo (sede do experienciar) e no contato “vigilante” em primeira pessoa, distanciando-se, assim, da concepção positivista de consciência.

Finalmente, a título de síntese, destacamos, a seguir, cinco das ocorrências encontradas, tomando como critério aquelas onde os autores apresentam mais claramente o que querem dizer ao utilizar os vocábulos ‘fenomenologia/fenomenológico’.

Tabela 2 – Principais citações

Nr	Citação	Sentido dado pelos autores aos termos encontrados
1	“Ocorreu que neste processo tivemos de deslocar o foco da psiquiatria do fetiche do desconhecido, da adoração do “inconsciente”, para os problemas e a <u>fenomenologia</u> da <i>awareness</i> : que fatores operam na <i>awareness</i> , e como faculdades que podem operar com êxito só no estado de <i>awareness</i> perdem essa propriedade?”	Observa-se nessa citação o sentido de descrever como se manifesta e como funciona a consciência entendida como ‘ <i>awareness</i> ’. Assim, proceder à fenomenologia da ‘ <i>awareness</i> ’ equivaleria à descrição desse processo de ‘dar-se conta’.
2	“Do ponto de vista filosófico este é um treinamento em <u>fenomenologia</u> : a percepção de que sua sequência de pensamentos, sua experiência superficial – seja o que for e o que quer que represente – é antes de tudo algo que existe por direito próprio. Mesmo que algo seja “apenas um desejo”, é algo, a saber, o próprio evento de desejar. Isto é, portanto, tão real quanto qualquer outra coisa.”	Foram observados dois sentidos: O primeiro remete à ideia de um “treinamento” da habilidade de prestar atenção à própria experiência (habilidade essa identificada com a fenomenologia), percebê-la e descrevê-la. E o segundo aspecto, seria de uma teoria que confere legitimidade à experiência consciente enquanto realidade.
3	“O livro de Perls, Hefferline e Goodman, em lugar de tentar descrever saúde e patologia em termos derivados da ciência causal, apresenta um entendimento <u>fenomenológico</u> , baseado na experiência observável e imediatamente relatável, de como uma pessoa faz para criar — e continua criando — uma realidade neurótica ou saudável.	Definição de saúde e patologia tomando como parâmetro aquilo que é revelado pelo próprio sujeito por meio da descrição e autoconsciência de sua experiência e não com base em critérios alheios ao sujeito.
4	O movimento <u>fenomenológico</u> na filosofia, iniciado por Edmund <u>Husserl</u> nos primeiros anos deste século, talvez possa ser melhor entendido como uma tentativa de restaurar a unidade entre sujeito e objeto.	As duas citações no mesmo parágrafo se complementam trazendo a noção da fenomenologia como uma teoria que supera o dualismo sujeito/objeto proposto pelas ciências modernas, reconhecendo a legitimidade dos dados da consciência como objeto válido da ciência.
5	A <u>fenomenologia</u> é, sobretudo, um método alternativo ao método científico dominante: ela nem afirma nem rejeita a existência de um mundo físico “externo”; simplesmente insiste que a investigação filosófica comece com o mundo nos únicos termos pelos quais podemos conhecê-lo — tal como é apresentado à	

	consciência.	
--	--------------	--

Portanto, envolvidos nesses sentidos encontramos conceitos importantes da teoria gestáltica, como o conceito de *awareness*, a noção de uma metodologia de trabalho calcada na concentração e descrição da experiência subjetiva e um modelo de ciência que privilegia uma visão de homem enquanto totalidade. Como visto, a fenomenologia emparelha-se a eles ganhando relevância como uma teoria que fundamenta tais noções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perguntar sobre o sentido da Fenomenologia para a Gestalt-terapia importa reconhecer que ela está lá, imersa nos saberes que a Gestalt postula, mas implica também a questão mais complexa de compreender como ela foi parar lá e qual o lugar que ocupa nesse mosaico que enfim se identifica como a abordagem gestáltica. Neste capítulo, procuramos investigar o sentido da Fenomenologia para a Gestalt-terapia utilizando como parâmetro a obra ‘Gestalt-terapia’ (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*).

O caminho metodológico escolhido para esse estudo foi a historiografia com a proposta de investigar, por meio da presença de termos e conceitos relacionados à Fenomenologia na obra ‘Gestalt-terapia’, de que forma a fenomenologia filosófica foi agregada como uma teoria fundante da Gestalt-terapia.

Com base nos dados encontrados nas citações e na análise efetuada acerca dos usos empregados da palavra ‘fenomenologia’ e correlatos, podemos destacar os principais sentidos a seguir:

- 1) Postulado de consciência (*awareness*) entendida enquanto um processo em que a fenomenologia serviria à descrição de sua manifestação e funcionamento.

- 2) Ênfase no sujeito que experiênciava, como criador de sua própria realidade, e na fenomenologia como uma ferramenta na descrição da experiência consciente em primeira pessoa.
- 3) Proposição da Gestalt-terapia como uma teoria científica alternativa ao modelo de ciência positivista e causal, utilizando como fundamento a fenomenologia que traria:
 - 3.1) a restauração da unidade sujeito-mundo (postulando uma visão de homem em termos de totalidade em contraposição a uma visão dualista e dicotômica); e
 - 3.2) o reconhecimento da legitimidade dos dados da consciência subjetiva como objeto válido da ciência.

É relevante verificar, tomando como ponto de vista agora a fenomenologia husserliana, sobre a conformidade dessa apreensão por meio de uma análise interpretativa interrelacionando os sentidos encontrados na leitura gestáltica da fenomenologia e aqueles postulados pela fenomenologia husserliana. Esse será o propósito do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

ENTRELAÇAMENTOS ENTRE OS SENTIDOS GESTÁLTICOS DA FENOMENOLOGIA E A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

INTRODUÇÃO

A intersecção entre a Gestalt-terapia e a Fenomenologia é um terreno complexo devido à riqueza de nuances que envolvem ambas as áreas (Granzotto & Granzotto, 2007; Moreira, 2009). A Gestalt-terapia é fruto da elaboração de diversas teorias e práticas presentes no cenário psicológico, psicoterapêutico da segunda metade do século XX, estabelecendo fronteiras com a Psicanálise, com a Teoria Organísmica, com as abordagens humanistas da psicologia, entre outras (Santos, Silva, Nascimento & Farinha, 2020). A Fenomenologia, por sua vez, além de remeter às grandes questões da história da Filosofia, consiste numa filosofia e método de difícil compreensão posto que mergulha nas minúcias em temas ligados à epistemologia, lógica, ontologia, psicologia e ética. Logo, compreender a relação da fenomenologia na constituição da abordagem gestáltica é um desafio que exige cuidado e método.

Os eventos históricos revelam algumas aproximações temáticas e teóricas referentes à participação da Fenomenologia como área de interesse e fundamentação que remontam desde a escrita e publicação da obra “Gestalt-Terapia” (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*), de 1951, sem, contudo, ser demonstrada conceitualmente pelos seus principais autores da obra. Conforme apontado e refletido no estudo anterior, é possível encontrar na obra referências sobre a Fenomenologia, reconhecendo que os autores gestálticos entendiam que a filosofia fenomenológica era coerente como fundamento ou, pelo menos, era uma teoria que guardava certa similitude de pensamento da obra gestáltica.

Em uma análise sistemática da obra “Gestalt-Terapia”, a partir das citações e referências ligados aos termos “fenomenologia”, “fenomenológico” e nomes de filósofos da escola fenomenológica, pudemos recolher os seguintes sentidos em uma síntese integradora, a saber:

1. Postulado de consciência (*awareness*) entendida enquanto um processo em que a fenomenologia serviria à descrição de sua manifestação e funcionamento;
2. Ênfase no sujeito que experiencia, como criador de sua própria realidade, e na fenomenologia como uma ferramenta na descrição da experiência consciente em primeira pessoa;
3. Proposição da Gestalt-terapia como uma teoria científica alternativa ao modelo de ciência positivista e causal, utilizando como fundamento a Fenomenologia que traria:
 - 3.1. a restauração da unidade sujeito-mundo (postulando uma visão de homem em termos de totalidade em contraposição a uma visão dualista e dicotômica); e
 - 3.2. o reconhecimento da legitimidade dos dados da consciência subjetiva como objeto válido da ciência.

A partir desses sentidos identificados, nossa pretensão nesse estudo é discutir as convergências e divergências entre os sentidos atribuídos à Fenomenologia na obra “Gestalt-terapia” (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*) e seus correspondentes na filosofia fenomenológica proposta por Husserl, realizando uma leitura conceitual-interpretativa, conforme Lima e Mito (2007). A proposta, então, é analisar esses sentidos citados e encontrados, estabelecendo um diálogo com o plano da obra “Gestalt-terapia” como um todo, mas também com a Fenomenologia conforme proposta por Edmund Husserl (1859-1938), mais especificamente da obra “Ideias para uma Fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica” (1913/2006), a fim de delinear que tipo de relação existiu,

entre as necessidades e propostas da nova abordagem que se inaugurava, em 1951, e a Fenomenologia husserliana que à época já se constituía como uma teoria amadurecida, tendo sido referenciada por Paul Goodman como influência na escrita da obra ‘Gestalt-terapia’.

1) Uma apreciação geral sobre os domínios históricos e epistemológicos da Fenomenologia e da Gestalt-terapia: um ponto de partida necessário

A Fenomenologia foi uma das filosofias mais decisivas do século XX, pois sua complexidade e abrangência teve um alcance na própria Filosofia e em múltiplas áreas do saber, tais como na sociologia, na geografia, na história e tantas outras. Em relação à Psicologia, esse alcance existe desde sua origem, desenhando panoramas diversos ao longo do seu desenvolvimento. A respeito disso, Depraz (2007) refere-se à Psicologia como “campo de enraizamento da fenomenologia”, sendo o próprio Edmund Husserl na obra “Investigações Lógicas” (1901/2007) que inicialmente definiu a Fenomenologia como uma “psicologia descritiva das vivências”. Portanto, não é estranha e nem recente a relação entre a Fenomenologia e a Psicologia, embora ainda nos dias atuais não se tenha delimitado com clareza o nexos que sustenta essa parceria (Goto, 2015), por isso é interessante percorrer o caminho que Husserl fez em relação à Psicologia e a Fenomenologia.

Husserl, desde sua infância, possuía um pendor natural para a matemática, constituindo o solo originário de seus interesses, juntamente com a astronomia, a física e a ótica. Nesse período, final do século XIX e início do século XX, observamos a Psicologia dando seus primeiros passos como ciência autônoma, ainda vinculada como disciplina filosófica, mas estabelecendo uma relação com as disciplinas experimentais e biológicas, por meio da criação da “psicofísica” (Goto, 2005; Depraz, 2007).

Em suas investigações doutorais, a partir de 1884, Husserl reconheceu que suas pesquisas possuíam teor filosófico, encaminhando assim suas pesquisas de fundamentação da aritmética para a Filosofia, principalmente em virtude das aulas que participava com Franz Brentano, aproximando-se então de uma psicologia filosófica e da elaboração de uma Psicologia Descritiva (Bello, 2004). Investigando como surge o conceito de número, tomado como fundamento epistemológico da aritmética, o jovem matemático se encaminhou para a tese psicologista da noção de consciência intencional brentaniana como possibilidade de representar, a partir de um ato unificador, o conceito/representação de número por meio da operação de ‘contar’ (Goto, 2015). Essa elaboração, realizada para sua tese de habilitação docente intitulada ‘Sobre o conceito de número’ e que serviu ao primeiro capítulo da obra ‘Filosofia da Aritmética’, em 1891, promoveu uma ponte definitiva entre a matemática e a filosofia, passando pela psicologia filosófica, direcionando Husserl àquela região do conhecimento envolvida com a noção da consciência e de suas operações. Essa noção, embora tenha sofrido reformulações em virtude da inviabilidade de fundamentar a lógica matemática (ciência *a priori*) por meio da consciência psíquica (ciência empírica), o aproximou e o afastou simultaneamente da Psicologia, pois, ao mesmo tempo que a operação de contar é um ato concreto da consciência, não podemos atribuir a essa operação o fundamento dos conceitos *apriorísticos* e universais da matemática (San Martín, 2008).

Verificamos aqui desde os primórdios das investigações de Husserl um entrelaçamento importante de se ressaltar entre seu interesse pelo conhecimento como um saber formal (como a matemática e a lógica) e o saber empírico presente na ciência psicológica, por exemplo. Esse entrelaçamento, tema muito presente à época dos primeiros escritos de Husserl por meio da ênfase psicologista e que consumiu quase dez anos de seus estudos, insere-se na questão que envolve a descoberta da impossibilidade de fundamentar “verdades de razão” por meio de “verdades de fato” (San Martín, 2008, p. 30). O resultado dessas investigações é considerado

como o ponto fundamental da Fenomenologia, tendo as “Investigações Lógicas”, publicado em 1901, como o resultado dessas pesquisas. Nessa obra, Husserl expõe detalhadamente suas iniciais conclusões explicitando o porquê daquela impossibilidade de chegar a “verdades de razão” pela via da investigação empírica do pensamento, tanto defendida na época pelas ciências empíricas como a jovem Psicologia, apresentando sua “defesa da existência do domínio do lógico” correspondendo a “um domínio irreduzível às leis do pensamento humano” que tem sua própria estrutura de funcionamento “independente das leis que regem faticamente a mente humana” (San Martín, 2008, p. 30).

Essa explicitação constitui classicamente a refutação husserliana ao psicologismo e, conseqüentemente à Psicologia científica. Mesmo Husserl considerando que ela possuía um “trabalho experimental realizado por homens insignes”, ele “punha a nu certas falhas radicais, em sentido literal, do método” (Husserl, 1913/2006, p. 26) desta Psicologia que reivindica que “coisas como lógica, verdade, verificação, evidência e raciocínio são simplesmente atividades empíricas de nossa psique” e não “uma dimensão que subjaz e conseqüentemente transcende o empírico, não como uma dimensão que pertence ao ser das coisas” (Sokolowski, 2014, p. 125).

Tal questão a que Husserl dedicou tanto tempo é de extrema pertinência, visto que evidencia a preocupação do filósofo em circunscrever a região de trabalho que pertencerá à Fenomenologia: a questão de como podemos conhecer com segurança. A noção de número, seu objeto de investigação inicial, em busca de fundamentação da aritmética, ao ser abordada pela operação de ‘contar’, perpassa o sujeito empírico e singular, aquele que ‘conta’, que poderíamos chamar de ‘João’, move-se em direção aos processos psíquicos desse sujeito enquanto exemplar de um ser humano que ‘conta’ e desemboca na ciência formal da matemática, área do conhecimento calcada em axiomas e teoremas frutos dessa racionalidade humana que tem como um de seus correlatos a operação de ‘contar’. A especificação desses

limites, entre um domínio do saber e outro, foi o ponto de partida epistemológico que se impôs diante de Husserl a fim de que se demarcasse claramente o domínio da Fenomenologia: qual perspectiva adotar? San Martín (2008) nos ensina que isso é uma orientação fenomenológica:

A fenomenologia é uma filosofia difícil, que só é apreendida – se é que é alcançada – por muitos desvios; mas ao mesmo tempo é necessário que o leitor mantenha, tanto no que diz respeito aos escritos fenomenológicos quanto no que diz respeito aos que tratam da fenomenologia, uma atitude de distanciamento, de relativismo, porque seria conveniente não esquecer que o mesmo visto de uma perspectiva diferente oferecerá uma aparência diferente. Tudo depende – e isso já é fenomenologia – de perspectiva, da experiência que temos dela (San Martín, 2008, p. 21, tradução nossa).

Abordar essa questão também é uma forma de iniciar nossa análise dos sentidos existentes entre Fenomenologia e Gestalt-terapia, afinal, é preciso situar sob qual perspectiva cada uma delas aborda o humano.

Husserl era um matemático e filósofo. Isso implica o trato com questões da pura racionalidade humana e uma busca pessoal pela fundamentação universal das ciências numa perspectiva ampla. Depraz (2007) afirma nesse sentido que “De sua formação matemática, Husserl certamente conservou um vínculo intransigente às estruturas formais invariantes, a saber, às essências e às categorias ideais, quer se tratasse de conceitos quer de proposições lógicas” (p. 22). Logo, a base em que a Fenomenologia se fundamenta é aquela da busca pelas estruturas transcendentais e lógicas da consciência.

A utilização da ideia de ‘essência’, que tomaremos aqui como exemplo, nos permite evidenciar a distinção que o filósofo efetua entre a Fenomenologia e a Psicologia presente na

sua obra “Ideias” (1913/2006), que nos ilustra sobre tal demarcação. Husserl se manifesta acerca das distinções entre um modelo de ciência empírica, como a Psicologia, e a Fenomenologia, esclarecendo que “(...) *a fenomenologia pura ou transcendental não será fundada como uma ciência de fatos, mas como ciência de essências* (como ciência ‘*eidética*’)” (Husserl, 1913/2006, p. 26, grifos do autor). Assim, o filósofo quer, nesse trecho, distinguir os domínios da Psicologia e da Fenomenologia esclarecendo que a primeira é uma ciência empírica, enquanto a Fenomenologia é uma ciência de ideias, irreal, e mesmo que ambas se ocupem da consciência e seus correlatos, seu domínio não é o mesmo.

A Psicologia é uma ciência de fatos e realidades e isso implica que “Os fenômenos de que ela trata enquanto ‘fenomenologia’ psicológica são eventos reais, que como tais, se possuem existência efetiva, inserem-se, junto com os sujeitos reais a que pertencem, na *omnitudo realitatis* que é o mundo espaço-temporal” (Husserl, 1913/2006, p. 28, grifo do autor). Ao passo que a Fenomenologia é uma ciência de essências, no sentido que “cada um desses ‘o quê’ ele é, pode ser ‘posto em ideia’” (Husserl, 1913/2006, p. 35). Por meio da “redução eidética”, os fatos individuais e concretos serão limpos (purificados) de toda contingência singular, de toda inserção no mundo, a fim de alcançar um degrau acima em que residem as essências puras (visão de essências). Esse é o lugar para onde o filósofo se dirigiu e onde se desenvolveu posteriormente sua Fenomenologia Transcendental.

Husserl com sua “fenomenologia eidética” pôde, por assim dizer, chegar à dimensão fundante e apodítica do conhecimento, ou seja, a consciência/subjetividade transcendental, a partir do método das “reduções fenomenológicas”, que lhe permitiu “remover as barreiras cognitivas inerentes à essência de todo o modo natural de investigação” em direção à dimensão fundamental dos “fenômenos transcendentalmente” purificados e lhe possibilitou a validade e segurança ao descrever o processo de conhecimento do ser humano e do mundo humano (Husserl, 2013/2006, p. 27). Dessa maneira, elaborou a Fenomenologia

Transcendental que, segundo o fenomenólogo, é uma “ciência da subjetividade transcendental que assenta sobre a experiência de si transcendental” e que “não tem, como solo prévio, o mundo empírico enquanto solo dado de antemão, portanto, tampouco tem seres humanos e animais em validade empírica e como temas científicos (...)” (Husserl, 1913/2006, p. 355).

Agora, Husserl em diversos momentos (1911/1965; 1913/2006; 1927/1991; 1954/2012) deixa-nos claro que a diferença entre a Fenomenologia e a Psicologia está não somente no campo dos domínios ou das terminologias, mas nos “fundamentos de princípio”, a ponto de afirmar que:

Por maior que seja a importância metodológica que a fenomenologia possa reivindicar no caso da psicologia, por mais ‘fundamentos’ essenciais que ponha à disposição desta, ela (como ciência de ideias) é tão pouco psicologia quanto a geometria é ciência da natureza (Husserl, 1913/2006, p. 27).

Entretanto, o fenomenólogo no desenvolvimento de sua Fenomenologia Transcendental identificou que a Psicologia não poderia, por fim, deixar de desembocar na Fenomenologia. Contudo, não uma Psicologia que se estabelece a partir da ordem naturalista, psicologista (mesmo as “compreensivas”, conforme critica Husserl em suas *Ideias II*), mas aquela ciência psicológica que assume como método rigoroso a *epoché* universal, ou seja, a “Psicologia fenomenológica”. Segundo Husserl, a Psicologia fenomenológica é a autêntica ciência *a priori* do subjetivo, sendo caracterizada pela descrição pura e intuitiva da aprioridade das vivências psíquicas, das condições eidéticas, e da vida psíquica intencional (Husserl, 1925/1977).

Então, na Psicologia fenomenológica com a “*epoché* genuinamente universal da psicologia” se “destrói a aparência da *exterioridade mútua das mentes*”, como afirma Husserl,

tendo-se “a interioridade mútua que deriva do psicólogo o passo da temática psicológica” (*grifo do autor*). Essa é a “psicologia do psicólogo”, segundo Husserl (1954/2012, p. 430), porque não exerce a *epoché* apenas na consciência do mundo, mas, pesquisa sua origem constitutiva, ou seja, as unidades pré-dadas da vida intencional.

Essa foi uma tarefa grandiosa que o filósofo reconheceu em sua magnitude e complexidade ao postular o conhecimento e método científico seguro e válido para o sentido da humanidade, visto que como ele mesmo diagnosticou, já se vivia o trágico fracasso da Filosofia e da Psicologia moderna no século XX (Husserl, 1954/2012).

Podemos ilustrar que o lugar a que Husserl desejou chegar com suas investigações pode ser figurativamente exemplificado como aquele de alguém que se dirige ao cume da montanha, a fim de vislumbrar o ‘todo’ do sistema complexo que abarca as relações entre as diversas nuances da vida, partindo dos detalhes sutis existentes no sopé da montanha, apropriando-se das dificuldades encontradas no percurso e admirando-se da vista que se oferece ao contemplar a grandiosidade do viver. É importante considerar que tudo isso é Fenomenologia: o contato com a exuberância da natureza no nível mais rasteiro do caminho, a subida íngreme que exige força, determinação e coragem diante dos abismos que se vão apresentando e que revelam os perigos de se deixar a segurança do solo firme, o olhar que se espraia acima dos detalhes da imersão do mundo e alcança o horizonte. Todas são perspectivas válidas quando pensamos na Fenomenologia, contudo, cada uma carrega diferentes perfis de uma realidade que é vasta. Figurativamente, é no cume da montanha que a Fenomenologia acontece, mas, convém não esquecer que depois de subir a montanha o próprio conhecimento do ‘chão do mundo’ se torna diferente. E essa é uma das perspectivas inovadoras da filosofia fenomenológica. O fato de a Fenomenologia objetivar verdades lógicas não promove um resvalamento ao idealismo, ao descolamento do mundo fático. Muito ao contrário, do cume da montanha, o fenomenólogo observa o mundo natural, o ‘mundo-da-

vida’, reconhecendo o liame essencial entre as essências e sua fundação sensível (Depraz, 2007). É a essa possibilidade de correlação da objetividade do mundo real e do reconhecimento do sujeito como dativo da manifestação do mundo que se refere o conceito de intencionalidade e a distinção entre a atitude natural e transcendental, grandes eixos teóricos da Fenomenologia husserliana (Sokolowski, 2014; Goto, 2015).

Bem, quanto à Gestalt-terapia, qual seu domínio, terminologia e fundamentos no trato com suas investigações psicológicas?

A Gestalt-terapia busca compreender o humano em seu funcionamento psíquico, às vezes transitando em sua particularidade, como na atividade psicoterapêutica, às vezes direcionando-se aos seus modos de funcionamento, buscando compreendê-lo enquanto categoria (Perls et al., 1997). Nesse último sentido, por exemplo, quando se propõe a tratar a neurose das dualidades, da dicotomia, a Gestalt-terapia se encontra no âmbito do nosso funcionamento psíquico. Mesmo considerando firmemente que esse dualismo advém de fatores e condições que abarcam a sociedade como um todo e as estruturas teóricas do pensamento moderno, mesmo assim, ela se ocupa sobre como a dualidade se manifesta nas concepções neuróticas psíquicas (corpo e mente, *self* e mundo externo etc.): ela ainda está restrita ao homem.

É um fato importante que Perls avança em relação às abordagens psicológicas de seu tempo quando discute conceitos como ‘contato’, ‘fronteira-de-contato’ e ‘campo organismo/ambiente’. Há nesses conceitos um reconhecimento explícito de que o intrapsíquico não se constitui monadologicamente como uma ‘caixa fechada’ e, certamente, os autores da obra ‘Gestalt-terapia’ sentiram que a fenomenologia poderia prover sustentação a essa proposição. É nesse ponto de vista que alguns conceitos são tidos como fenomenológicos, como por exemplo na seguinte citação dos introdutores da obra: “Tal como concebida pela Gestalt-terapia, a fronteira de contato é um construto *fenomenológico*, do

mesmo modo que o *self* que avança e retrocede, e o surgimento e desvanecimento do momento presente” (From & Miller, 1997, p. 28, grifo nosso). Ainda nesse sentido, os autores da obra em tela assumem que:

(...) a definição de um animal implica seu ambiente: não tem sentido definir alguém que respira sem o ar, alguém que caminha sem gravidade e chão, alguém irascível sem obstáculos, e assim por diante para cada função animal. A definição de um organismo é a definição de um campo organismo/ambiente; e a fronteira-de-contato é, por assim dizer, o órgão específico de *awareness* da situação nova do campo (...). (Perls et al., 1997, p. 69).

Porém, aqui o escopo ainda é “a definição de um animal”, “a definição de um organismo”. Há subjacente um predicamento egocêntrico onde o humanismo gestáltico ainda referencia o homem como polo privilegiado da sua teoria. Quando dizemos ‘ainda’ isso não implica nenhum tipo de juízo de valor acerca de que necessariamente a Gestalt-terapia deva alcançar um ponto adiante. De certo modo, a posição adotada é coerente ao se tratar de uma teoria psicológica: o domínio da Gestalt-terapia é a definição psicológica da pessoa humana e da abordagem terapêutica que seja coerente com essa definição, considerando o homem como inserido num campo organismo/ambiente (Perls et al, 1997).

Utilizando nosso exemplo anterior, a abordagem gestáltica se detém sobre todos aqueles aspectos que caracterizam o sopé da montanha descrevendo os elementos presentes e a relação da pessoa com esses elementos. Ela promove, por meio de sua metodologia, a conexão aqui-e-agora da pessoa com sua “própria experiência e espaço de vida” (Yontef, 1998, p. 216). Sua ênfase recai sobre as especificidades da relação figura/fundo, pois “o fato de a gestalt ter propriedades psicológicas observáveis específicas é de importância capital em

psicoterapia, porque fornece um *critério autônomo da profundidade e realidade da experiência.*” (Perls et al., 1997, p. 46, grifos dos autores).

Essa é a dimensão que a Gestalt-terapia carrega quando transita pelo domínio do idiográfico, do singular. Originando-se diretamente na psicanálise, como um modelo psicoterapêutico, oriundo, por sua vez, da ciência médica, a abordagem gestáltica propõe uma clínica do singular que compreenda a cena terapêutica como a síntese dessa interação organismo/ambiente, onde o próprio psicoterapeuta compõe um aspecto importante (Perls et al., 1997).

Por isso, a situação clínica gestáltica pode ser comparada a uma “situação experimental” em que é possível propor ao cliente experimentos graduais que o permitam dar-se conta de como age e reage ao ambiente, sem impor exigências ou ‘deverias’. Yontef (1998) afirma, nesse entendimento, que “a sessão terapêutica propicia situações que são suficientemente seguras para permitir a experimentação, e desafiadoras para serem realistas.” (p. 218). Assim, “Ensinamos ao paciente o processo de ficar *aware* daquilo que ele está fazendo, e como está fazendo, em vez de falar sobre o conteúdo, ou seja, como ele deveria ser ou por que ele é do jeito que é” (Yontef, 1998, p. 219).

Além dessa imersão na concretude da experiência, do ‘chão do mundo’, ela sobe até uma altura média da montanha, de um ponto onde possa relacionar essa descrição singular e pessoal com a vida de outros seres humanos, compreendendo que, em alguma medida, a pessoa é a composição do ambiente e de suas próprias idiossincrasias, mas, sem, contudo, buscar “teorias de comportamento normal” ou tipologias de personalidade sob o risco de engessar um funcionamento em que a fluidez é seu principal critério de saúde (Perls et al., 1997).

Finalmente, ela não se dedica a subir até o cume da montanha visto que de lá perderia a capacidade de discriminar todos esses aspectos com clareza: “Não tem sentido (...) tentar

lidar com qualquer comportamento psicológico fora do seu contexto sociocultural, biológico e físico” (Perls et al., p. 46).

2) Análise dos sentidos que a Gestalt-terapia atribui à fenomenologia e sua caracterização originária

Essa delimitação dos domínios históricos e epistemológicos da Gestalt-terapia e da Fenomenologia se revelam fundamentais para analisarmos a pertinência de uma aproximação teórica entre elas, a fim que possamos ir compreendendo cada uma delas dentro de sua própria perspectiva e de seus objetivos. Em uma análise detalhada sobre as citações da Fenomenologia na obra inaugural “Gestalt-terapia” (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*) foi identificado que um dos sentidos com que a Fenomenologia é associada referem-se à descrição processual da noção de *awareness*, a uma descrição da experiência concreta em primeira pessoa e à ideia de um modelo de ciência alternativo à ciência positivista.

Agora, após termos esclarecidos os fundamentos e demarcações de cada área, podemos retomar cada um desses sentidos e analisarmos sobre suas ideias e como estão relacionadas com a Fenomenologia filosófica.

2.1. O Postulado de consciência (awareness) entendida enquanto um processo em que a fenomenologia serviria à descrição de sua manifestação e funcionamento

Nesse pressuposto, temos presente duas ideias. A primeira é a ideia de *awareness*, que na teoria gestáltica é entendida sempre como um correlato do contato. O critério de funcionamento saudável do organismo, ou seja, de um processo de *awareness* adequado, pode

ser verificado por meio das propriedades de um contato satisfatório. A segunda ideia é que o método para descrever a manifestação e funcionamento da *awareness* é a Fenomenologia.

Segundo Perls et al. (1997, p. 33, grifos dos autores) a *awareness* “caracteriza-se pelo contato, pelo *sentir* (sensação/percepção), pelo *excitamento* e pela formação de *gestalten*. O seu funcionamento adequado é o reino da psicologia normal; qualquer perturbação cai na categoria da psicopatologia”. Nesse entendimento, a consciência sai da mente e alcança o corpo inteiro estabelecendo um contato dinâmico com o ambiente. Desde o primeiro tópico da obra “Gestalt-terapia” verifica-se a importância da relação *awareness*-contato na afirmação que “o propósito de todos os experimentos práticos e discussões teóricas neste livro é analisar a função de entrar em contato e intensificar a *awareness* da realidade.” (Perls et al., p. 42). Portanto, a possibilidade de a pessoa se tornar *aware* de como se processam as formas de contato com o ambiente é um parâmetro de saúde/doença.

A fim de avançarmos sobre isso, nos debruçaremos agora sobre o conceito de consciência que tanto a Fenomenologia quanto a Gestalt-terapia se dedicam. A ideia de *awareness* é uma das premissas gestálticas em contraposição à Psicanálise, pois é a vida da consciência, agora entendida como *awareness*, que interessa ao gestaltista:

Ocorreu que neste processo tivemos de deslocar o foco da psiquiatria do fetiche do desconhecido, da adoração do “inconsciente”, para os problemas e a fenomenologia da *awareness*: que fatores operam na *awareness*, e como faculdades que podem operar com êxito só no estado de *awareness* perdem essa propriedade? (Perls et al., 1997, p. 33).

Isso porque no entendimento da Psicanálise da época, a consciência era tida como “como o receptor passivo de impressões, o associador aditivo de impressões, o racionalizador

ou o verbalizador. É aquilo que é manejado, reflete, fala e não faz nada” (Perls, Hefferline & Goodman, 1997, p. 53). Em contraposição, os autores gestálticos passaram a rejeitar a noção de consciência psicanalítica enquanto um receptáculo passivo das impressões e representações obtidas pelo contato com o mundo, em prol de uma outra noção de consciência, ou seja, a *awareness* como um centro integrador dinâmico que promove um ‘dar-se conta’ não apenas psíquico, mas organísmico. Comentam os autores que:

Portanto, neste livro, como psicoterapeutas que se alimentam da psicologia da gestalt, investigamos a teoria e o método da *awareness* criativa, a formação figura/fundo como sendo o centro coerente dos discernimentos eficazes, mas dispersos a respeito do “inconsciente” e da noção inadequada de “consciente” (Perls et al., 1997, p. 53).

Yontef (1998), em concordância, aponta três corolários que caracterizam a noção de *awareness*, quais sejam: 1) a eficácia (intensidade) da *awareness* relaciona-se ao contato e embasamento na necessidade dominante; 2) a *awareness* completa diz respeito ao conhecimento da situação e de como a pessoa se situa na situação; e, 3) *awareness* acontece sempre aqui-e-agora e está em constante mudança. Assim, é *mister* observarmos que os autores da Gestalt-terapia iniciam sua discussão trazendo uma ideia de consciência que diferenciam da Psicanálise, sem, contudo, a relacionarem com a ideia de consciência da Fenomenologia, embora se refiram a uma “fenomenologia da *awareness*”. Apesar de não concordarem com a ideia de passividade e de receptáculo da consciência psicanalítica e postularem uma proposta de consciência ativa e criativa como *awareness*, não se observa também nenhuma característica intencional, tal como descreveu Husserl (1913/2007).

Como se sabe, a noção de intencionalidade na Fenomenologia, tem suas origens desde os Escolásticos, ganhando um entendimento psicologista com Brentano e assumindo uma

nova perspectiva com Husserl. Como propriedade essencial da consciência, a intencionalidade revela que toda consciência é “consciência de”. Não é difícil conceber que todo ato da consciência se dirige a um objeto. Todavia, dar-se conta de que a toda ‘consciência de’ correlaciona-se um ‘objeto para’ foi capaz de comover profundamente o filósofo Husserl (San Martín, 2008). Esse lampejo husserliano poderia cair na repetição banal caso não nos detivéssemos na sutileza de sua descoberta.

A fim de não nos demorarmos nisso, tomemos por empréstimo as palavras de Sokolowski (2014) quando afirma que “Nas tradições cartesiana, hobbesiana e lockiana (...) nos foi ensinado que quando estamos conscientes estamos principalmente conscientes de nós próprios ou de nossas próprias ideias” (p. 18). A consciência é tomada nesse sentido como um movimento de retroflexão sempre voltando-se sobre si mesma, numa espiral interna de fechamento que nos aprisiona em nossa própria subjetividade. Essa noção é fundamento do ‘predicamento egocêntrico’ onde “tudo de que podemos estar realmente certos de início é a existência de nossa própria consciência e dos estados dessa consciência” (p. 18). O mundo é tal e qual existe em minha mente recaindo no subjetivismo.

Por outro lado, considerar como correlato da consciência um ‘objeto para’ significa tomar a verdade do mundo como um modo de se dar. Isso não representa, na perspectiva husserliana, um retorno à ideia do ‘objeto em si’, existente ‘independentemente’ da consciência, o que seria uma volta ao realismo; nem um retorno ao sujeito independente, o que seria um novo idealismo, mas institui uma nova perspectiva que representa uma terceira via de apreensão da relação sujeito-mundo (San Martín, 2008; Sokolowski, 2014).

Essa perspectiva não nos é estranha. Pensando bem, na vida cotidiana experimentamos essa conexão mais ampla com o entorno e intuitivamente nos colocamos em humanidade participando de uma realidade que, inclusive, transcende ao humano e abrange a natureza e os fatos do mundo. É essa dimensão que é alcançada por Husserl ao deparar-se com o que

denominou de “*a priori* da correlação”: a dimensão do cume da montanha. Nessa análise da consciência se deu conta que ela é necessária e aprioristicamente correlata com o mundo e vice-versa, propondo uma ampliação importante ao conceder autonomia tanto ao mundo quanto à consciência, rompendo com o predicamento egocêntrico resquício da filosofia cartesiana.

Essa noção de intencionalidade husserliana, que alcança a esfera transcendental, retirou a consciência de “dentro”, enquanto psicológica, tornando-a uma estrutura “pública”, transcendental, universal (Sokolowski, 2014). Por conseguinte, é fácil compreender a comoção que tomou conta de Husserl, como nos conta San Martín (2008), pois ultrapassar a trivialidade de dizer que a consciência é sempre ‘de’ é reconhecer que também o mundo é um mundo ‘para’: “A mente e o mundo são correlatos entre si. Coisas aparecem para nós, coisas verdadeiramente descobertas, e nós, de nossa parte, revelamos, para nós mesmos e para os outros, o modo como as coisas são” (Sokolowski, 2014, p. 21).

Esse direcionamento husserliano não pode ser equiparado ao reconhecimento de que há uma intrínseca relação homem-mundo, ou mesmo restringir-se à noção de uma consciência que se volta para fora, ultrapassando o conceito de ‘caixa fechada’. Na Fenomenologia, é a concepção de consciência intencional enquanto transcendental que fundamenta uma subjetividade transcendental honrando, assim, a condição humana que nos possibilita experienciar o mundo transcendente – aquele que encontramos fora de nós –, em nós mesmos (imanente). Nesse sentido, concluímos que a consciência descrita na Fenomenologia não tem natureza empírica, diferentemente é *a priori*, é intencional, assim nada adaptativa, sendo pertencente à condição da própria subjetividade humana como constituidora de mundo e da própria subjetividade. Essa concepção de consciência intencional/transcendental se mostra bem diferente em fundamentos de princípio daquela exposta pela *awareness*, apesar de

certa proximidade semântica. A consciência entendida como *awareness* alcança a descrição do mundo experienciado; a consciência husserliana alcança o transcendental.

Mas, se o fundamento de princípio da *awareness* não é fenomenológico sob um ponto relacionado à Husserl, qual seria então? Tomando como referência a afirmação de Paul Goodman (Stoehr, 2007, p. 80), em carta endereçada à Wolfgang Köhler, sobre sua afinidade com a teoria formulada John Dewey (1859-1952), de quem era estudioso (Belmino, 2017), é possível suspeitar que na concepção de *awareness* estão presentes ideias de consciência e experiência que estavam presentes na cultura estadunidense, oriundas do pragmatismo e funcionalismo. Apesar de terem sido escolas pontuais na história do pensamento americano, podemos dizer que ambos os movimentos possibilitaram escolas teóricas de direcionamentos bem diferentes e até contraditórios, além de terem tido muitas de suas ideias incorporadas e assimiladas por outras escolas (Heidbreder, 1981).

O pragmatismo tem como fundador Charles S. Peirce (1839-1914), porém um dos seus seguidores, o filósofo e psicólogo William James, acabou recebendo um maior destaque e reconhecimento, principalmente na Psicologia. Em James, tivemos um “homem de ciência”, mais que um filósofo, com formação em medicina, biologia e psicologia, que lhe proporcionou uma visão mais ampla de ciência do que aquela que tinha o próprio amigo Peirce (Kinouchi, 2007).

Apesar do termo pragmatismo ser um daqueles termos filosóficos polissêmicos, de modo resumido, podemos dizer que consiste em um movimento filosófico e cultural em que a análise filosófica e científica que se baseia na subordinação do valor teórico ao critério de utilidade, tendo em vista a sua aplicação prática (Kinouchi, 2007). Como afirmou James (1907/2005) o termo pragmatismo “deriva da mesma palavra grega, *prámatiké*, que significa ação, do qual vêm as nossas palavras ‘prática’ e ‘prático’” (p. 44). Esse termo foi introduzido

pela “primeira vez em filosofia por Charles Peirce, em 1878. Em um artigo intitulado ‘Como tornar claro nossas ideias’, na *Popular Science Monthly*” (James, 1907/2005, p. 44).

Na compreensão de James (1907/2005), o pragmatismo é uma filosofia que possibilita uma atitude de afastamento da abstração e das “más razões *a priori*, dos princípios firmados, dos sistemas fechados, com pretensões ao absoluto e às origens. Volta-se para o concreto e o adequado, para os fatos, a ação e o poder” (p. 47). Isso significa que o pragmatista busca conhecer e validar as coisas, a realidade, não pelas teorias e especulações, mas sim, a partir de um conhecimento e de uma ação enquanto estão se produzindo. Nesse sentido, James propõe que uma ideia, por exemplo, não deve ser definida como uma representação mental, mas como processo por meio do qual a mente se produz (Lapoujade, 2017). É, em síntese, uma filosofia, ou melhor, um método para James estabelecido na própria experiência.

Esse retorno à experiência como forma de conhecimento enfatizado por James, o levou a superar o empirismo clássico que se estabelecia ainda em um plano dualista, por ainda supor “dois elementos, mente que conhece e objeto conhecido, e os considera irreduzíveis” (James, 1890/1974, p. 156). Assim, a partir do método pragmático, James se volta para aquém desse dualismo empírico, encontrando um estado da experiência em seu estado puro, a experiência pura, momento que a mente e objeto não estão divididos em nenhuma categoria, ou seja, não há nada que seja puramente mental ou material: tudo na experiência é físico-mental. Diante disso, afirma James (1912/1976): “Nada deve ser admitido como fato, exceto o que pode ser experimentado em algum momento definido por alguém que tem a experiência; e, para cada aspecto já experimentado, um lugar definido deve ser encontrado no sistema final da realidade” (p. 160). Em outras palavras: tudo é real porque é experienciado em algum lugar, e todo tipo de coisa experimentada deve ser real em algum lugar.

Em seus “Princípios de Psicologia” (*The Principles of Psychology*, 1890), por exemplo, essa concepção de experiência pura é introduzida principalmente no contexto da

análise e descrição psicológica e pode ser identificada na base da descrição da vida psíquica/mental, cuja vida consciente acontece, a partir de fluxos que se interpenetram, “fluxo de vida imediato” (Lapoujade, 2017). Assim, a consciência não será entendida como algo substancial, dicotômico, mas a partir da ideia de experiência pura e como um “fluxo de consciência” (*stream of consciousness*). Assim, comenta James que:

A consciência, portanto, não aparece a si mesma talhada em pedaços. As palavras como “corrente” ou “sucessão” não a descrevem adequadamente como ela se apresenta na primeira instância. A consciência não é algo juntado; ela flui. Um “rio” ou um “fluxo” são as metáforas pelas quais ela é mais naturalmente descrita. Ao falar dela, daqui por diante, chamemo-la o fluxo do pensamento, da consciência ou da vida subjetiva (James, 1974, p. 60).

Temos assim a concepção que o fluxo de consciência é a condição imanente de qualquer experiência. Ainda, que “ser consciente” confere a nós a convicção que o mundo é outra parte da realidade e, em verdade, que somos um organismo que é impulsionado por sua natureza consciente, a partir da experiência pura, a se envolver nesta realidade de coisas, buscando por meio de seu pensamento ativo ter um conhecimento cada vez mais verdadeiro, ou seja, adequado da realidade (James, 1974).

A ideia de um processo de consciência dinâmico que se estabelece como um fluxo é similar na Gestalt-terapia e condiz com a própria noção de *awareness*, enquanto uma experiência integrativa corpo/mente, também, parece ‘conversar’ com a consciência pragmatista. A expressão “*continuum de awareness*” descreve esse fluir da consciência em direção a um “dar-se conta” amplo do próprio processo de estar consciente. Nesse sentido, é:

“Um *continuum* e sem interrupção de *awareness* leva a um: Ah! a uma percepção imediata da unidade óbvia de elementos díspares no campo” (Yontef, 1998, p. 215).

Ademais, a própria noção de figura/fundo, base da atividade de contato e do processo de *awareness*, compreende o fluir em busca da satisfação da necessidade dominante que excita o organismo. Basicamente, “os excitamentos na fronteira de contato emprestam sua energia para a formação de uma figura-objeto mais nítida e simples, aproximando-se dela (...), manipulando e alterando a realidade, até que a situação inacabada esteja completa e a novidade assimilada” (Perls et al., 1997, p. 208). O processo de entrar em contato com o ambiente flui, assim, em uma “sequência contínua de figuras e fundos” onde “cada fundo esvaziando-se e emprestando sua energia à figura em formação, que, por sua vez, torna-se o fundo para uma figura mais nítida; o processo inteiro é um excitamento consciente crescente” (Perls et al., 1997, p. 208).

Entrementes, a consciência no funcionalismo estadunidense, principalmente aquele desenvolvido desde William James até James R. Angell (1869-1949) e John Dewey (1859-1952), ambos da Escola de Chicago, foi entendida muito mais em sua finalidade e capacidades que em sua natureza e concepção estrutural. A psicologia funcionalista, como observou Sahakian (1982), foi uma das mais decisivas teorias psicológicas estadunidenses, ao mesmo tempo que se teve uma difícil e clara precisão sobre sua definição, principalmente por ter desenvolvido muitas escolas e concepções e, ter influenciado muitas áreas do conhecimento, como a linguística, sociologia, pedagogia, política, arte, etc., não se restringindo apenas à Psicologia; e, possibilitado outras escolas psicológicas como o próprio Behaviorismo (Sahakian, 1982). Ainda, apesar de historicamente ser atribuído à James o início do funcionalismo, em sentido estrito, coube mesmo à Angell e Dewey o mérito do amplo desenvolvimento e divulgação do funcionalismo.

Destarte, partindo de uma crítica dura à ideia estrutural e atomista de consciência, Angell e Dewey, por exemplo, passaram a se interessar e analisar a vida psíquica em si e por si mesma. A proposta era enfatizar a experiência consciente em seus processos e atividades, seguindo a ideia de fins (teleológica), organização e adaptação, mesmo aquela que estava sendo realizada em laboratórios ou a partir de métodos ou ideias abstratas (método introspecção), o que conduziu o funcionalismo a possibilidade de uma psicologia prática e experiencial, por sua proximidade a experiência comum (Heidbreder, 1981; Sahakian,1982). Por isso, na concepção de Dewey essa “Nova Psicologia” deveria insistir:

(...) na unidade e na solidariedade da vida psíquica contra as teorias abstratas que a desmembrariam em elementos atômicos ou potências independentes. Ela dá grande ênfase à vontade; não como um poder abstrato de escolha sem motivação, nem como um poder executivo para obedecer às ordens do entendimento, o poder legislativo do governo psíquico, mas como um vínculo vivo que liga e condiciona toda atividade psíquica. Ela enfatiza o elemento teleológico, não em um sentido mecânico ou externo, mas considerando a vida como um organismo na qual ideias ou propósitos imanentes estão se realizando por meio do desenvolvimento da experiência (Dewey, 1969, p.60).

É interessante observarmos nessa breve afirmação como o ponto de vista dos psicólogos funcionalistas implicava também em uma mudança na ideia dualista mente-corpo, porque estavam interessados na conduta (no comportamento) tanto quanto na consciência, ou seja, na atividade física tanto quanto na mental. Assim, passaram a apresentar um esquema novo nessa relação mente-corpo, mesmo reconhecendo os aspectos psíquicos e corpóreos

específicos, porém não os tratando como separados e estanques, fazendo assim desaparecer o antigo dualismo. Sobre essa questão pondera Harvey A. Carr (1873-1954) que:

A nova definição do mental [pelos funcionalistas] permitirá uma reafirmação e uma solução do problema mente-corpo mais de acordo com o senso comum. O interacionismo é logicamente possível; de acordo com a crença popular, podemos dizer que nossa mente é influenciada por condições corporais e que nossa mente também é uma influência efetiva sobre as atividades corporais, pois mente e corpo foram concebidos e definidos em relação um ao outro de tal forma que tais afirmações não são mais lógicas ou factualmente impossíveis (Carr, 1917, p. 183).

Na prática, não existiria divisão entre sensação e movimento ou pensamento e coisa, por exemplo, uma vez que os “atos mentais não são fatos psíquicos puros e simples; são fatos nos quais estão presentes o físico e o psíquico” (Heidbreder, 1981, p. 189), então teríamos apenas distinção entre mente e corpo como uma distinção meramente de dois sistemas.

Ainda, incluiu-se, além da ideia de atividade e processo na vida psíquica no funcionalismo, a explicação do “ato adaptativo”, corroborado por Carr, que conduziu o entendimento que os processos psicológicos são, em verdade, ativos e empenhados em se adaptar ao ambiente. Logo, trata-se de funções autorreguladoras. Assim, na acepção de Carr “a resposta adaptativa é aquela que é despertada por um motivo e que liberta o indivíduo do domínio desse estímulo. Fome, sede, sexo, dor e temperaturas extremas são alguns dos motivos humanos mais importantes e fundamentais” (Carr, 1940 conforme citado por Hilgard, 2014, p. 129). É interessante observar que para Carr e os funcionalistas não existem divisões ou separações entre organismo e ambiente, como resultou no Behaviorismo, mas sim um complexo processo de interação, onde a lógica funcionalista entende que os processos

ambientais são extensões correlacionadas aos processos fisiológicos e psicológicos e vice-versa.

Sabemos que o funcionalismo como escola psicológica foi superado por outras, como a Gestalt e o Behaviorismo, substancialmente pelo seu “fraco” empenho científico puro e experimentos controlados e, pouca capacidade preditiva, uma vez que “seus objetivos e ideais não são explicitamente quantitativos (...). Mas seu interesse fundamental é verificar as relações entre a parte física e a parte mental do organismo” (Angell, 1907 conforme citado por Boring, 1971, p. 625). Além, não terem organizado um sistema bem alinhavado e de desenvolverem uma escola desunida (Keller, 1970).

Mas, de certa forma, suas ideias, mesmo não sendo reconhecidas cientificamente, foram incorporadas não só em alguns dos postulados básicos de outras escolas, como também redefiniram certas representações do senso comum da época (Heidbreder, 1982). Além disso, suas ideias e “doutrinas não se encontram em um texto único de um patrono de renome, mas desempenharam um grande papel na determinação da forma e do conteúdo da psicologia atual” (Keller, 1970, p. 56).

Assim, apesar de não termos nos estendido exhaustivamente na análise do pragmatismo e do funcionalismo, expusemos aqui algumas indicações significativas de possíveis influências na ideia de experiência e consciência presentes na concepção de *awareness* da Gestalt-Terapia. As ideias pragmatistas e funcionalistas, mais que influências teóricas, estavam presentes e circulando na cultura da época, até mesmo em concepções opostas ao Positivismo e Behaviorismo, e que, ao nosso entender, podem ter sido facilmente assimiladas pelos autores do livro “Gestalt-terapia”, ao mesmo tempo que foram semanticamente confundidas e nomeadas como “fenomenológicas” no sentido husserliano.

Diferentemente, as ideias e aportes fenomenológicos são específicos, complexos e necessitam de uma introdução sistemática, sendo que sua apropriação breve e rápida pode

conduzir a erros e equívocos. A discípula e fenomenóloga Edith Stein nos relembra que em sua época, os alunos recém-chegados e interessados tinham de participar de aulas introdutórias de Fenomenologia ministradas por Adolf Reinach – assistente de Husserl –, uma espécie de “jardim da infância fenomenológico”, para assim conseguirem acompanhar as preleções com o “mestre” Husserl (Stein, 2018; Bakewell, 2017).

Outra concepção presente encontrada na obra “Gestalt-Terapia” (1951) é quando Perls, Goodmann e Hefferline indicam a Fenomenologia como um recurso *descritivo*, ou melhor, de que haveria uma particularidade no método descritivo fenomenológico que serviria à explicitação do processo de *awareness*. Aqui cabe-nos fazer uma breve distinção entre o método analítico-descritivo que é a Fenomenologia e o método empírico-descritivo que é o método psicológico da GT.

O método fenomenológico é um grande eixo teórico da Fenomenologia. Todavia, é preciso deixar claro que quando a filosofia fenomenológica se refere a método, diz respeito ao procedimento desenvolvido por Husserl “na investigação dos conceitos fundamentais de todas as ciências e também da vida diária.” Sua pretensão é fornecer um meio de abordar as questões filosóficas, científicas e pré-científicas no sentido do esclarecimento das ‘coisas mesmas’. Contudo, as ‘coisas mesmas’ às quais se refere a Fenomenologia “não são, porém, coisas singulares da experiência, mas algo universal, assim como o próprio sentido das palavras: trata-se da ideia ou essência das coisas.” (Stein, 2019, p. 152) e não o mundo empírico das experiências singulares.

A Gestalt-terapia, a seu turno, quando aborda a questão metodológica, trabalha com a ideia de experimentos capazes de promover o “uso dos sentidos do paciente para explorar a si mesmo e aprender a encontrar as soluções para seus problemas” (Yontef, 1998, p. 219). Essa ênfase num método de investigação sensorial propicia o desenvolvimento do processo de *awareness*.

Essa concepção de método gestáltico fenomenológico descritivo também está presente no segundo sentido encontrado sobre a Fenomenologia na obra ‘Gestalt-terapia’.

2.2. *Ênfase pragmática no sujeito que experiencia, como criador de sua própria realidade, e na fenomenologia como uma ferramenta na descrição da experiência consciente em primeira pessoa.*

Tomando os dois sentidos, verificamos uma relação entre descrição da experiência e descrição da *awareness* promovida pelos autores e que consideram a Fenomenologia enquanto um recurso descritivo, caracterizando então essa descrição como um relato em primeira pessoa da experiência concreta, fundamentado na consciência compreendida como *awareness*. Nos sentidos apresentados, a descrição em pauta refere-se ao modo como o sujeito, ao descrever os elementos acessíveis à consciência, vai ficando *aware* de seu processo de existir. Yontef (1998) confirma o entendimento dos autores ao conceber aquilo que denominou “experimentação fenomenológica”, ou seja, que: “A fenomenologia trabalha entrando experiencialmente na situação e permitindo que a *awareness* sensorial descubra o que é óbvio/dado” (Yontef, 1998, p. 218). Nesse sentido, “a exploração fenomenológica objetiva uma descrição cada vez mais clara e detalhada do que É; e, desenfaziza o que seria, poderia ser, pode ser e foi” (Yontef, 1998, p. 218).

Esclarecido o sentido gestáltico “fenomenológico” da descrição, passemos agora a analisar a caracterização de “experiencia” e de “descrição fenomenológica” na orientação husserliana, a fim de verificar possíveis intersecções. Temos visto que coexistia desde os anos de 1920 e 1930 nos EUA diversas ideias de experiência e consciência, oriundas do pragmatismo e funcionalismo. Ainda, temos de retomar o sentido de experiência exposto nas “Ideias” de Husserl, obra citada na carta de Goodman (Stoehr, 2007, p. 78), como referência para a fundação da GT, para balizar nossa análise.

Bem, Husserl inicia suas investigações nas “Ideias” partindo de meditações simples, aquelas que dizem respeito à vida natural, à experiência natural e simples, como ver, ouvir, tocar, sentir, pensar etc., que temos consciência e experiência (*Erfahrung*): um mundo de coisas, de valores, bens, um mundo prático (Husserl, 1913/2006). Nessa exposição da chamada “atitude/orientação natural”, Husserl nos mostra como as “teorias” entram como fatos, estabelecendo-se como uma espécie de preconcebimento do mundo, das coisas e até do próprio ser humano. E, continua Husserl (1913/2006), por mais que duvidemos ou rejeitemos essas “teorias” ou “fatos”, não se modifica em nada a “tese geral da orientação natural”, porque

(...) o mundo está sempre aí como efetividade, no máximo ele é, aqui ou ali, ‘diferente’ do que eu presumia; sob a designação de ‘aparência’, ‘alucinação’, etc., isto ou aquilo deve, por assim dizer, ser riscado dele, ou seja, no sentido geral, do mundo que está sempre aí (Husserl, 1913/2006, p. 77-78).

É assim que procedem as ciências de orientação natural, como a Psicologia, por exemplo, que buscam conhecer, mesmo que de maneira abrangente, com métodos confiáveis, o que se apresenta nesse terreno.

Husserl, por sua vez, não se detém aí. Ele busca um conhecimento seguro, capaz de modificar radicalmente a tese natural, ou seja, de fato, abrir mão da tese natural e caminhar em direção à orientação fenomenológica, porque não “se trata de uma conversão da tese em antítese, da posição em negação; não se trata também de uma conversão dela em conjectura, suposição, em indecidibilidade, numa dúvida”; mas, trata-se, então, de “colocarmos, por assim dizer, ‘fora de ação’, nós ‘a tiramos de circuito’, ‘a colocamos entre parênteses’” (Husserl, 1913/2006, p. 79). Aqui, Husserl executa a *epoché* fenomenológica que o permite

retirar de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural, ou seja, “tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural que está constantemente ‘para nós aí’, ‘a nosso dispor’” impedindo totalmente, por assim dizer, “qualquer juízo sobre a existência espaço-temporal” (Husserl, 1913/2006, p. 81).

Com a *epoché* fenomenológica, fica neutralizada toda ação da orientação natural, ou seja, toda descrição físico-psicológica, recuperando, assim, de um modo original, a região transcendental. Pergunta Husserl (1913/2006, p. 83), então: “O que pode, pois restar, se o mundo inteiro é posto fora de circuito, incluindo nós mesmo como todo nosso *cogitare*?” Resta-nos somente uma nova região, ou seja, a região dos “vivididos puros”, das “vivências” (*Erlebniss*) como “consciência pura” que possuem ligados a eles “correlatos de consciência” (Husserl, 1913/2006, p. 83). O modo essencial (eidético) das vivências, nos esclarece Husserl, é ser “consciência de algo”, por isso, todos “os vivididos que têm em comum essas propriedades eidéticas também se chamam de vivididos intencionais” (Husserl, 1913/2006, p. 89).

Nessa empreitada, Husserl nos mostra que quando estamos “experienciando” de maneira consciente e diretamente imersos na atitude natural estão naturalmente dadas as respectivas coisas, pensamentos, valores, sentimentos, medos, mas não os “vivididos intencionais” mesmo, puros, nos quais são para nós conscientes (intencionais) como tais. Para isso, é preciso uma reflexão atenta (análise reflexiva) e um método específico (método fenomenológico) que nos permita neutralizar a ação das efetividades puras e simples para, assim, poder apreender, em liberdade, em vez das coisas puras e simples, dos valores, dos sentimentos etc.; as vivências intencionais (*noeses*) e seus correlatos correspondentes (*noemas*) que são para nós “conscientes”, ou seja, se manifestam em sua característica essencial de ser “consciência-de” coisas, sentimentos, pensamentos, projetos, decisões, esperanças etc.

Por fim, percebemos nessa análise fenomenológica de Husserl que existe uma clara distinção entre a ideia de experiência (empírico) – estabelecida na Psicologia e adotada pelos gestalt-terapeutas – e a ideia de vivência que, como observou Husserl, “*não está se falando aqui de uma referência entre evento psicológico qualquer – chamado vivido – e uma outra existência real – chamado objeto, ou de um vínculo psicológico entre um e outro que se daria na efetividade objetiva*” (Husserl, 1913/2006, p. 89, grifo do autor), mas que, conclui: “Está se falando, ao contrário, de vividos por essência puros ou de essências puras e daquilo que está incluído ‘*a priori*’, em necessidade incondicionada, nessas ciências” (Husserl, 1913/2006, p.89). Notamos, então, uma diferença radical de campo e domínio no que se refere a ideia de experiência e vivência.

É importante, também, lembrar que a ideia de experiência do pragmatismo, ampliada pelo funcionalismo na Psicologia e Pedagogia, assumiu um nível bastante consensual por parte da sociedade estadunidense, diferenciando-se daquela tradicional ideia de *empíria* dos ingleses tradicionais, principalmente em um momento de grande efervescência social e produção na economia e no comércio. Por isso, comentou Dewey (1931/2007), que, se para o empirismo “o mundo já construído e determinado, a razão ou o pensamento geral não têm outro significado senão sumarizar casos particulares”, a visão pragmatista parte de um “mundo em que o futuro não é somente uma palavra, onde teorias, noções gerais e ideias racionais têm consequências para a ação, ali a razão necessariamente tem uma função construtiva” (p. 235). Foi assim que o pragmatismo, por assim dizer, se estabeleceu como uma condição que favoreceu o processo de modernização da América e combateu as concepções outrora advindas da Europa decadente da época (principalmente pós-guerra), alicerçada justamente pela noção de experiência, que se estabeleceu para além dos âmbitos filosófico-científicos, mesmo que, como comentou Dewey (1931/2007), o esforço inicial tenha aparecido com Peirce que foi “interpretar a universalidade dos conceitos no domínio da

experiência, da mesma maneira que Kant estabeleceu a lei da razão prática no domínio do *a priori*” (p. 229).

Com outros pragmatistas, destacamos aqui Dewey, a noção de experiência teve outra amplitude, ao entendê-la como um processo natural, pela qual acontece a interação entre o ser e o ambiente e como esses são modificados. Tudo dependeria da qualidade da experiência, por assim dizer. Dewey descreveu especificamente sobre isso em sua obra “Arte como Experiência” (1980), considerando que a experiência poderia ser considerada como educativa, por exemplo, se pudéssemos proporcionar uma melhor qualidade nas interações no ambiente. Assim comenta que:

Com frequência, entretanto, a experiência que se tem é incompleta. (...) Em contraste com tal experiência, temos uma experiência quando o material experienciado segue seu curso até sua realização. Então, e só então, ela é integrada e delimitada, dentro da corrente geral da experiência, de outras experiências (Dewey, 1980, p. 89).

Com essa breve ressalva, esperamos ter clarificado como não fica claro e nem objetivo como os autores da obra “Gestalt-terapia” podem ter assumido a concepção de experiência como vivência da Fenomenologia de Husserl, mais especificamente das “Ideias” como afirma Goodman (Stoehr, 2007, p. 78), uma vez que a Fenomenologia possui uma ideia de experiência/vivência modificada reflexivamente, em princípio, como vivência intencional, ultrapassando o campo empírico (psicológico) e adentrando a região *a priori*, transcendental. Esse esclarecimento teórico e histórico-epistemológico reforça-nos novamente a hipótese que a concepção de um sujeito que experiencia sua realidade, que busca uma qualidade em sua experiência e é possuidor de uma experiência como realizadora e criativa, parece-nos carregar muito mais raízes epistemológico-históricas, por um lado no pragmatismo e funcionalismo de

Chicago e, por outro lado na própria noção da “Terapia da Concentração”, do que aquelas próprias Fenomenologia de Husserl que, como visto era bem mais complexa e bem menos conhecida nesses detalhes epistemológico-lógico transcendentais pelos autores.

Agora, analisemos o postulado gestáltico que considera a Fenomenologia enquanto um recurso metódico-descritivo, caracterizando essa “descrição” como um relato em primeira pessoa da experiência concreta, fundamento da consciência entendida como *awareness*. Nos modos aqui apresentados, a descrição fenomenológica em pauta refere-se ao modo como o sujeito, ao descrever os elementos acessíveis à consciência, vai ficando *aware* de sua existência.

É importante aqui retomarmos a caracterização da “descrição fenomenológica”, conforme elaborou Husserl, a fim de verificar possíveis atribuições e intersecções. Desde as suas “Investigações Lógicas” (1901), o próprio Husserl definiu sua Fenomenologia enquanto uma “psicologia descritiva das vivências”, porém, no ano seguinte lamentou a utilização dessa definição e tentou esclarecer o verdadeiro sentido de sua proposição. Uma dessas oportunidades está presente na obra ‘Ideias’ em que ele assim se expressa sobre as confusões decorrentes dessa definição:

Em suposta concordância com as *Investigações Lógicas*, concebe-se a fenomenologia como uma etapa inicial da psicologia empírica, como uma esfera de descrições “imanentes” dos vividos psíquicos, descrições que se mantém rigorosamente – é assim que se entende a imanência – no âmbito da experiência interna. Meu protesto contra essa forma de concebê-la foi, ao que parece, de muita pouca valia, e os esclarecimentos que acrescentei, (...) ou não foram entendidos, ou foram deixados de lado sem que se lhes prestasse atenção (Husserl, 1913/2006, p. 26).

Husserl tenta aqui desvencilhar a Fenomenologia da ideia de uma “psicologia descritiva”, expressão por ele utilizada inicialmente que gerou muitas incompreensões e confusões, em 1900. Moura (1989, p. 103) esclarece que ‘descrições fenomenológicas’, mesmo nas ‘Investigações Lógicas’, “não se referiam a *pessoas*, não se referiam ao *eu* ou ao *outro*, não falavam de *meus* vividos ou de vividos *dos outros*” (grifos do autor), ou seja, não dizem respeito a “descrições ‘imanescentes’ dos vividos psíquicos”. Finalmente, Husserl esclarece que:

A descrição fenomenológica considera o que é dado em sentido mais estrito, o vivido tal como ele é nele mesmo (...) ela afasta as apercepções em virtude das quais a aparição e aquilo que aparece entram em correlação com o eu para o qual existe um aparecer (Husserl, 1975, p. 280).

Então, não se poderia considerar que a ‘descrição fenomenológica’ se caracteriza apenas por um relato subjetivo-psicológico, da experiência de um sujeito singular concreto acerca dos elementos sensoriais e afetivos relacionados a uma experiência qualquer. Não é meramente uma descrição, é uma descrição fenomenológica, ou seja, munida do recurso metodológico da *epoché* e reduções. É, portanto, “uma nova maneira de se orientar, inteiramente diferente da orientação natural na experiência e no pensar. (...) descrever o que está diante dos olhos, exige, ademais, estudos próprios e laboriosos” (Husserl, 1913/2006, p. 27).

Portanto, ilustrativamente, lembremo-nos aqui de ‘João’. Não é próprio considerar como “descrição fenomenológica” meramente aquela experiência singular e concreta de João diante da operação de contar: suas dificuldades, suas emoções e sentimentos ao se deparar com suas dificuldades advindas de ‘contar’ e quais comportamentos envolvidos no instante

mesmo em que se vê diante da operação de ‘contar’. Não é essa a ideia e a meta da descrição que a Fenomenologia emprega ao usar o recurso da ‘descrição fenomenológica’.

Mais ainda, mesmo considerando que a Fenomenologia tenha como ponto de partida e se ocupe inicialmente de uma “descrição da vivência”, de pensamentos, sentimentos, valores etc., há que se considerar o “fenomenológico” que modificará tal reflexão praticada, conduzindo ao caráter intencional da “vivência”. Ocasionalmente podemos ser levados a tomar como sinônimos as palavras “experiência” (*Erfahrung*) e “vivência” (*Erlebnisse*), o que considerando o significado denotativo da palavra não seria nenhum absurdo¹⁰, porém, o sentido empregado fenomenologicamente é diverso.

Depraz (2007) reforça ao explicar o sentido de ‘vivência’ (*Erlebnisse*) enquanto construto fenomenológico reconhecendo, por um lado, seu caráter interno à consciência enquanto “textura imanente de consciência, pela qual é capaz de se apropriar dos objetos do mundo, recebendo-os a princípio em sua qualidade sensorial, material e sensível” (Depraz, 2007, p. 21), mas também admitindo sua nuance intencional no sentido de uma “dupla objetivação, que passa, por um lado, por seu vínculo com os objetos do mundo, e por outro, pela necessária liberação de sua essência” (Depraz, 2007, p. 21). Portanto, a vivência não se refere apenas a “um bem de um indivíduo singular, contingente e privado; fazendo variar diferentes vivências particulares de consciência, se lhes extrai a estrutura invariante: a essência” (Depraz, 2007, p. 22).

Ainda, é interessante ressaltar o papel da experiência na constituição das vivências, enquanto representam não a fonte do conhecimento, mas seu ponto de partida (Tourinho, 2013). Nas palavras de Husserl, a:

¹⁰ “vivência. vi·vên·ci·a. sf. 1 O fato de ter vida, de viver; existência. 2 Algum fato ou situação pelos quais e passou e dos quais se tirou algum conhecimento; experiência. 3 Tudo aquilo que se viveu, que faz parte da vida de uma pessoa. 4 Manifestação de vida. 5 REG (N.E.) Conjuntura, costumes ou modo de vida.” Dicionário Michaelis online. Editora Melhoramentos. 2022. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=RQj5p>

(...) intuição empírica, e, em especial, experiência, é consciência de um objeto individual e, como consciência intuitiva, “é ela que traz o objeto à doação”: como percepção, ela o traz a doação originária, à consciência que apreende “originariamente” o objeto em sua ipseidade “de carne e osso” (Husserl, 1913/2006, p. 37).

Nesse momento, os dados do mundo sensível são captados pela percepção e trazidos à doação originária consistindo no ponto de partida de análise subsequente. Mesmo o mundo é definido como o “conjunto completo dos objetos da experiência possível e do conhecimento possível da experiência” (Husserl, 1913/2006, p. 34). Todavia, esses dados oriundos da imersão da consciência no mundo natural serão convertidos em “visão de essência”, que tem o caráter de um ato doador. Assim, “reaparece a concepção segundo a qual a doação de sentido que se dá através dos atos intencionais da consciência não *deriva* dos dados sensíveis, porém *não começa* sem eles.” (Tourinho, 2013, p. 36). Nesse sentido, então, compreendemos a afirmação de Husserl de que “o conhecimento natural começa na experiência e permanece na experiência” (Husserl, 1913/2006, p. 33), ao passo que o conhecimento no âmbito da Fenomenologia ultrapassa a contingência do ser individual objetivando a “visão de essência”.

Como afirmado, essa noção de essência será de grande importância na análise fenomenológica, e é o próprio filósofo que nos esclarece seu significado afirmando que: “Essência designou, *antes de mais nada*, aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como *o que ele é*” (Husserl, 1913/2006, p. 35). Mais uma vez, temos como importante distinguir o uso coloquial do vocábulo ‘essência’ no que diz respeito a associá-lo, numa perspectiva restrita, à qualidade predominante que distingue alguém ou algo. Esse significado pode, no uso corriqueiro, psicológico, relacionar-se ocasionalmente àquilo que de mais “particular” caracterizaria algo ou alguém e não é esse exatamente o emprego que

Husserl faz dele na Fenomenologia. Também nos explica Stein (1932/2003), ao descrever o método fenomenológico, que:

(...) a intuição não é somente a percepção sensível de uma coisa determinada e particular, tal como e aqui e agora. Existe uma intuição do que a coisa é por essência e isto tem um duplo significado: o que a coisa é pelo seu ser próprio e o que é por sua essência universal. (Stein, 1932/2003, p. 23).

É útil salientar que Husserl tinha a intenção de fundamentação das ciências e, como é clássico na ciência, seu foco é no caráter universal e evidente dos conceitos. Inclusive, essa foi sua dificuldade ao tentar fundamentar “verdades de razão” por meio “verdades de fato” ou, dito de com outras palavras, “como conciliar a validade universal de um conceito com sua origem num indivíduo?” (Moura, 1989, p. 110). E é para suprir essa dificuldade que o fenomenólogo recorreu à noção de “essência” como “objetos universais onde se buscará a “base” da abstração dos conceitos” (Moura, 1989, p. 111).

Retomando, então, o que foi dito sobre a descrição da experiência psicológica, ela representa o dado sensível, “de carne e osso”, dado psicológico, ainda pertencente às “meditações simples, que efetuamos em discurso em primeira pessoa” (Husserl, 1913/2006, p. 73) que servirá de ponto de partida à intuição das essências, ou seja, que serão apreendidos na sua pureza e vínculos eideticamente próprios. Em seguida, após conquista a essência das vivências, o caminho inverso pode ser feito, pois toda essência pode ser relacionada individualmente, como nos ensina Husserl:

Faz parte, certamente, da especificidade da intuição de essência que em sua base esteja uma parcela importante de intuição individual, isto é, que um algo individual apareça,

seja visível (...); é certo, por conseguinte, que nenhuma intuição de essência é possível sem a livre possibilidade de voltar o olhar para um algo individual “correspondente” e de formar uma consciência exemplar – assim como também, inversamente, intuição individual alguma é possível sem a livre possibilidade de efetuar uma ideação e de nela direcionar o olhar para as essências correspondentes, que se exemplificam no visível individual; isso porém, em nada altera *que ambas as espécies de intuição sejam diferentes por princípio* (Husserl, 1913/2006, p. 38, *grifos do autor*)

Tomando por base o que foi dito, temos que o caráter de “descrição da experiência” relatado pelos autores da obra ‘Gestalt-terapia’ se refere apenas ao caráter de uma descrição das experiências psicológicas imanentes pessoais, com nexos psicofísicos, de uma subjetividade psicológica individualizada, sendo no nosso entendimento diferente de uma “descrição fenomenológica” rigorosa propriamente estabelecida.

Assim, temos que o caráter de ‘descrição da experiência’ necessário aos conceitos que desenvolve a abordagem gestáltica poderia ser mais bem definido substituindo-se a noção, como vimos imprópria, de uma ‘descrição fenomenológica’, pela definição de uma ‘descrição gestáltica’. Afinal, uma das inovações trazidas pela abordagem foi chamar a atenção que a concentração na experiência pessoal pode se configurar como um dado legítimo para ampliação da *awareness*. Na situação clínica gestáltica, a apropriação do processo de *awareness* pelo sujeito da experiência é exatamente a que se presta a sua descrição psicológica, existencial, constituindo-se, inclusive, como uma das vias para um funcionamento orgânico saudável. O suporte teórico em defesa de uma ‘descrição gestáltica’ está presente desde a obra ‘Ego, Fome e Agressão’ quando Perls sistematiza a ‘Terapia de Concentração’ com o objetivo de recuperar a “sensação de nós mesmos” (Perls, 1942/2002, p. 264).

No desenvolvimento desse novo método está o argumento de “despertar o organismo para uma vida mais completa” por meio da concentração numa situação com interesse e atenção. Perls (1942/2002) expõe como funcionaria a técnica base da ‘Terapia de Concentração’ utilizando o ato de comer como paradigma e a descrição como um passo recomendado, a fim de facilitar o processo de concentrar-se na experiência. Sobre isso, diz que:

Temos de manter nossa mente no ato de comer; *temos de estar totalmente “aware” do fato de que estamos comendo*. Isto parece simples, talvez até bobo. Você pensa, é claro, que está “aware” de seu comer. Mas está? Ou você lê, fala, devaneia ou se preocupa enquanto come? (Perls, 1942/2002, p. 268, grifos do autor).

O pressuposto contido nessa técnica é que à medida que a pessoa vai se tornando *aware* do processo de se alimentar – que não corresponde à reflexão fenomenológica (método fenomenológico) exposta por Husserl –, envolvendo suas dificuldades e habilidades, sem promover intervenções prematuras enquanto se observa, ela terá uma nova compreensão não apenas acerca do seu processo de comer, mas também no que se refere aos vínculos emocionais envolvidos com a alimentação. Podemos considerar que essa como uma das ‘sementes’ que germina na obra ‘Gestalt-terapia’ que, por fim, dá ênfase na descrição da experiência em primeira pessoa como critério de legitimação da consciência tomada como *awareness*. Com isso, outros conceitos relevantes que embasam a abordagem, tais como aqui-e-agora, figura-fundo e a própria noção de *awareness*, entram totalmente em consonância com a ideia do foco na experiência.

Por fim, concluímos que a descrição que caracteriza a teoria e a prática apresentada na obra “Gestalt-terapia” não seria, de fato, uma “descrição fenomenológica”, mas uma “descrição gestáltica” com uma caracterização peculiar, psicoterapêutica e mérito próprio.

Advertimos que cabe ainda uma investigação ulterior sobre a apropriação do termo “fenomenológico” pelos autores da GT, porque como temos analisado nessa pesquisa o uso do termo tem tido poucas influências diretas da Fenomenologia filosófica de Husserl. Os termos “Fenomenologia”, “fenomenológico” são termos comuns no pensamento filosófico que significa em geral uma: “Descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição” (Abbagnano, 2007, p. 437), mas que, especificamente na cultura estadunidense, teve uma circulação proveniente do pragmatismo de C. Peirce. Na acepção do filósofo americano, temos “a fazer como estudantes de fenomenologia, é simplesmente abrir nossos olhos mentais, olhar bem para o fenômeno e dizer quais são as características que nele nunca estão ausentes, seja esse fenômeno algo que a experiência externa força a nossa atenção, ou seja, o mais selvagem dos sonhos ou a mais abstrata e geral conclusões da ciência” (Peirce, 1931/1958, §41).

2.3. Proposição da Gestalt-terapia como uma teoria alternativa ao modelo de ciência positivista e causal, utilizando como fundamento a Fenomenologia.

Chegamos, então, a última citação direta e explícita da Fenomenologia identificada na obra ‘Gestalt-terapia’ (1951), propondo-a “como um método alternativo ao método científico dominante” (From & Miller, 1997, p. 28). Diferentemente dos próprios autores da obra, temos nesse momento, especificamente na parte da “Introdução” (pré-textual), escrita e incluída em 1994, uma exposição para o entendimento da Fenomenologia. Nessa exposição, relacionam “a nova perspectiva” dos autores do ‘Gestalt-terapia’ com o “entendimento fenomenológico”, contextualizam sinteticamente a Fenomenologia e a proposta de seu método, pela restauração

da unidade sujeito-mundo (postulando uma visão de homem em termos de totalidade em contraposição a uma visão dualista); e pelo reconhecimento da legitimidade dos dados da consciência subjetiva como objeto válido da ciência (From & Miller, 1997).

É possível afirmar, diante de tudo o que já foi exposto, que tanto a Fenomenologia quanto a Gestalt-terapia em sua origem, com motivações e direcionamentos diversos, buscaram contribuir com novas perspectivas dentro do âmbito de seu campo de saber. Para a Gestalt-terapia, um dos elementos-chave que permeia toda a construção teórica e psicoterapêutica elaborada pela tríade de autores é a concepção de totalidade representada, inclusive, pela palavra “*Gestalt*”. Essa ideia de totalidade foi sendo reconstruída por Perls ao longo de seu desenvolvimento teórico-vivencial e foi encontrando ressonância em várias das teorias com as quais ele entrou em contato. Desde o expressionismo alemão, representado principalmente por Salomo Friedlander (1871-1946) e sua Indiferença Criativa, passando pelo Holismo de Jan Smuts e ganhando força por meio da Teoria Organísmica de Kurt Goldstein, vimos amadurecer em Perls a concepção da neurose como resultante das dicotomias, tanto na constituição psíquica humana, quanto na sociedade, dispondo o ser humano e o mundo em polos distintos, e da restauração da integridade humana como solução para o bem viver.

Frente a tudo isso, desenvolver uma “mentalidade gestáltica” é buscar uma estética de pensamento que está visando uma superação da oposição, dos contrastes e das dicotomias, e se aproximando de um pensamento que busque a integralidade e a inteireza (Perls et al., 1997). Essa estética gestáltica da totalidade seria os ‘óculos’ necessários para a leitura da obra ‘Gestalt-terapia’, restaurando a perspectiva unitária inerente ao ser humano e que consiste na “abordagem original, não deturpada e natural da vida” (Perls et al., 1997, p. 32). A Fenomenologia, mais uma vez, participaria na sustentação dessa concepção que já existia, reconhecido o percurso intelectual, vivencial e teórico de Perls, sendo levada a cabo em 1951. Além disso, também destacamos nessa pesquisa o quanto o pragmatismo, em especial a

corrente do funcionalismo da Escola de Chicago, também postulava uma certa superação da dicotomia em função das finalidades e práticas e suas críticas ao preciosismo fisiológico-teórico dos positivistas.

Um outro aspecto da crítica que a Gestalt-terapia faz ao “método científico dominante”, representado pela Psiquiatria e, mais especificamente, pela Psicanálise, diz respeito à normatividade em relação aos conceitos de saúde e doença. Esse modelo de ciência encadeia causas e sintomas, traçando um protocolo rígido de tratamento ao qual o paciente apenas se ajusta. A Gestalt-terapia, como estabelecem From e Miller (1997), busca um outro olhar sobre o “patológico” pautando-se numa perspectiva fenomenológica que, conforme trataram, representaria essa noção de um pensamento antidicotômico. Há, portanto, uma rejeição ao modelo causal por considerá-lo inadequado tanto na definição quanto na lida com o ‘patológico’.

Seguindo essa linha de raciocínio estabelecida por From e Miller (1997), a Fenomenologia surge como possibilidade de redefinição desse ‘patológico’ tomando por base a experiência do sujeito como critério de saúde e doença, ou seja, verificar por meio da descrição da experiência se ela é ou não funcional e, caso não seja, encontrar até mesmo a ‘coerência’ da disfuncionalidade, pensando nos seguintes termos:

(...) queremos elaborar uma tipologia a partir da experienciação da realidade concreta. Vamos discutir as vantagens de uma abordagem desse tipo e as propriedades de uma tipologia que possa ser útil na terapia (porque, naturalmente, é uma pessoa única que estará sendo tratada, e não um tipo de doença) (Perls et al., 1997, fls. 249).

Essa perspectiva de “ciência” que a Gestalt-terapia endereça (e que pensa encontrar na Fenomenologia de Husserl, por exemplo), a fim de embasar sua proposta teórica, não enfatiza

os elementos essenciais formadores de alguma tipologia, como uma teoria da personalidade, dos afetos ou até mesmo uma classificação psicopatológica. Diferentemente, relaciona essa descrição do sujeito a partir de sua própria experiência particular, real, e como ele, particularmente, lida conta dela. É nesse sentido a seguinte ocorrência encontrada no ‘Gestalt-terapia’:

Do ponto de vista filosófico este é um treinamento em fenomenologia: a percepção de que sua sequência de pensamentos, sua experiência superficial – seja o que for e o que quer que represente – é antes de tudo algo que existe por direito próprio. Mesmo que algo seja “apenas um desejo”, é algo, a saber, o próprio evento de desejar. Isto é, portanto, tão real quanto qualquer outra coisa (Perls et al., 1951, p. 81, tradução nossa).

O tema com que se debate a Gestalt-terapia nesse momento da discussão é a validade da “vivência” singular (vivência no sentido comum), material primordial de qualquer processo psicoterápico, como critério de verdade na compreensão do humano. A questão visa abordar o particular “cientificamente”. A crítica à ciência normativa, positivista vem justamente de sua falta metodológica em lidar com o particular, principalmente com o singular que é trazido e reconhecido na psicoterapia, encostando na velha tensão teórica existente entre o idiográfico e o nomotético. Esse nos parece ser um ponto importante quando os autores discutem os modelos de ciência, visto que em primeira pessoa não tratamos de temas científicos, mas de questões humanas, como foi salientado pelos autores. E, é nessa perspectiva, que From e Miller (1994) afirmam que a obra germinal da Gestalt-terapia,

(...) em lugar de tentar descrever saúde e patologia em termos derivados da ciência causal, apresenta um *entendimento fenomenológico*, baseado na experiência observável e imediatamente relatável, de como uma pessoa faz para criar – e continua criando – uma realidade neurótica ou saudável (From & Miller, 1997, p. 28, grifos nossos).

Esse modo de compreender e legitimar a experiência em primeira pessoa é também uma noção que caracteriza e distingue a abordagem gestáltica no cenário das abordagens psicoterapêuticas. Nesse sentido, seria possível tomar o foco na experiência como o caminho de construção de um método “científico gestáltico”, ou seja, descrever a experiência, legitimar, questionar e validar a experiência a fim de torná-la *awareness*, gerando mudança.

Na Fenomenologia de Husserl, temos visto outro sentido, existindo uma crítica dura em relação à ciência positivista de sua época, principalmente em função da exigência e preocupação com a fundamentação do conhecimento. Uma das questões que levou Husserl sempre a recomeçar suas investigações foi seu cuidado em verificar a questão do rigor e da segurança do método. Portanto, o tema da ciência é um lugar sensível e essencial que percorrerá toda a vida de Husserl, desde seu período pré-fenomenológico, quando ainda se ocupava da fundamentação da matemática, até seus últimos escritos denominados “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental”, que reúne conferências e manuscritos (Husserl, 1954/2012; Goto, 2015).

Como vimos, há no cerne da filosofia fenomenológica uma preocupação epistemológica de erigir um solo firme que fosse capaz de propiciar às ciências particulares um fundamento racional com que pudessem realizar uma análise crítica de sua função no universo do conhecimento. Sokolowski (2014) coloca esse anseio epistemológico nos seguintes termos:

A fenomenologia assim ajuda as ciências particulares e a atitude natural por clarificar sua parcialidade, por trazer à luz o que está ausente para elas, e por mostrar que o que elas identificam pode ser visto desde perspectivas que elas não possuem” (Sokolowski, 2014, p. 222).

Nesse sentido, ao dedicar dez anos de seus estudos objetivando resolver a problemática do psicologismo, Husserl verdadeiramente enfrentou sua própria crise sobre o sentido da ciência e buscou construir uma fundamentação do saber numa dimensão diferente daquela postulada pelas ciências naturais e, principalmente daquela Psicologia da época, e pela dificuldade em estabelecer uma linha de continuidade entre as “verdades de fato” e as “verdades de razão”. O que o psicologismo tinha a oferecer ao filósofo não seria suficiente para que ele pudesse constituir aquele solo firme, afinal, consistia em um “modo de fundamentar a ciência nas características psicológicas próprias da espécie humana”, o que em outras palavras significaria compreender que “os problemas de fundamentos que as ciências (...) podem colocar vão ser resolvidos aprofundando o estudo da mente humana, no estudo do cérebro” (San Martín, 2008, p. 48).

Numa perspectiva mais ampla, esse problema epistemológico definiu, ainda nas palavras de San Martín (2008), “um problema antropológico” no sentido que atribui aos aspectos biológicos cerebrais a possibilidade de respaldar os significados do mundo humano, restringindo-o a uma dimensão puramente mental. Portanto, assumir o psicologismo seria não apenas fundamentar as ciências na contingência transitória dos fatos, mas assumir que o ser humano seria pura “facticidade, resultado dos fatos” (San Martín, 2008, p. 49). Logo, é a ‘visão de homem’ que está em jogo e não apenas uma visão de ciência no sentido que “o psicologismo não é mais do que o sintoma de uma crise antropológica expandida pela cultura

moderna” (San Martín, 2008, p. 50): se o humano na perspectiva psicologista é visto como um fato, e, se tudo mais são fatos, o próprio organismo biológico será desprovido de razão e de verdade.

Olhando desse lugar mais alargado, a tarefa a que Husserl se propõe é extremamente complexa, porque colocado entre o logicismo e o psicologismo, sua tarefa agora é retomar à razão como fundamento do conhecimento e da vida humana, retirando o homem da pura facticidade e reconduzindo-o à sua dimensão, não mais puramente mental, mas transcendental. Então,

O ser humano está *sujeito ao mundo*, por ser parte do mundo; mas ao mesmo tempo é *sujeito do mundo*, sendo o mundo uma parte do ser humano. O problema do psicologismo é ver o ser humano apenas como parte do mundo, como um fato no mundo. Mas se somos apenas fatos no mundo, dificilmente poderemos nos conceber como sujeitos do mundo, pois a razão implícita nesta segunda perspectiva não é um fato do mundo: a razão não é causada por circunstâncias mundanas: *a razão é o que que é por si mesma*” (San Martín, 2008, p. 51, grifos do autor).

Então, coube a Husserl a tarefa, a partir da Fenomenologia identificar as limitações do método das ciências naturais e das tendências psicologistas, entendendo que os fenômenos não deveriam ser mais tratados sentido das ciências empíricas, ou seja, como um objeto existente no mundo exterior (físico) ou interior (mental), mas sim como fenômenos puros, tais como se dão para à consciência (Husserl, 1913/2006). E se, como afirmou Husserl, “os fenômenos não são natureza, têm, contudo, uma essência captável, e adequadamente captável” (Husserl, 1911/1992, p. 47) que se abstrai totalmente da posição existencial da natureza e de mente, porque “(...) a fenomenologia pura considerada como ciência não pode

ser mais que uma investigação de essência e de nenhum modo uma investigação de existência” (Husserl, 1911/1992, p. 53-54). Então, significa que para Husserl a autêntica ciência fenomenológica tem sua fundamentação e motivação na tentativa de oferecer um fundamento evidente e apodítico (universal) ao conhecimento.

Numa perspectiva, por tudo o que foi abordado aqui, não é muito aceitável traçar uma linha reta que una os domínios da Gestalt-terapia e da Fenomenologia, afirmando que a filosofia fenomenológica ofereceu suporte “científico” alternativo à proposta da Gestalt-terapia nos termos em que vimos pelo intermédio de From e Miller (1997), pois: a Fenomenologia é uma ciência rigorosa, com um método sistemático, eidético e transcendental, cujo projeto é de fundamentação apriorística do conhecimento a partir das evidências apodíticas; enquanto que a Gestalt-terapia é uma ciência da experiência particular, que enfatiza a experimentação na busca de uma terapêutica que promova a integração. Podemos até cogitar que cada uma delas possa, em alguma instância, tocar os limites uma da outra, mas substancialmente, elas possuem motivações e perspectivas bem diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão desse estudo foi analisar certas correspondências entre os sentidos atribuídos à Fenomenologia encontrados na obra ‘Gestalt-Terapia’ (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*) e seus sentidos originários da Fenomenologia de Edmund Husserl, a fim de verificarmos convergências ou divergências, ou seja, a pertinência de uma aproximação teórica entre elas. A partir das citações encontradas na obra inaugural ‘Gestalt-terapia’ de 1951 sobre a Fenomenologia, identificou-se que os sentidos atribuídos à Fenomenologia se referem, a saber: a descrição processual da noção de

awareness; a descrição da experiência concreta em primeira pessoa; e a ideia de um modelo de ciência alternativo à ciência positivista.

Inicialmente, procedemos a uma apreciação geral sobre as demarcações históricas e epistemológicas da Fenomenologia e da Gestalt-terapia intencionando situá-las em seus respectivos domínios de conhecimento e contexto. Nesse momento, foi possível vislumbrar o caminho percorrido por E. Husserl partindo de suas investigações na matemática até a chegada na Fenomenologia, compreendendo a circunscrição que o filósofo fez direcionando suas investigações desde a atitude natural até à perspectiva transcendental do conhecimento. Do outro lado, a Gestalt-terapia, a seu turno, enquanto abordagem psicológica, busca compreender o humano em seu funcionamento psíquico, a fim de constituir-se uma prática clínica psicoterapêutica. Nessa apreciação, pudemos logo identificar uma distinção importante em relação aos domínios de campo e princípios: enquanto psicológica/psicoterapêutica a Gestalt-terapia concebe-se a partir do humano empírico, concreto, real, envolvido com a experiência implicada na existência; enquanto a Fenomenologia inicia sua análise filosófica dos aspectos essenciais, transcendentais que constituem o saber em seu sentido último, em uma orientação não-natural. Husserl não desejava estabelecer uma teoria sobre o mundo ou sobre o humano, mas uma Filosofia como “ciência” segura e rigorosa por onde pudessem fundamentar as ciências particulares, as “ciências de fatos”, na consecução de suas investigações.

Essa distinção sobre a abrangência de cada uma daquelas teorias nos indicou a dificuldade na transposição de conceitos efetuada entre Gestalt-terapia e a Fenomenologia. Como a abordagem gestáltica circunscreve-se num domínio mais restrito, empírico, que aquele alcançado pela filosofia fenomenológica, percebeu-se o equívoco da Gestalt-terapia de, ao servir-se de conceito e aportes fenomenológicos, ter promovido certas confusões e interpretações próprias, guardando de seu sentido original apenas uma vaga impressão e

desprezando a profundidade de sua amplitude, pela falta de precisão apresentada dos autores da obra.

Em relação ao emprego da Fenomenologia na obra ‘Gestalt-terapia’, quanto ao primeiro sentido encontrado, vimos que a filosofia husserliana tem um entendimento próprio de “consciência” diferenciado do entendimento de *awareness*. Enquanto a concepção gestáltica aponta para a descrição do mundo experienciado pelo sujeito individual e concreto, a consciência na fenomenologia de Husserl é descrita como intencional, orientando-se à descrição das estruturas apriorísticas da subjetividade transcendental. Em face dessa distinção, levantamos a hipótese que a interpretação dos autores para o conceito de *awareness* está muito mais próxima da visão pragmatista e funcionalista do que daquela formulada pela Fenomenologia de Husserl. Assim, verificamos semelhanças entre essas perspectivas que estavam correntes na cultura estadunidense e a Gestalt-terapia, por exemplo, com respeito a uma noção de consciência como um ‘fluxo’ de experiência e à relação mente-corpo como de profunda interação. Nesse sentido, parece-nos haver uma proximidade maior do conceito de *awareness* entre elas do que aquele descrito pelo fenomenólogo das “Ideias”.

Com referência à utilização da Fenomenologia como um recurso descritivo dos aspectos sensoriais envolvidos no “experienciar”, identificamos a diferença entre uma “descrição gestáltica” e uma “descrição fenomenológica”, a saber: a Fenomenologia realiza a descrição no seu sentido filosófico com o objetivo analítico de alcançar as essências universais; e a Gestalt-terapia, por sua vez, necessita de uma descrição concreta, empírica, atenta dos elementos sensoriais e singulares da experiência. Portanto, os direcionamentos são diversos. Husserl posiciona diferentemente as ideias de “experiência” (*Erfahrung*) e “vivência” (*Erlebnisse*) situando a experiência na atitude natural e, nesse aspecto, o mundo encontra-se dado e nós estamos imersos nele. Somente quando refletimos sobre a atitude natural, podemos adentrar na orientação fenomenológica que é a região das “vivências puras”.

Assim, fenomenologicamente, não podemos equiparar os sentidos “experiência” (*Erfahrung*) e “vivência” (*Erlebnisse*) visto que designam diferentes campos e domínios. Logo, para nós isso implicou que a “descrição gestáltica” que caracteriza propriamente a prática do gestalt-terapeuta e não é uma “descrição fenomenológica” como elaborou Husserl.

Outra especificação relevante que encontramos foi em relação ao esclarecimento do significado fenomenológico de “essência”. Embora, admitindo o uso coloquial do vocábulo “essência” na acepção do que há de mais “particular” para algo ou alguém (no sentido do singular), verificamos que não é esse exatamente o emprego que Husserl faz dele na Fenomenologia. Seu significado nessa filosofia é mais abrangente referindo-se à quintessência das vivências intencionais, “base da abstração dos conceitos” (Moura, 1989, p. 111), referindo-se ao “universal”, ao apodíctico.

Por fim, analisamos a proposição de que a Fenomenologia pudesse sustentar um modelo alternativo de ciência proposto pela Gestalt-terapia. Temos visto que as duas teorias de alguma forma promovem críticas ao modelo científico vigente à época. A Gestalt-terapia, inspirada por uma ideia de totalidade, busca desenvolver uma “mentalidade gestáltica” integrativa a fim de superar as dicotomias inscritas no funcionamento psíquico e na sociedade. Nesse intento, ela aborda a tensão existente entre o normativo e a validade da descrição da experiência singular no trato com o psiquismo, apoiando-se num “entendimento fenomenológico”. Nessa tensão, a ênfase defendida pela compreensão gestáltica discute a forma de acolhimento da dimensão idiográfica, visto que constitui o material primordial do processo psicoterapêutico. Quanto a isso, recorreremos a distinção entre os domínios de ambas as teorias para sustentar que a Gestalt-terapia tem argumentos suficientes para formular um “entendimento gestáltico” que estabeleça critérios de imersão nesse mundo singular e individual que é trazido à clínica. Portanto, nessa tarefa, entendemos que a Fenomenologia

pouco pode contribuir com a Gestalt-terapia, inclusive, em razão de sua proficiência nesse aspecto.

A Fenomenologia faz uma série de críticas à ciência, não a cientificidade dela, defendendo que ela ancore suas bases em solo seguro, atribuindo validade ao necessário e recuperando o conhecimento das “verdades de razão”. A tarefa husserliana, que o próprio filósofo considerou inconclusa, consistiu em apontar para um âmbito do saber que esteia o conhecimento e que, paradoxalmente, não é encontrado repartindo tecnicamente o mundo em partes miúdas e esquadrihando indutivamente leis e procedimentos. O âmbito a que o filósofo se dirigiu é aquele das verdades apriorísticas e universais, que existem no território puramente racional, mas que ingenuamente participa das brincadeiras de criança e define a dimensão verdadeiramente fraterna da existência consistindo naquilo que nos Humaniza, a despeito das diferenças cotidianas e circunstanciais.

Diante daquilo que nos foi possível nesse estudo e pesquisado acerca da pertinência entre os sentidos atribuídos à Fenomenologia encontrados na obra ‘Gestalt-Terapia’ e seus sentidos originários da Fenomenologia husserliana, concluímos que existe pouca correspondência, convergência entre os conceitos citados na obra da abordagem gestáltica e a filosofia husserliana. A principal razão dessa não conformidade é que a Gestalt-terapia e a Fenomenologia husserliana têm motivações, campos e domínios diferentes e sob perfis muito diversos.

A Gestalt-terapia recebe um “João” concreto em sua prática psicoterapêutica e senta-se com ele para uma conversa. Um ‘João’ único, particular, contingente, que traz para o *setting* um mundo conformado pela *sua* própria subjetividade, *sua* história, *seu* ambiente, *seu* mundo afinal. Ele traz para o *setting* o mundo-para-João constituído por todas essas dimensões. Na carnalidade de seus dias não existe outro mundo: o mundo é João e João é o mundo. É difícil para João descolar-se de si mesmo e de seu mundo cheio de coisas e pessoas.

A Fenomenologia analisa um “João” como ser humano universal, abstrato, fictício, exatamente na experiência do que significa ser-humano e viver no mundo-humano. Podemos até começar com um “João” aqui em carne-em-osso, mas o método fenomenológico exige que à medida que se “ganha altitude” (*epoché*), as nuances tão particulares de João vão ficando para trás (*reduções*): suas manias, sua cicatriz de infância, aquele jeito de piscar quando fica nervoso, são todas suspensas. Curiosamente, à medida que caminhamos, lado a lado com a Fenomenologia, vamos percebendo que João também é José: ele pensa como José, seu medo tem algo do medo de José, ele ama parecido como José também ama, eles até se vestem meio parecido e João consegue sentar-se com José no final de semana e compartilharem seus mundos tão iguais e diferentes, rindo juntos das mesmas piadas e se compadecendo das mesmas dores. Saber disso não faz João ser menos João. Mas o mundo de João não é somente mais um mundo-para-João, pois João também é o João de José, de Maria, de Isabel e de tantos outros. João vai ficando rarefeito à medida com que sobe a montanha com a Fenomenologia. Não porque aquelas nuances tão únicas o prejudiquem, nem porque haja sobre elas algum juízo de valor, mas a fim de des-cobrir a unidade aquilo que subjaz à multiplicidade. O resíduo a que João vai se ‘reduzindo’ conserva a sua humanidade mais própria que não se resume a sua singularidade, mas, que ao ser desvelada, permite-lhe acessar aquilo que também pertence a José, a Maria e aos demais. No cume da montanha, João não deixou de ser João. É possível, olhando bem, discernir tudo o que já estava ali desde o princípio, mas que somente pode ser contemplado abstraindo-se das distrações: a essência do que significa ser pessoa humana.

ÚLTIMAS REFLEXÕES

É extremamente complexo avaliar na constituição de qualquer dimensão do saber como o conhecimento vai sendo construído. Essa complexidade se observa nas diversas áreas da ciência psicológica, bem como pode ser também constatada no arsenal de saberes que compõe a vida do homem comum, imerso nos problemas de existir. No final das contas, sabemos que sabemos, mas é difícil, por vezes, reconstituir o percurso do aprendizado!

Os saberes da Gestalt-terapia, como vimos, foram sendo constituídos ao longo de décadas, metabolizados pela vivência e pelos estudos de seus autores principais. Portanto, buscar o sentido da Fenomenologia para a Gestalt-terapia foi certamente esbarrar nessa complexidade em suas introjeções e projeções formativas. Nosso objetivo geral foi investigar a contribuição da Fenomenologia husserliana na constituição da Gestalt-terapia, tendo em vista a aproximação usual entre elas encontrada na literatura gestáltica (Perls, 1951, 1979, 1997; Ginger & Ginger, 1995; Yontef, 1998; Zinker, 2007).

Tomamos como marco objetivo de nossa investigação a obra gestáltica, publicada em 1951, “*Gestalt-terapia*” (*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*), escrita por Frederick Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman, em Nova Iorque. Essa demarcação não teve como intuito fugir daquela complexidade, mas, ao contrário, pretendeu distingui-la com clareza, buscando com mais precisão e noção a sua profundidade. Analisar qual o sentido de Fenomenologia que a Gestalt-terapia se baseou, então, imersa em suas formulações e qual o seu entendimento, de fato.

Partimos de uma perspectiva histórico-epistemológica, a fim de investigar como ocorreu a aproximação entre a abordagem gestáltica e a filosofia fenomenológica até a escrita da referida obra. Em seguida, identificamos, por meio da análise das aparições/citações dos termos “fenomenologia” e afins na obra “Gestalt-terapia”, os sentidos atribuídos à

Fenomenologia; para, finalmente, analisamos a convergência ou divergência entre os sentidos encontrados na obra e aqueles postulados na filosofia fenomenológica proposta por Husserl.

Foi-nos possível concluir que houve uma aproximação histórica tênue em virtude do pouco aprofundamento conceitual epistemológico dos autores responsáveis pela formulação inicial da Gestalt-terapia na filosofia fenomenológica, pela falta de citações, domínio conceitual, referências e testemunhos, embora indiretamente tenham tido contato com a Fenomenologia. Ainda, identificamos que, na obra analisada, há referências sobre a Fenomenologia sem que, contudo, os sentidos a ela atribuídos possuam correspondência exata com seus sentidos originários na filosofia husserliana, expressando mais interpretações, demonstrando nelas certa apropriação superficial que guarda apenas impressões daquilo que de fato representam. Também observamos que pode ter existido uma certa confusão semântica em relação à fenomenologia com ideias e conceitos que, em verdade, são oriundos do Pragmatismo e Funcionalismo, mas isso exige uma pesquisa mais aprofundada nesse quesito.

Em vista disso, gostaríamos de apontar algumas considerações resultantes de nossa pesquisa, a fim de contribuir com futuros estudos. Diante dos resultados encontrados, inicialmente, seria importante investigar qual a proficiência dos gestalt-terapeutas em relação ao conhecimento dos conceitos da filosofia husserliana, uma vez que identificamos que os fundadores tinham de maneira muito superficial e difusa. Ainda, se a literatura inaugural da Gestalt-terapia apresenta esses equívocos na apropriação de postulados ditos ‘fenomenológicos’, como isso aparece em outras obras dos mesmos autores? E, por fim, mediante tudo isso, como pode ser ponderado o conhecimento da Gestalt-terapia como ‘fenomenológica’ dos profissionais em relação a esses postulados na atualidade?

Ainda, não menos importante, cogitamos em que medida é, de fato, necessário à Gestalt-terapia referendar-se à Fenomenologia, a fim de compor sua epistemologia e método? Não bastaria a ela ser uma abordagem humanista? Como vimos, a Gestalt-terapia não foi uma

teoria psicológica e psicoterapêutica que se constituiu significativamente com fundamentos de origem e conceitos tão bem definidos de maneira epistemológica, não tendo um aprofundamento dos teóricos gestálticos, principalmente, dos conceitos fenomenológicos conforme postulados. A Gestalt-terapia nasceu de uma prática terapêutica explicitada por explicações teóricas oriundas de muitas ideias de seus autores e a Fenomenologia era apenas uma dessas filosofias que estava em plena discussão entre eles.

Então, em meio a tudo isso, como a Fenomenologia pode, de fato, contribuir com a abordagem gestáltica, se não foi, como vimos, como teoria e método? Seria a atribuição da Gestalt-terapia como uma abordagem de procedência fenomenologia, uma estratégia para torná-la mais rigorosa e bem-quista? Será que a perspectiva essencial de pessoa humana seria relevante no trato cotidiano da psicoterapia? Caso afirmativo, em que sentido? Como clínicos, nosso foco de trabalho recai sobre a busca de sentido pessoal, empírico e singular constituído na relação psicoterapêutica. Vislumbrar a dimensão das “essências” traria alguma contribuição efetiva ao nosso trabalho? Talvez como uma “psicologia fenomenológica”, como elaborou Husserl, ou seja, uma ciência fenomenológica das vivências psíquicas universais? Nessa perspectiva, não seria nessa dimensão que residiria o verdadeiro sentido da totalidade? Pois, como afirma sabiamente Sokolowski (2014), “estamos agora inundados por fragmentos sem quaisquer totalidades, por multiplicidades carentes de identidades, e por múltiplas ausências sem nenhuma presença real.” (p. 12). Esses são alguns questionamentos que ficam.

As limitações encontradas no caminho desta pesquisa foram muitas e de diversas naturezas, como citamos no percurso. Também tivemos obstáculos referentes ao período pandêmico mundial até as próprias limitações teóricas da pesquisadora. Em relação a isso, como já relatado, o ponto de partida desta pesquisadora é clínico, assim, compreender o universo da filosofia fenomenológica foi um caminho complexo e necessário, no sentido de aprender a ‘ver’ o que está diante dos olhos e não apenas seguir e aceitar conceitos e ideias.

Compreendemos, por fim, que do mesmo modo que entre os clínicos existe uma “mentalidade gestáltica”, existe também uma “mentalidade fenomenológica” que é necessário alcançar, muito mais radical e rigorosa em seus princípios.

Foi possível perceber que nenhuma delas é apenas teórica, mas que se deve começar pela própria “vida”, nos diversos sentidos. Talvez esse seja um aspecto que as aproxima: pelo lado gestáltico, a imersão na experiência muito facilmente nos coloca em contato com o tônus da vida; a novidade é que no enfrentamento das dificuldades que notoriamente a Fenomenologia impõe ao raciocínio, é possível também captar quão profundos são seus questionamentos e sua motivação. Perls, Goodman e Husserl, cada um de modo bem diverso, eram homens inquietos que buscavam contribuir com um mundo melhor. As formas com que lidaram com esse anseio ao longo de sua vida certamente os fazem diferentes em seus caminhos; o encontro com a finitude manifestou a eles a consciência que estavam apenas começando. É preciso recomeçar! Na sua incompletude, cabe a nós prosseguirmos. Talvez essa seja uma boa provocação para continuar perguntando, mas agora respeitando cada uma delas em seu domínio e princípios: em que a Fenomenologia poderia contribuir com a Gestalt-terapia?

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- American Psychological Association (2021). Division 32. Society for Humanistic Psychology. About the Society. Recuperado de <https://www.apadivisions.org/division-32/about>
- Angell, J. (1971). O Funcionalismo. Em R. Herrnstein & E. Boring (Orgs.), *Textos básicos de história da psicologia* (pp. 617-626., D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Editora Herder. (Original publicado em 1907).
- Ash, M. G. (1995) *Gestalt Psychology in German Culture, 1890-1967: Holism and the Quest for Objectivity*. Cambridge University Press.
- Bakewell, S. (2017). *No café existencialista: o retrato da época em que a filosofia, a sensualidade e rebeldia andavam juntas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Bello, A. A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Bauru, SP: EDUSC.
- Bello, A. A. (2017). *Introdução à fenomenologia*. Belo Horizonte: Spes Editora.
- Belmino, M. C. B. (2014). Paul Goodman e o projeto do livro Gestalt Therapy. *IGT na Rede*, 11(20), pp. 120-142. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100008&lng=pt&tlng=pt
- Belmino, M. C. B. (2017). *A ontologia gestáltica de Paul Goodman e seus desdobramentos clínicos, políticos e educacionais: Gestalt-terapia, anarquia e desescolarização*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Branco, P. C. C. & Cirino, S. D. (2022). Carl Rogers e a Recepção da Fenomenologia na Psicologia Estadunidense. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2022, v. 38.

- Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e38405>>. Epub 21 Jan 2022. ISSN 1806-3446. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38405>
- Brentano, F. (1935). *Psicología desde um ponto de vista empírico*. José Gaos (Trad.). Madrid: Revista de Occidente. (Original publicado em 1874).
- Besora, M. V. (1982). Entrevista con Carl Rogers. *Anuario de Psicologia*, 27(2), 109-115. Universitat de Barcelona.
- Besora, M. V. (1986). La Psicología Humanista: Historia, concepto y método. *Anuario de Psicología*, 34. Universitat de Barcelona.
- Brožek, J. & Massimi, M. (1998). *Historiografia da Psicologia Moderna*. Edições Loyola: São Paulo.
- Buyss, R. (2006). A psicologia humanista. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: rumos e percursos* (pp. 339-348). Rio de Janeiro: Editora Nau.
- Carr, H. A. (1917) "The Nature of Mental Process." *Psychological Review*, 24, 181-187. <https://doi.org/10.1037/h0073942>
- Castro, R. G. & Gomes, W. B. (2015). Fenomenologia e Psicologia Experimental no Início do Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jul-Set 2015, 31(3), 403-410. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015032125403410>
- Cataldo-Maria, T. M. de S., & Winograd, M. (2012). Freud e Brentano: Mais que um Flerte Filosófico. *Psico*, 44(1). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/9989>
- Dartigues, A. (2005). *O que é a fenomenologia?* São Paulo: Centauro.
- Depraz, N. (2007). *Compreender Husserl*. Petrópolis: Vozes.

- Dewey, J. (2007). O desenvolvimento do pragmatismo americano. *Scientiae Zudia*, São Paulo, v. 5, n. 2, pp. 227-243. (Original publicado em 1931). Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000200006>
- Dewey, J. (1969). *The Early works, 1882-1988*. Vol. I. Carbondale, IL: Illinois University Press.
- Dewey, J. (1980). A arte como experiência. Em M. O. R. Paes Leme, *Coleção Os Pensadores* (Trad.). São Paulo: Abril Cultural.
- Engelmann, A. (2002). A Psicologia da Gestalt e a Ciência empírica Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, jan-abr 2002, 18(1), pp. 001-016. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000100002>
- Farber, M. (1966). *The Aims of Phenomenology: The Motives, Methods, and Impact of Husserl's Thought*. New York: Harper & Row.
- Farber, M. (2012). Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 235-245. <https://doi.org/10.18065/RAG.2012v18n2.13>
- Frazão, L. M. (2013). Um pouco da história... um pouco dos bastidores. Em L. M. Frazão & K. O. Fukumitsu (Orgs.), *Gestalt-terapia – Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas* (pp. 11-23). São Paulo: Summus.
- From, I. (1997). A conversation with Isadore From. Em J. Wysong e E. Rosenfeld (Orgs.), *An oral history of Gestalt Therapy: interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster, Miriam Polster, Elliot Shapiro* (pp. 25-46). Gouldsboro, Maine, USA: The Gestalt Journal Press. Ebook Kindle.
- From, I. & Miller, M. V. (1994). Introduction. Em F. Perls, R. Hefferline e P. Goodman, *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality* (pp. 15-29). The Julian Press Inc.: New York.

- From, I. & Miller, M. V. (1997). Introdução à edição do The Gestalt Journal. Em F. Perls, F. Hefferline & P. Goodman, *Gestalt-terapia* (pp. 15-29). São Paulo: Summus.
- Garcia, E. (2016). Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica - uma discussão necessária. *Línguas & Letras*, 17(35). Recuperado de <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/13193>
- Ginger, S., & Ginger, A. (1995). *Gestalt: Uma Terapia do Contato*. São Paulo: Summus.
- Goodman, P. (1947). *Communitas Means of Livelihood and Ways of Life*. New York: Vintage Books.
- Goodman, P. (1960). *Growing Up Absurd. Problems Of Youth In The Organized System*. New York: Random House.
- Goodman, P. (1960). *Five Years: thoughts during a useless time*. New York: Vintage Books.
- Goodman, P. (1973). *Speaking and Language: defence of poetry*. London: Wildwood House
- Goodman, P. (1976). *La Des-educacion Obligatoria*. Barcelona: Editorial Fontanella.
- Goodman, P. (2010) *New Reformation Notes of a Neolithic Conservative*. PM Press: Oakland, CA.
- Goto, T. A. (2015). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Granzotto, R. L. & Muller-Granzotto, M. J (2004). Self e Temporalidade. *Igt na Rede*, 1(1).
- Gurwitsch, A. (1966). *Studies in phenomenology and psychology*. Evanston: Northwestern University Press.
- Hall, C. S. & Lindzey, G. (1969). *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Herder/EDUSP.
- Heidbreder, E. (1981). *Psicologias do Século XX*. São Paulo: Mestre Jou.
- Helou, F. (2015). *Frederick Perls, vida e obra: em busca da Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2015.

- Henle, M. (1979). Phenomenology in Gestalt psychology. *Journal of Phenomenological Psychology*, 10(1). <https://doi.org/10.1163/156916279X00022>
- Hilgard, E. R. (2014). Harvey Carr and Chicago Functionalism: A Simulated Interview. Em G. A. Kimble, M. Wertheimer, & C. White (Eds). *Portraits of pioneers in psychology*. New York, NY: Psychology Press
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. Em N. J. de Faria & A. F. Holanda (Orgs.), *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica* (pp. 23-55). Campinas: Livro Pleno
- Holanda, A. F. (2009). Princípios da Gestalt e a Teoria da Forma. Em C. Tourinho & R. Sampaio (Orgs.), *Estudos em Psicologia. Uma Introdução* (pp. 57-82). Rio de Janeiro: Proclama.
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo – Reflexões necessárias*. Curitiba: Juruá.
- Holanda, A. F. & Moreira, J. da S. (2017). Fenomenologia, organismo e vida: uma introdução à obra de Kurt Goldstein. *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, 1(2), 231-254. Recuperado de <https://doi.org/10.48075/aoristo.v1i2.18217>
- Holanda, A. F., Souza, J. C. de & Ferrete, Y. A. (2020). Revista da Abordagem Gestáltica - phenomenological studies: sua produção científica entre 2007 - 2017. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(1), 111-121. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.10>.
- Husserl, E. (1977). *Phenomenological Psychology: Lectures, SummerSemester*. The Hague: Martinus Nijhoff. (Original publicado em 1925). <https://doi.org/10.1007/978-94-010-1083-2>

- Husserl, E. (1965). *A Filosofia como Ciência de Rigor*. Coimbra: Atlântida. (Original publicado em 1911).
- Husserl, E. (1975). *Articles sur la logique* (Jacques English, Trad.). Paris: PUF.
- Husserl, E. (1992). *La filosofía como ciencia estricta*. Buenos Aires: Editorial Almagesto. (Original publicado em 1911).
- Husserl, E. (2006) *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura*. Marcio Suzuki, (Trad.). Aparecida/SP: Ideias & Letras. (Original publicado em 1913).
- Husserl, E. (2007). *Investigações Lógicas Prolegômenos para uma lógica pura: fundamentação da lógica e doutrina da ciência*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Original publicado em 1901).
- Husserl, E. (2012). *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma introdução à Filosofia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1936).
- Husserl, E. (2014). *Investigações lógicas: Prolegômenos à lógica pura* (Vol. 1, D. Ferrer, Trad.). Rio de Janeiro: Forense. (Original publicado em 1900).
- James, W. (1974). *Princípios de Psicologia*. Em P. R. Mariconda (Trad.), *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. (Original publicado em 1890).
- James, W. (1976). *Essays In Radical Empiricism*. New York, London, Bombay, and Calcutta: Longmans, Green & Co (Original publicado em 1912).
- James, W. (2005). *Pragmatismo*. São Paulo: Martin Claret. (Original publicado em 1907).
- Keller, F. S. (1970). *A Definição da Psicologia. Uma introdução aos sistemas psicológicos*. São Paulo: Editora Herder.

- Kersten, F. (1982). Translator's Note. Em Husserl, E. (1982), *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy: First Book: General Introduction to a Pure Phenomenology*.
- Kinouchi, R. R. (2007). *Notas introdutórias ao pragmatismo clássico*. *scientiæ studia*, São Paulo, v. 5, n. 2, pp. 215-26. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000200005>
- Lapoujade, D. (2017). *William James, a construção da experiência*. São Paulo: Editora N-1
- Lima, T. C. S. & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10 (esp.), 37-45. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- Loffredo, A. M. (1994). *A cara e o rosto: ensaio sobre Gestalt-Terapia*. São Paulo: Escuta.
- Maciel, J. de C. (2003). Franz Clemens Brentano e a Psicologia. Em M. A. de T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs), *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas* (pp. 27-39). Campinas, SP: Editora Alínea.
- Manzi Filho, R. (2015). Uma euforia sem rigor? O que seria uma patologia, para Goldstein? Em C. A. F. Silva (Org.), *Kurt Goldstein: psiquiatria e fenomenologia* (pp. 67-87). Cascavel, PR: Edunioeste.
- Maslow, A. (1970). *Introdução à Psicologia do Ser* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Eldorado. (Original publicado em 1962).
- Maslow, A. H. (1986) Psicologia Existencial – O que há nela para nós? Em R. May (Org.), *Psicologia Existencial* (pp. 57-66). Porto Alegre: Globo (Original publicado em 1961).
- Matson, F. F. (1975). Teoria Humanista: a terceira revolução em Psicologia. Em T. C. Greening, *Psicologia Existencial-Humanista* (pp. 69-81). Rio de Janeiro: Zahar.

- McKenna, R. W. (1984). Ideas Pertaining to a pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy. *First Book: General Introduction to a Pure Phenomenology*, 1(1), 105–130. <https://doi.org/10.1007/BF01569209>
- Misiak, H. & Sexton, V. S. (1973). *Phenomenological, existential and humanistic psychologies: a historical survey*. New York: Grune & Stratton.
- Moreira, Virginia. (2009). A Gestalt-terapia e a Abordagem Centrada na Pessoa são enfoques fenomenológicos?. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(1), 3-12. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100002&lng=pt&tlng=pt
- Morente, M. G. (1980). *Fundamentos de Filosofia: lições preliminares*. São Paulo: Mestre Jou.
- Moura, C. A. R. de (1989). O Método das Investigações. Em *Crítica da Razão na Fenomenologia*, pp. 101-130. São Paulo: Nova Stella Editorial.
- Müller-Granzotto, M., & Müller-Granzotto, R. (2007). *Fenomenologia e gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Orengo, F. V., Holanda, A. F. & Goto, T. A. (2020a). Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: uma compreensão empírica. *Psicologia Em Estudo*, 25. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45065>
- Orengo, F. V., Holanda, A. F. & Goto, T. A. (2020b). “Psicologia Fenomenológica” de Husserl – a (In)compreensão de Psicólogos Brasileiros: Um Estudo Empírico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Vol. spe. doi:10.12957/epp.2020.56651 ISSN 1808-4281 (online version). <https://doi.org/10.12957/epp.2020.56651>
- Peirce, C. S. (1958). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. 5. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. (Original publicado em 1931).

- Peres, S. P. (2015). A fenomenologia de Husserl no contexto da psicologia na virada para o século XX. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 3, pp. 986-1005. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300012&lng=pt&tlng=pt <https://doi.org/10.12957/epp.2015.19423>
- Peres, S. P. (2017). Psicologismo e psicologia em Edmund Husserl. *Aoristo International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, n° 1, v. 2, p. 64. Recuperado de <https://doi.org/10.48075/aoristo.v1i2.18209>
- Perls, F. S. (1969). A Life Chronology. *The Gestalt Journal*, XVI, n. 2, 1993. <https://www.gestalt.org/fritz.htm>
- Perls, F. S. (1977a). Gestalt-terapia e potencialidades humanas. Em J. O. Stevens (org.), *Isto é Gestalt* (pp. 19-27). São Paulo: Summus (coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- Perls, F. S. (1977b). Teoria e Técnica de Integração da Personalidade. Em J. O. Stevens (Org.), *Isto é Gestalt* (pp. 69-98). São Paulo: Summus.
- Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz – Dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. S. (1988). *A abordagem gestáltica e Testemunha ocular da terapia* (2ª ed.). Rio de Janeiro: LTC Editora.
- Perls, F. S. (1997). Frederick Perls interviewed by James Simkim. Em J. Wyszog e E. Rosenfeld (Orgs.), *An oral history of Gestalt Therapy: interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster, Miriam Polster, Elliot Shapiro* (pp. 3-25). Gouldsboro, Maine, USA: The Gestalt Journal Press. Ebook Kindle.
- Perls, F. S. (2002). *Ego, fome e agressão. Uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus. (Original publicado em 1942).
- Perls, F. S., Hefferline, R., & Goodman, P. (1951). *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*. Dell Publishing Inc.: New York.

- Perls, F. S., Hefferline, R. & Goodman, P. (1994). *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in The Human Personality*. The Julian Press Inc.: New York. (Original publicado em 1951).
- Perls, F. S., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus. (Original publicado em 1951).
- Perls, L. (1997). A conversation with Laura Perls. Em J. Wysong e E. Rosenfeld (Orgs.), *An oral history of Gestalt Therapy: interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster, Miriam Polster, Elliot Shapiro* (pp. 3-25). Gouldsboro, Maine, USA: The Gestalt Journal Press. Ebook Kindle.
- Perls, L. (2012). *Living at the boundary*. New York: The Gestalt Journal Press. Ebook Kindle.
- Petry, A. M. (2012). *Franz Brentano: o Conceito, o Objeto e o Método de uma “Psicologia do Ponto de Vista Empírico”*. Dissertação de mestrado em Filosofia PUC: São Paulo. Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11609>
- Petzold, H. G. (1984). “Trends and development of Gestalt therapy in Europe (European sources of Gestalt Therapy)”, in *Bulletin van de nederlandse vereniging voor gestalt therapie. Informes do Congresso Quinquenal*, Utrech (Tradução Luiz Fernando Ferreira da Rosa Ribeiro).
- Piaget, J. (1969). *Sabedoria e Ilusões da Filosofia*. São Paulo: Difusão Europeia.
- Pinto, E. B. (2015). *Elementos para uma compreensão diagnóstica em Psicoterapia. O ciclo de contato e os modos de ser*. São Paulo: Summus.
- Revista da Abordagem Gestáltica. (2021). Missão. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1809-6867
- Rehfeld, A. (2013). Fenomenologia e Gestalt-terapia. Em L. M. Frazão & K. O. Fukumitsu (Orgs.), *Gestalt-terapia – Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas* (pp. 24-33). São Paulo: Summus.

- Ribeiro, J. P. (2012). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Rogers, C. (1964). Toward a Science of the Person. Em T. Wann (Org.), *Behaviorism and Phenomenology: Contrasting Bases for Modern Psychology* (pp. 109-131). University of Chicago Press.
- Rogers, C. (1968/1973). Algumas Reflexões Referentes aos Pressupostos Atuais das Ciências do Comportamento. Em C. Rogers & W. Coulson (Orgs.), *O Homem e a Ciência do Homem* (pp. 55-80). Interlivros.
- Sahakian, W. S. (1982). *History and Systems of Social Psychology*. Washington, D.C.: Hemisphere Pub. Corp.
- San Martín, J. (2008). *La fenomenologia de Husserl como utopiá de la razón. Introducion a la fenomenologia*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Santos, H. P. dos, & Veríssimo, D. S. (2017). Aron Gurwitsch, intérprete de Kurt Goldstein: a intencionalidade categorial. *Psicologia em Pesquisa*, 11(1), 1-2. <https://dx.doi.org/10.24879/2017001100100210>.
- Santos, M. A. dos, Silva., P. F. A. L., Nascimento., L. C., & Farinha, M. G.. (2020). Psicoterapia de abordagem gestáltica: um olhar reflexivo para o modelo terapêutico. *Psicologia Clínica*, 32(2), 357-386. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A08>
- Sokolowski, R. (2014). *Introdução à fenomenologia* (4ª ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Spiegelberg, H. (1982). *The phenomenological movement: A historical introduction* (3ª ed. rev.). *Phaenomenologica* (Vols. 5/6). The Hague/Boston: Martinus Nijhoff. <https://doi.org/10.1007/978-94-009-7491-3>
- Stein, E. (2018). *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. São Paulo: Paulus.

- Stein, E. (2019). A Fenomenologia e seu significado de visão de mundo. Em Edith Stein, *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*, Ursula Anne Matthias (Trad.) (pp. 137-164). São Paulo: Paulus.
- Stoehr, T. (1998). Introducción a los ensayos psicológicos de Paul Goodman. *Revista GESTALT*, nº 3, Société Française de Gestalt-thérapie, 1992, pp. 59-73, tradução Carmen Vázquez Bandín del Centro de Terapia y Psicología, Madrid.
- Stoehr, T. (2007). *Aqui, agora y lo que viene: Paul Goodman y la Psicoterapia Gestalt em tiempos de crisis mundial* (3ª ed.). Santiago: Editorial Cuatro Vientos. (Original publicado em 1994).
- Stoehr, T. (2011). *The Paul Goodman Reader*. PM Press: Oakland, CA.
- Sutich, A. J. (1976). *The founding of Humanistic and Transpersonal Psychology: a personal account* [Unpublished paper]. Dissertation for the Humanistic Psychology Institute.
- Tellegen, T. (1984). *Gestalt e Grupos – Uma perspectiva sistêmica*. São Paulo: Summus.
- Tourinho, C. D. C. (2013). O Lugar da Experiência na Fenomenologia de E. Husserl: de Prolegômenos a Ideias I. *Trans/Form/Ação*, Marília, 36(3), pp. 35-52, Set./Dez., 2013. Acesso em <https://doi.org/10.1590/S0101-31732013000300004>
- Yontef, G. M. (1998) *Processo, diálogo e awareness. Ensaio em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Zinker, J. (2007). *O Processo criativo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

ANEXO I

Carta enviada por Paul Goodman a W. Köhler, datada de 07 de dezembro de 1951, extraída de Stoehr, 2007, p. 78.

“Estimado Wolfgang Köhler:

La Dra. [Molly] Harrower me envió su nota sobre nuestra Terapia Gestáltica. Permitame hacer algunos comentarios para evitar malentendidos. Probablemente usted alcanzó a leer sólo las primeras secciones - si hubiera llegado a la parte más sistemática (Teoría del Sí Mismo al final del Vol. 2), sus observaciones serían menos relevantes. La estrategia de ordenamiento del libro fue comenzar a un nivel más “popular” – más asequible en conceptos, hábitos de lectura estadounidenses, etc. – y avanzar desde ahí hacia lo más difícil y original. Esto resultó en un lenguaje y tratamiento de conceptos que, para mi gusto, a menudo es apenas tolerable; su expresión “casi vulgar” es dura, pero no injusta.

Para entrar en materias más importantes: nuestra tesis no es que los gestaltistas no hayan “acertado en los puntos principales”, como usted dice, sino que los han captado pero no subrayado. Nuestro método de trabajo clínico es en principio- simple: concentrarse en la unidad de la conducta, por-ejemplo, la coherencia de la imagen que se describe, la expresión facial durante la descripción y el tono de voz empleado. Cuando las distorsiones (no-simplicidad) de esta unidad se hacen conscientes, las perturbaciones en las condiciones de la concentración de inmediato empiezan a ponerse en primer plano, por ejemplo, algo evitado en el contacto entre paciente y terapeuta, tensiones musculares inconscientes, etc. Es decir, tratamos de desarrollar

un experimento abierto en vez de uno controlado: la pregunta no es bajo qué condiciones obtenemos una conducta coherente, sino más bien qué condiciones se deben cambiar a medida que la conducta trata de lograr la simplicidad. Esto nos lleva a formulaciones en la teoría concerniente a la relación y secuencia dinámica de figuras y fondos. El Vol. 2 de nuestro libro intenta bosquejar tal teoría, y me parece que no es irrelevante para la Psicología Gestáltica, sino un aporte en dicha psicología.

En otras palabras, tomamos la indicación terapéutica de Goldstein de que en cualquier disfunción (por ejemplo, un miembro lisiado y contraído) debemos mirar alternadamente la parte protegida, como la figura o el fondo. El inconveniente con la postura de Goldstein – si me permite desviarme – es que continuamente tiende a derrotarse a sí mismo con su notable prejuicio de que la conducta extensora es menos “digna” y menos “humana” que la conducta contractora (me habría gustado citarle uno o dos párrafos de su *Organism*, pero no tengo el texto al mano). El resultado de esto es que el ambiente es descartado como fuente de energía *curativa* – apesar de que a veces él menciona, por lo general entre paréntesis, que el ambiente *sí* aporta para formar la figura. Es decir, se condena a una *mera* fisiología, así como la mayoría de los otros psicólogos g[estálticos] se circunscriben a una psicología perceptual o interpersonal. En nuestro libro tratamos de redintegrar [sic] estas divisiones, Esto resulta en considerables aventuras metafísicas, muy opuestas a los conceptos populares —todo lo cual constituye el tema del Vol. 2.

Finalmente, permítame hacer una observación sobre el título de nuestro libro. Es difícil satisfacer a tres autores. El Prof. Hefferline y el Dr. Perls tienen devotas conexiones con la Gestalt. (La Dra. L. Perls - esposa del Dr. F. y su colaboradora durante 20 años - fue, por ejemplo, una fervorosa discípula de Wertheimer). Respecto a mí, mi afinidad con la forma de expresar estas ideas emana modernamente de,

digamos, *Ideen* de Husserl o, en el aspecto opuesto, de Dewey. Pero finalmente, tanto para usted como para nosotros, la más intrínseca - y en muchos sentidos aún la mejor - expresión de nuestra postura es la de Aristóteles y Kant. Y luego ¿qué? Permítame decirle que apostaría a que, desde el punto de vista de la apreciación del público, la Psicología Gestáltica tradicional sacará más provecho del uso que damos a ese lenguaje que el que obtendrá nuestro libro por llamarse La Terapia Gestáltica.

Em lo personal, permítame agradecerle la influencia formativa que tuvieron sus libros em mi juventud.

Sinceramente,

Paul Goodman

Tradução

Estimado Wolfgang Köhler:

A Dra. Harrower me enviou sua nota sobre o nosso *Gestalt terapia*. Permita-me fazer alguns comentários para evitar mal-entendidos. Provavelmente você realizou a leitura apenas dos primeiros capítulos – se houvesse chegado à parte mais sistemática (Teoria de Si Mesmo ao final do volume 2 suas observações seriam menos relevantes. A estratégia de ordenamento do livro foi começar de um nível mais “popular” - mas acessível aos conceitos e hábitos de leitura estadunidenses etc. – e avançar em direção aos pontos mais difíceis e originais. Isso resultou em uma linguagem e tratamento dos conceitos que, para meu gosto, é apenas tolerável; sua expressão “quase vulgar” é dura, mas não injusta.

Para entrar nas questões mais importantes: nossa tese não é que os gestaltistas não tenham “acertado nos pontos principais”, como você disse, mas sim que os tenham

captado, mas não acentuado. Nosso método de trabalho clínico é em princípio simples: concentrar-se na unidade de comportamento, por exemplo, a coerência da imagem que a pessoa descreve com a expressão facial durante a descrição e o tom de voz empregado. Quando as distorções (não simplesmente) desta unidade são conscientes, as perturbações nas condições da concentração de imediato se colocam em primeiro plano, por exemplo, algo evitado no contato entre paciente e terapeuta, tensões musculares inconscientes etc. Ou seja, tratamos de desenvolver um experimento aberto em lugar de um controlado: a pergunta não é em que condições obtemos um comportamento consistente, mas sim quais condições devemos mudar à medida que o comportamento tenta alcançar a simplicidade. Isto nos leva a formulações na teoria consistentes com a relação figura-fundo. O Vol. 2 de nosso livro tem a intenção de rascunhar esta teoria e me parece que isso não é irrelevante para a Psicologia Gestáltica, mas sim uma contribuição para referida Psicologia.

Em outras palavras, tomamos a indicação terapêutica de Goldstein de que em qualquer disfunção (por exemplo, um membro lesionado e contraído) devemos atentar alternadamente a parte saudável como figura ou como fundo. O inconveniente da postura de Goldstein – se me permite desviar – é que continuamente tende a derrotar-se a si mesma com seu notável prejuízo que o comportamento extensor é menos "digno" e menos "humano" que o comportamento contratante (gostaria de citar-lhe um ou dois parágrafos de seu *Organismo*, mas não tenho o livro nas mãos). O resultado disso é que o ambiente é descartado como fonte de energia curativa – apesar de que as vezes se menciona, em geral entre parêntesis, que o ambiente fornece energia para formar a figura. Quer dizer, se condena a uma mera fisiologia, assim como a maioria dos outros psicólogos gestálticos se circunscrevem a uma psicologia da perceptiva ou interpessoal. Em nosso livro tratamos de reintegrar essas divisões. Isto resulta em

consideráveis aventuras metafísicas, muito contrárias aos conceitos populares – tudo isso constitui o tema do Vol. 2.

Finalmente, permita-me fazer uma observação quanto ao título de nosso livro. É difícil satisfazer a três autores. O Prof. Hefferline e o Dr. Perls têm devotas conexões com a Gestalt (A Dra. L. Perls – esposa de Dr. F. e sua colaboradora durante 20 anos – foi, por exemplo, uma fervorosa discípula de Wertheimer). Com respeito a mim, minha afinidade com a forma de expressar essas ideias procede modernamente de, digamos, as *Ideias* de Husserl ou, em sentido oposto, de Dewey. Todavia, finalmente, tanto para você quanto para nós, a mais intrínseca – e em muitos sentidos a melhor – expressão de nossa postura é a de Aristóteles e Kant. E logo que? Permita-me dizer-lhe que apostaria que, do ponto de vista da apreciação do público, a Psicologia Gestáltica tradicional terá mais proveito do uso que demos a essa linguagem do que obterá nosso livro por chamar-se *Gestalt-terapia*.

Pessoalmente, permita-me agradecer-lhe a influência formativa que tiveram seus livros em minha juventude.

Sinceramente,

Paul Goodman